



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Vívian Marcello Ferreira

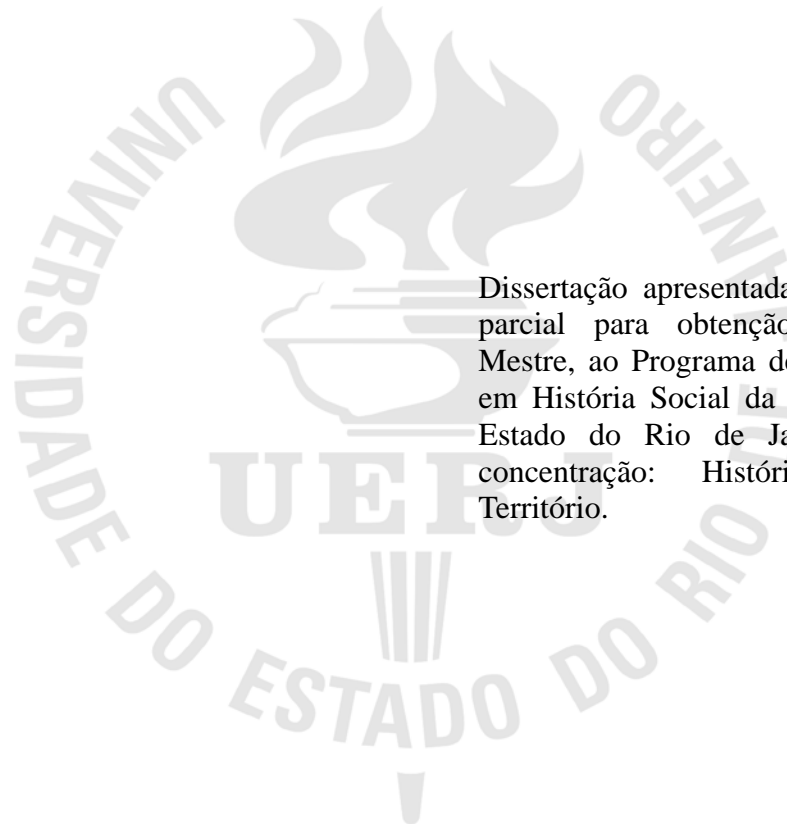
**Moda e condição feminina nas páginas da revista *Fon-Fon* (1910-1920)**

São Gonçalo

2016

Vívian Marcello Ferreira

**Moda e condição feminina nas páginas da revista *Fon-Fon* (1910-1920)**



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva

São Gonçalo

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

F383 Ferreira, Vivian Marcello.  
Moda e condição feminina nas páginas da revista *Fon-Fon* (1910-1920) / Vivian Marcello Ferreira – 2016.  
143f.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva  
Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Mulheres – Condições sociais – Rio de Janeiro (RJ) – Teses.  
2. Mulheres na imprensa, 1910-1920 – Teses. I. Silva, Ana Paula Barcelos Ribeiro da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. III. Título.

CDU 396

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Vívian Marcello Ferreira

**Moda e condição feminina nas páginas da revista *Fon-Fon* (1910-1920)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Aprovada em 27 de abril de 2016.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva (Orientadora)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Letícia Corrêa  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Anna Marina Madureira de Pinho Barbará Pinheiro  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Cláudio Antônio Santos Monteiro (Suplente)  
Faculdade de Formação de Professores – UERJ

São Gonçalo

2016

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha família e amigos que torceram por mim desde que entrei no mestrado. Agradeço minha mãe Margareth Marcello, por acreditar em mim e pelo amor incondicional, apoio e incentivo. Certamente, minha mãe conseguiu demonstrar, com clareza, a importância dos estudos em minha formação.

Agradeço a minha saudosa avó Edesina de Souza Marcello que com suas constantes palavras de ânimo, doçura e carinho me mantiveram forte e esperançosa nos estudos e na vida. Apesar da sua ausência, eu tive forças para continuar esta pesquisa, lembrando sempre dos seus conselhos e ensinamentos. Vó, este trabalho é pra você que sempre acreditou e se orgulhou de mim!

Agradeço à professora Ana Paula Barcelos que gentilmente aceitou orientar esta pesquisa. Agradeço pelas indicações de caminhos a seguir na escrita, por toda paciência, pela generosidade que me atendeu todas as vezes que precisei, pelas críticas e reflexões realizadas ao longo do mestrado que acrescentaram muito no resultado final deste trabalho. Também sou grata à banca do exame de qualificação, as professoras Maria Leticia Corrêa e Anna Marina Barbará Pinheiro, pela leitura cuidadosa, pelas indicações bibliográficas e correções que me ajudaram a desenvolver melhor o trabalho. Deixo também registrado meu agradecimento ao Programa de Pós Graduação em História Social pela oportunidade de realizar o mestrado. À coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agência financiadora desta pesquisa.

Por último agradeço ao meu marido Andrews Silveira Caetano pela constante companhia, atenção, carinho e paciência compartilhados durante esses onze anos juntos e todo apoio durante os quatro anos de graduação e dois de mestrado, sempre me incentivando a realizar meus sonhos. Tenho plena certeza de que sem estas pessoas citadas ao meu lado, eu não conseguiria chegar até aqui.

## RESUMO

FERREIRA, Vívian Marcello. Moda e condição feminina nas páginas da revista *Fon-Fon* (1910-1920). 2016. 143f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

Essa dissertação tem como objetivo analisar a condição feminina no período de construção da modernidade no Rio de Janeiro, bem como os novos padrões de beleza e comportamento adotados pela classe dominante e divulgados pela imprensa entre as décadas de 1910 e 1920. Pretendemos pensar a modernidade sob a ótica da revista, pela lógica da reafirmação da divisão sexista dos papéis sociais. Isto porque em relação aos comportamentos femininos, apesar das transformações inerentes à época, o encontro entre tradição e modernidade seguia limitando a atuação das mulheres na sociedade. Assim, utilizando o vestuário como janela de reflexão, relacionamos modernidade, relações de gênero e ideias sociais e políticas. Então, percebemos as marcas da tradição inerentes a este contexto de transformações. Neste sentido, analisamos a *Revista Fon-Fon* onde é possível visualizar a mudança na maneira de vestir e agir das cariocas e a construção e a reprodução de um padrão de comportamento feminino, marcado pela exclusão e pela definição social de papéis. Partimos de uma relação dialética entre a sociedade e a revista que torna-se um instigante pretexto para as reflexões acerca dos valores sociais e políticos transmitidos pelo vestuário e pelo comportamento feminino. Assim, suas charges, caricaturas e artigos nos permitem pensar os significados conferidos ao feminino, em geral muito marcados por uma visão conservadora de sociedade. Portanto, é possível notar que havia um investimento da classe dominante na busca por caminhos que pudessem levar à civilização e ao progresso e a mulher era parte direta deste processo. Esta mulher continuava retratada como mãe e dona de casa, em oposição aos avanços do feminismo, frequentemente criticado pela *Fon-Fon*. O Brasil precisava se tornar visível ao mundo e, para isto, inspirava-se em Paris como uma referência de civilização, cultura e comportamento. Assim, tomamos como objeto as representações do feminino na *belle époque* carioca, visualizadas nas imagens fotográficas, artigos e propagandas da revista, ajudando-nos a compreender o lugar social da mulher na modernidade. Esta era idealizada e representada a partir de valores que conjugavam tradição e modernidade.

Palavras-chave: História. Imprensa. Relações de gênero.

## RESUMEN

FERREIRA, Vívian Marcello. Moda y la condición de la mujer en las páginas de la revista *Fon-Fon* (1910-1920). 2016. 143f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo.

Esta disertación tiene como objetivo analizar la condición femenina en el período de construcción de la modernidad en Rio de Janeiro, así como los nuevos padrones de belleza y comportamiento adoptados por la clase dominante y divulgados por la prensa entre las décadas de 1910 y 1920. Pretendemos pensar la modernidad bajo la óptica de la revista, por la lógica de la reafirmación de la división sexista de los papeles sociales. Esto porque en relación a los comportamientos femeninos, a pesar de las transformaciones inherentes a la época, el encuentro entre tradición y modernidad seguía limitando la actuación de las mujeres en la sociedad. Así, utilizando la vestimenta como ventana de reflexión, relacionamos modernidad, relaciones de género e ideas sociales y políticas. Entonces, percibimos las marcas de la tradición inherentes a este contexto de transformaciones. En este sentido, analizamos la Revista *Fon-Fon* donde es posible visualizar el cambio en la manera de vestir y actuar de las cariocas y la construcción y reproducción de un padrón de comportamiento femenino, marcado por la exclusión y la definición social de papeles. Partimos de una relación dialéctica entre la sociedad y la revista que se vuelve un instigador pretexto para las reflexiones a cerca de los valores sociales y políticos transmitidos por la vestimenta y el comportamiento femenino. Así, sus comics, caricaturas y artículos nos permiten pensar los significados otorgados a lo femenino, en general muy marcados por una visión conservadora de la sociedad. De este modo, es posible notar que había una inversión de la clase dominante en la búsqueda de caminos que pudieran llevar a la civilización y al progreso, y la mujer era parte directa de este proceso. Esta mujer seguía retratada como madre y dueña de casa, en oposición a los avances del feminismo, frecuentemente criticado por *Fon-Fon*. Brasil necesitaba volverse visible al mundo y, para esto, se inspiraba en París como una referencia de civilización, cultura y comportamiento. Así, tomamos como objeto las representaciones del femenino en la belle époque carioca, visualizadas en las imágenes fotográficas, artículos y propagandas de la revista, ayudándonos a comprender el lugar social de la mujer en la modernidad. Ésta era idealizada y representada a partir de valores que conjugaban tradición y modernidad.

Palabras claves: Historia. Prensa. Relaciones de género.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Apresentação da revista Fon-Fon! .....	19
Figura 2 –	Charge sobre a função da mulher na sociedade .....	21
Figura 3 –	Agradecimento das leitoras à revista Fon-Fon .....	24
Figura 4 –	Todas as colunas da revista Fon-Fon prestando sua homenagem na edição de aniversário .....	25
Figura 5 –	Avenida Beira Mar construída por Pereira Passos .....	39
Figura 6 –	Demolição dos Quiosques do centro do Rio de Janeiro, em 1911 .....	43
Figura 7 –	Charge sobre as reformas realizadas no Rio de Janeiro .....	43
Figura 8 –	Fotografia de ginástica sueca feminina em uma escola .....	62
Figura 9 –	Fotografia de patinação .....	62
Figura 10 –	Fotografia de uma reunião para andar de bicicleta .....	63
Figura 11 –	Filantropia das mulheres da classe dominante .....	68
Figura 12 –	Cartaz de propaganda feminina nos anos de 1910 .....	73
Figura 13 –	Vários cartazes femininos .....	75
Figura 14 –	Moda como prática de cultura .....	77
Figura 15 –	Mulher usando calça comprida no Brasil .....	79
Figura 16 –	Mulher de calça foi a capa da revista .....	80
Figura 17 –	Mulher como o espelho da moda .....	83
Figura 18 –	Charge sobre a mulher na política .....	85
Figura 19 –	Charge sobre a mulher na política .....	87
Figura 20 –	Charge satirizando o feminismo e o voto .....	89



Figura 21 – Charge sobre o feminismo no Brasil e a inversão de papéis sociais .....	90
Figura 22 – Ilustração que mostra a desilusão feminina ao sair do lar .....	91
Figura 23 – A modernidade como destruidora da moral feminina .....	92
Figura 24 – Chá da tarde das mulheres da classe dominante .....	93
Figura 25 – Cartaz de propaganda de cigarros .....	94
Figura 26 – Caricatura da mulher moderna do Rio de Janeiro .....	100
Figura 27 – Desigualdade e privilégios .....	105
Figura 28 – Fotografia da escritora Laurence Bloch .....	106
Figura 29 – Anúncio do COMPOSTO RIBOTT .....	116
Figura 30 – Charge sobre o divórcio .....	130

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1	<b>CAPÍTULO 1: FON-FON: A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE NO RIO DE JANEIRO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO</b> .....	14
1.1	<i>Fon-Fon</i> : semanário alegre, político, crítico e esfuziante .....	14
1.2	A República, a <i>belle époque</i> carioca e a modernidade .....	36
1.3	Patriarcado ou dominação masculina na modernidade? .....	48
2	<b>CAPÍTULO 2: GÊNERO E CONDIÇÃO FEMININA – O PAPEL DA MULHER NA MODERNIDADE</b> .....	59
2.1	A mulher na família: o papel da boa esposa .....	59
2.2	Moda, comportamento e condição feminina .....	70
2.3	Autonomia, feminismo e divórcio .....	84
3	<b>CAPÍTULO 3: VOZES FEMININAS NA FON-FON: O QUE DIZEM AS MULHERES?</b> .....	99
3.1	<i>Carnet Mondain d'une parisienne</i> .....	99
3.2	Moda à francesa ou estilo carioca de ser? .....	113
3.3	Outras vozes femininas na <i>Fon-Fon</i> .....	124
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	134
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	139

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho refletiremos sobre a sociedade carioca no início do século XX, no contexto da *belle époque*, que se moderniza e constrói novos padrões de beleza com referência europeia. Focalizamos a relação entre história e imprensa, pois acreditamos que esta foi um dos principais veículos de divulgação das ideias de modernidade e progresso do período proposto. Para Ilka Stern Cohen, as revistas ilustradas são importantes construtoras de discurso do seu tempo: “Resumindo os eventos da semana, comentando as mazelas da política oficial e retratando a vida cotidiana da cidade, as revistas construíam um discurso sobre seu tempo, projetando simultaneamente um ideal de sociedade”<sup>1</sup>.

Assim, utilizamos a revista *Fon-Fon*, publicação carioca do período, como fonte e objeto. Nosso objetivo é investigar como se construiu a modernidade e o feminino a partir da análise da revista com imagens, representações e significações. Assim, são destacados os comportamentos exigidos das mulheres pelo discurso de modernidade e o quanto este representa em termos de dominação de gênero e exclusão social.

Sabemos que parte da historiografia entende a revista como progressista, como por exemplo, a autora Mônica Velloso quando destaca que sua proposta “(...) é a de analisar, especificamente, o papel da revista *Fon-Fon!* como agente mediador da atualização”<sup>2</sup>. Segundo ela, a revista apresenta um conteúdo moderno e revolucionário, com a proposta de atualizar comportamentos, ideias e valores:

Na capa de seu segundo número, a *Fon-Fon!* exibiu o personagem do *chauffeur* carregando, em uma bandeja, uma máquina fotográfica. Ícone do moderno, a câmera dava forma, sentido e, sobretudo, contornos de realidade às imagens de um mundo que se apresentava, até então, como utópico, irreal e fantástico. As revistas almejavam um alvo bastante claro: fazer chegar aos seus leitores idéias, valores, comportamentos e imagens de um universo que se apresentava de forma inaugural, revolucionária e, sobretudo, sedutora. As publicações desempenharam papel de verdadeiros agentes mediadores no processo de atualização cultural<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> COHEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos”. In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 114.

<sup>2</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. *Fon-Fon! Em Paris: passaporte para o mundo*. “Fon-Fon! Buzinando a modernidade”. *Caderno de Comunicação*. Série Memória; 22, Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação, 2008, p. 12.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 11.

Ou seja, para ela os assuntos e as imagens contidas na *Fon-Fon* traziam para seus leitores a concepção do moderno e do novo no cotidiano das cidades. Ao analisar a condição feminina na revista, Monica Velloso a entende como sufragista apoiadora das causas feministas, contra o conservadorismo e as desigualdades de gênero: “A revista esteve engajada na campanha das ‘sufragistas’ que, inovadoramente, faziam a apologia do voto feminino no Brasil. Uma mídia, sem dúvida, avançada para aqueles tempos de machismo explícito e de preconceitos sexuais hipócritas”<sup>4</sup>.

Porém, diferentemente da autora, nós a entendemos como marcada por aspectos conservadores e defensora dos papéis tradicionais femininos, evidenciando a tradição como parte da modernidade. É possível notar que a partilha binária e a divisão desigual do gênero são utilizadas na *Fon-Fon* por meio de um discurso em torno da construção dos modelos de mulher e de comportamentos femininos modernos. As mulheres eram representadas a partir das imagens de “fragilidade e periculosidade que exigiam cuidado, zelo e vigilância constantes por parte do pátrio poder”<sup>5</sup>. Defendemos então, que a revista definia papéis de gênero determinados e procurava difundir-los no momento em que as mulheres ocupavam cada vez mais os espaços públicos e atuavam profissionalmente.

A revista era consumida por homens e mulheres da classe dominante, mas seu discurso trazia muitos aspectos que objetivavam moldar o comportamento feminino. Assim, nosso foco de análise é esta mulher com poder aquisitivo, público alvo da *Fon-Fon*. Na construção da ordem burguesa, havia um modelo de mulher a ser seguido e a moda era uma forma de representação de poder e dominação da qual a classe dominante se apropriava para exibir sua imagem de moderna e civilizada. Assim, partindo de uma relação dialética entre revista e sociedade, não visamos refletir somente sobre a importância da moda, mas sim, notar que através do estudo do vestuário é possível perceber algumas normas sociais de conduta, códigos hierárquicos e o papel social da mulher na construção de uma ordem burguesa no Brasil. Neste sentido, analisamos o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu<sup>6</sup>, com a intenção

---

<sup>4</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. *Fon-Fon! Em Paris: passaporte para o mundo*. “Fon-Fon! Buzinando a modernidade”. *Caderno de Comunicação*. Série Memória; 22, Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação, 2008, p. 22.

<sup>5</sup> MACENA, Fabiana Francisca. *Madames, mademoiselles, melindrosas: “feminino” e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010, p.8.

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

de refletir sobre a moda como prática de cultura. Este conceito nos permite observar a moda como uma forma de expressividade dos indivíduos e ou dos grupos, entendendo expressividade como um diálogo estabelecido entre indivíduo e sociedade. Apoio-me também na noção de “distinção” para compreender que a moda, além de integrar, cumpre a função de classificar hierarquicamente os agrupamentos sociais.

Dois principais questionamentos orientam nossa leitura da experiência de modernização na sociedade carioca dos primeiros anos da República: Qual era o perfil das mulheres apresentadas na revista *Fon-Fon* durante a *belle époque* (1910- 1920)? Ou seja, quais os vínculos de classe, a etnia, as condições de vida, imagens, significações, valores, papéis que informaram o que era preciso para ser uma mulher “moderna” e aceita pela classe dominante? Além disto, como se deu a representação da modernidade e do feminino na revista em seu papel de orientar a moda e o comportamento feminino na modernidade? Procuramos, então, refletir sobre como os autores da revista apresentaram/entendiam o feminino e a modernização na sociedade carioca, compreendendo que não se trata de “uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta”<sup>7</sup>.

Portanto, partimos dos estudos de gênero para investigar “as relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos (...) e as relações de poder estabelecidas a partir desta distinção”<sup>8</sup>, como afirma Joan Scott. Veremos como, segundo a leitura da *Fon-Fon* e de sua estratégia discursiva baseada na divisão binária de comportamentos e relações sociais em feminino/masculino, construiu-se uma orientação do que seriam a modernidade e o feminino.

Na organização desta dissertação, optamos por uma estrutura em três capítulos. No primeiro, a fim de analisar a construção da modernidade no Rio de Janeiro e as relações de gênero, pretendemos perceber as mudanças ocorridas no início do século XX com remodelações dos hábitos e comportamentos moldados a partir da estética burguesa europeia, como as reformas urbanas no Rio de Janeiro, feitas por Pereira Passos, o projeto higienista e sanitarista de Oswaldo Cruz, e os novos hábitos considerados modernos. Estas transformações modificaram a sociedade, alterando suas perspectivas de futuro, reflexão que será desenvolvida a partir das perspectivas distintas, mas complementares, de Reinhart Koselleck e

---

<sup>7</sup> ARRUDA, Ângela. “Teoria das representações sociais e teorias de gênero”. *Cadernos de Pesquisa*, n. 17, novembro de 2002, p. 134.

<sup>8</sup> SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil da análise histórica”. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez., 1990, p. 15.

Marshall Berman. No Brasil, na passagem do século XIX para o XX, o progresso estava muito vinculado ao positivismo, mas sem apagar o papel da religião, ou da cultura religiosa, responsável por manter a ordem e a coesão social. Assim, há ambiguidades no processo de modernização brasileira que pensaremos neste capítulo.

Analisamos também o contexto histórico e social no qual a revista *Fon-Fon* era produzida, bem como o grupo por ela responsável. Pretendemos destacar a importância da imprensa como um dos principais veículos de divulgação de um ideal de modernidade e progresso e a relação entre a *Fon-Fon* e seu público leitor. Além disto, refletiremos sobre os conceitos de patriarcado e dominação masculina, muito importantes na discussão que a dissertação propõe, através, principalmente, das análises de Pierre Bourdieu e de trabalhos organizados pelos autores Luis Felipe Miguel e Flávia Biroli. Sem a pretensão de chegar a uma resposta final, pensamos e pontuamos qual destes poderia ser o mais adequado para o contexto histórico analisado.

No segundo capítulo, continuaremos a refletir sobre os estudos de gênero, porém com ênfase na condição feminina no Brasil. Analisaremos o papel da mulher na modernidade. Será destacado, qual era o ideal de mulher moderna para a *Fon-Fon* e como ela era representada principalmente através do vestuário. Autoras como Margareth Rago, Sueann Caulfield, Joan Scott, e outras, nos auxiliaram na compreensão do comportamento feminino, seu cotidiano nas famílias, nas relações sociais e de poder nos espaços privados e públicos neste período de mudanças aceleradas. Período no qual, inclusive, pensadores reformistas e conservadores debatiam e buscavam determinar as condições de vida da mulher, sua participação social, e, mais especificamente, seu comportamento sexual, diretamente relacionado à honra.

Ademais, analisamos a moda tomando como base o campo da história cultural com fundamentação em Roger Chartier<sup>9</sup> e seu conceito de “representações coletivas”, que nos ajuda a compreender os lugares ocupados por determinados grupos sociais, além da forma como a mulher, nosso foco principal, é apresentada. Analisando o vestuário feminino no período, podemos perceber algumas normas sociais de conduta, relações de poder, códigos hierárquicos e o papel social e político da mulher. Assim, visamos compreender um novo padrão que estava sendo construído socialmente, relacionando a moda e a imagem da mulher

---

<sup>9</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

na sociedade carioca. Muitas das leitoras fora dos padrões divulgados em fotos e artigos de moda feminina eram consideradas feministas e constantemente criticadas pela *Fon-Fon*, sendo consideradas como uma forma de ameaça a ordem patriarcal e conservadora da época, o que de várias formas interferia na possível liberdade/autonomia política, econômica ou social da mulher. Neste sentido, apresentaremos ainda a visão da revista sobre assuntos como o divórcio, a inserção da mulher no mercado de trabalho e o sufrágio feminino – temas em geral vistos como perigos da vida moderna. Afinal, o ideal feminino seguia sendo o de esposa, mãe e dona de casa, em oposição ao feminismo, frequentemente criticado pela *Fon-Fon*.

Por fim, no terceiro capítulo analisaremos a coluna: “*Carnet Mondain d’une Parisienne*” escrito por uma parisiense chamada Mme. Laurence Bloch a fim de investigar o que significava ser uma mulher moderna com comportamento moralizado e civilizado. Analisaremos, ao mesmo tempo, outros artigos assinados por possíveis mulheres na revista, observando o que elas defendiam acerca do comportamento feminino. É possível, com isto, perceber e dar visibilidade ao pequeno, mas significativo, número de participações femininas nas publicações do periódico, que era comandado por homens. A mulher pouco falava em uma revista que era feita não apenas, mas amplamente, para o público feminino. Tratava-se de homens dizendo às mulheres como elas deveriam se comportar socialmente. O objetivo é entender o que estas poucas mulheres diziam e porque elas estavam presentes na revista.

Em resumo, em um trabalho de pesquisa histórica sempre marcado por recortes e escolhas, este foi o caminho de análise que optamos por seguir na tentativa de relacionar história, imprensa e estudos de gênero na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX.

# 1 FON-FON: A CONSTRUÇÃO DA MODERNIDADE NO RIO DE JANEIRO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

## 1.1 *Fon-Fon*: semanário alegre, político, crítico e esfuziante

As secções mundanas estão medrando no nosso jornalismo como cogumelos. Não há periódico, por mais serio que seja, politico ou commercial, que não tenha a sua columnna de elegancias (...). A rapaziada de casa, tambem dada ao smartismo e conhecedora das descripções de toilettes finíssimas, resolveu tambem inaugurar na Fon-Fon uma resenha semanal das chiquezas que lhe passarem pelos olhos ávidos de... belleza e elegância (...)<sup>10</sup>.

[...] O Rio civilisa-se! Pegou de galho como se costuma dizer. Ella é usada a todo proposito, quer se abra uma nova e ampla rua, quer se inaugure mais uma loja de barbeiro. E' assim como que um grito de entusiasmo, uma manifestação vibrante de patriotismo. O Rio civiliza-se! A tua frase parece destinada a ter a celebridade da de D. Pedro I. Não ha duvida! O Rio civiliza-se!... mas o diabo é que ainda nos restam tantas cousas feias e atrasadas do passado!<sup>11</sup>

Os trechos acima foram publicados, respectivamente, nos anos de 1908 e 1912 na revista *Fon-Fon*. A elegemos como fonte e objeto desta pesquisa por considerá-la formadora e reprodutora de opiniões e comportamentos da sociedade carioca durante o início do século XX. Estar “Na calçada”, expressão que intitula o primeiro trecho citado, significava ser “moderno”, o que por sua vez, significava ser “civilizado”, como enfatizado no segundo trecho. Neste percebemos ainda uma inquietação por parte de quem o escreveu em razão das permanências nos hábitos cotidianos da cidade do Rio de Janeiro que, segundo a revista, atrasavam o projeto de modernização da cidade. Partindo deste ponto, quais seriam esses hábitos considerados atrasados? Qual seria a influência que a revista exercia sobre a sociedade carioca no início do século XX para dizer o que seria atrasado ou não? Podemos perceber que o sujeito, ao ser visto nos espaços públicos, era também vigiado e controlado constantemente por padrões de comportamento estabelecidos pela classe dominante. Estes faziam parte do projeto de modernização da cidade e eram divulgados pela imprensa que influenciava e afirmava tais modelos a serem seguidos. Então, a liberdade de circulação determinava

<sup>10</sup> “Na calçada”. *Fon-Fon*. Anno II, n. 41, 18 de janeiro de 1908.

<sup>11</sup> “Cartas Abertas”. *Fon-Fon*. Anno VI, n. 31, 3 de agosto de 1912.



algumas normas de condutas sociais que eram marcadas pela divisão sexista, principal foco da nossa análise.

No Rio de Janeiro, a então Capital Federal, surgiram as mais importantes revistas da época. Como afirma Monica Pimenta Velloso, elas “traduziam uma nova linguagem, mais atraente, mais ágil, destinada a obter uma comunicação mais eficaz”<sup>12</sup>. A modernidade carioca pode ser pensada a partir destas revistas por diferentes perspectivas, inclusive pela descrição que elas trazem dos espaços de sociabilidade da época, como cafés literários e salões. Porém, interessa-nos percebê-las através da representação do feminino, nelas constantemente relacionado à modernidade e à civilidade. Neste sentido, priorizamos a análise da revista *Fon-Fon* entre os anos de 1910 e 1920, a fim de pensar algumas práticas e representações formadoras e reprodutoras da modernidade carioca, principalmente no que tange ao feminino. A própria *Fon-Fon* se identificava como um “semanário alegre, político, crítico e esfusante” sendo que, “político” e “crítico” para os homens, “alegre” e “esfusante” para as mulheres. Assim, objetivamos investigar quais significados, valores e imagens são atribuídos aos papéis de gênero na revista.

A imprensa carioca no início do século XX foi um dos principais veículos de divulgação da modernidade e do progresso. Segundo Mônica Pimenta Veloso, ela apresentava-se “como porta-voz da atualidade e da vanguarda social”<sup>13</sup> desempenhando um papel muito importante na remodelação dos costumes da população. Jornais e revistas mostravam ideais de modernidade que estavam ligados às obras e decretos feitos pela prefeitura e pelo Governo Federal. Alguns deles exaltavam o progresso, a tecnologia e a civilidade importados da Europa, transformando o Rio de Janeiro em uma metrópole modelo para um novo estilo de vida. Como afirma Maria de Lourdes Eleutério, a imprensa mudou junto com a política, a sociedade e as novas tecnologias:

O advento e o transcorrer da chamada Primeira República (1889-1930) trouxeram uma imprensa que se diversificava. A política mantinha seu espaço, mas o crescimento urbano propiciava o ímpeto de se reportar novos focos de notícia, fosse aquele do bordão republicano ‘O Brasil civiliza-se’ ou as diferentes práticas culturais de uma sociedade em busca do progresso. Naquelas páginas estampou-se nossa Belle Époque. Nesse período de transformações, a imprensa conheceu múltiplos

---

<sup>12</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 56.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 57.

processos de inovação tecnológica que permitiram o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia – assim como aumento de tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo do impresso, propiciando o ensaio da comunicação de massa<sup>14</sup>.

Como destaca a autora, o “menor custo do impresso” proporcionou o “ensaio da comunicação de massa”, ou seja, as revistas ilustradas também eram chamadas de mundanas por tratarem mais de temas relacionados ao cotidiano do que ao político, como era o caso da revista *Fon-Fon*, que misturava todos os assuntos, a fim de alcançar um maior público leitor, limitando a política a pequenas seções. A *Fon-Fon* é, então, uma janela de reflexão para a análise das mudanças e permanências nas relações sociais e das hierarquias presentes na sociedade carioca. Para Ilka Stern Cohen, as revistas ilustradas são importantes construtoras de discurso em seu tempo: “Resumindo os eventos da semana, comentando as mazelas da política oficial e retratando a vida cotidiana da cidade, as revistas construía um discurso sobre seu tempo, projetando simultaneamente um ideal de sociedade”<sup>15</sup>. Assim, elas tinham a função pedagógica de interpretar as representações sociais, o moderno, o urbano e o republicano, além dos papéis de gênero dos quais tratamos, para um país com alto índice de analfabetismo: “Esse aspecto de comunicação imediata era particularmente importante (...) para uma população caracterizada por um grande contingente de analfabetos ou apenas semi-escolarizados, a transmissão da informação constituía sério problema”<sup>16</sup>.

Para compreendermos o papel da *Fon-Fon* neste debate, antes é preciso saber um pouco mais sobre ela, em que contexto foi criada e qual sua função na sociedade carioca. O periódico semanal circulou de 13 de abril de 1907 até 29 de dezembro de 1945, aos sábados e custava 400 réis no Rio de Janeiro e 500 para fora do estado. Era responsável por informar aos leitores sobre a moda em Paris, além de registrar o cotidiano da sociedade carioca em notas e charges. O grupo que fundou a revista era integrado pelos intelectuais simbolistas Lima Campos, Gonzaga Duque e Mário Pederneiras. Estes compartilhavam um projeto comum, se dedicavam a discutir a condição humana e se aventuravam na pesquisa de novas linguagens em matéria de criação artística. Produziam também muitas crônicas-versos,

---

<sup>14</sup> ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a Serviço do Progresso. A Belle Époque nas revistas”. In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p 83.

<sup>15</sup> COHEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos”. In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*, op. cit., p. 114.

<sup>16</sup> VELLOSO, Monica Pimenta, op. cit., p. 56.

traduzindo em textos os novos costumes que surgiam no cotidiano carioca. Conforme destaca Vera Lins:

O modernismo no Rio começou com os simbolistas, mais dissidentes que revolucionários. Eles foram os críticos da razão moderna, a razão da técnica e da ciência, e buscaram outras razões, através de uma estética da sugestão, de uma imaginação extravagante e uma abertura ao inconsciente<sup>17</sup>.

Segundo a autora, a revista *Fon-Fon*, com sua ironia, irreverência e a incorporação dos signos do moderno, pode ser considerada modernista. Unia literatura, charges e a fotografia das obras de modernização e do cotidiano das pessoas na cidade. Era muitas vezes uma extensão das mesas boêmias, das quais os intelectuais participavam. Para Vera Lins, o que unia o grupo simbolista era a crítica ao positivismo tão destacado neste período:

O que unia o grupo simbolista era uma ética. Interrogavam-se sobre a condição humana e o que se oferecia a eles dentro de um mundo já dominado pela mercadoria que não lhes podia satisfazer. Criticavam o naturalismo e o evolucionismo positivistas, do século XIX. Sua arte era uma aventura absoluta na ordem da criação artística com os riscos e perigos que isso implicava<sup>18</sup>.

Estes intelectuais simbolistas que iam contra o positivismo tinham “distintos projetos que, mesmo criticando o regime republicano propunham possibilidades de ação/renovação da República”<sup>19</sup>, como afirma Ângela de Castro Gomes. Além disto, eles expunham uma visão a ser aceita pela classe dominante que consumia o seu produto. A *Fon-Fon* era, então, uma revista amplamente feminina escrita por homens. Defendemos que, as publicações da revista *Fon-Fon* são produtoras de uma visão tradicional e patriarcal. Com isto, ilustra o quanto a tradição é parte da modernidade, influenciando diretamente na construção do que seria supostamente novo. Os textos da *Fon-Fon* orientam os comportamentos segundo o sexo e dividem o mundo hierarquicamente em masculino e feminino. Como destaca Fabiana Francisca Macena, “estas publicações funcionaram como tecnologias sociais de gênero, produtoras dos efeitos de feminino e masculino em corpos, comportamentos e relações

<sup>17</sup> LINS, Vera. “O simbolismo, o modernismo e as revistas da virada do século. Fon- Fon Buzinando a Modernidade”. *Cadernos de Comunicação*. Série Memória, 22. Secretaria Especial de Comunicação Social. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2007, p. 59.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>19</sup> GOMES, Ângela de Castro. *A República, a história e o IHGB*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2009, p. 29.

sociais”<sup>20</sup>. A revista, por meio de recursos humorísticos, buscava mostrar junto ao público feminino, o tradicionalismo associado ao privado, ao lar e aos cuidados com a família. Para Margareth Rago:

Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e de etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e paulatinamente às das classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual<sup>21</sup>.

Assim, se forma uma representação simbólica da mulher que não pode deixar de ser mãe, dona de casa, esposa e delicada, pois “a invasão do cenário urbano pelas mulheres (...) não traduz um abrandamento das exigências morais”<sup>22</sup>. Portanto, às mulheres ricas eram exigidos uma boa educação e preparo para o casamento, assim como uma boa aparência física, pois elas desfilavam nos espaços públicos sua condição de mulheres casadas e ricas. Isto acentua a preocupação com o vestuário. As mulheres pobres, por outro lado, trabalhavam nas fábricas, escritórios e lojas e, por isto, estavam com maior frequência nas ruas, sendo cobradas e desqualificadas por este modelo de mulher da sociedade burguesa. Como afirma Margareth Rago:

[...] quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, e do marido extenuado pelas longas horas de trabalho<sup>23</sup>.

Como podemos notar, a proposta do grupo literário que formou a *Fon-Fon* reforçava este projeto civilizador da classe dominante do Rio de Janeiro, principalmente porque o grupo também fazia parte dessa mesma classe. Segundo Susan K. Besse, a classe dominante da cidade era composta por “profissionais liberais, burocratas, pequenos empresários, comerciantes e empregados de escritório”<sup>24</sup>. Estes orientavam as regras de conduta, a moral e

<sup>20</sup> MACENA, Fabiana Francisca, op. cit., p. 30.

<sup>21</sup> RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. Brasil 1890-1930*. São Paulo. Editora: Paz e Terra, 2014, p. 88.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 89.

<sup>24</sup> BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1919-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1999, p. 15.

os bons costumes durante a modernização da cidade, sendo estas ideias divulgadas e defendidas pela revista. Nesse sentido, o objetivo deste grupo era ampliar seu público leitor, para que consequentemente aumentasse a divulgação de suas ideias. Para isto, criou diferentes colunas que iam além da literatura, unindo humor, variedades e utilidade pública a fim de agradar a muitos, mas seu grande público ainda era o feminino. Assim, a revista produzia muito mais para este público tendo como base o modelo de mulher consolidado no processo de construção da ordem burguesa; a mulher deveria ser sempre uma companhia agradável e obediente ao homem. Como destaca Bourdieu, os literatos que publicavam em periódicos representativos do pensamento dominante faziam parte desta classe, apesar de serem boêmios e com algumas críticas ao governo. Eles eram “frações dominantes da burguesia de onde a maioria de seus membros se origina e da qual participam se não por suas relações familiares e círculos de amigos, pelo menos por seu estilo de vida, infinitamente mais próximo do estilo da burguesia do que do estilo das classes médias”<sup>25</sup> e populares.

Como podemos observar abaixo no logotipo da *Fon-Fon*, a mesma se considerava ágil, apresentando comentários leves sobre os acontecimentos do cotidiano. Assim, se auto identificava “Noticiário Avariado, Telegrafia sem Arame, Chonica Epidêmica”:

Figura 1 - Apresentação da revista Fon-Fon!



Fonte: *Fon-Fon*, 13 de abril de 1907.

Semiranis Nahes destaca que “o título proclama, como marca de progresso, um ruído novo para a cidade, o das buzinas dos automóveis da capital que se industrializava

<sup>25</sup> BOURDIEU. Pierre. *Campo do Poder, campo intelectual e habitus de classe. Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003, p.192.

vertiginosamente”<sup>26</sup>. Segundo Monica Pimento Velloso, além da onomatopeia da buzina do automóvel no título da revista, “a figura do chofer como personagem central confirma a intenção de familiarizar o leitor com os novos valores da modernidade”<sup>27</sup>. A *Fon-Fon* abriu com a proposta de um passeio de carro pela cidade, seus símbolos eram o automóvel, representação do moderno, o repórter, chamado de chofer, e o título, que se confundia com o som da buzina. As mulheres não aparecem no logotipo da revista, que representa os novos tempos, do mundo dos negócios, das máquinas e da rapidez. O domínio do espaço público é masculino. A principal diferença de gênero está relacionada à vestimenta. A divulgação dos modos de se vestir, nas capas e conteúdos, fica a cargo da mulher, que deve ostentar a riqueza e o poder dos seus maridos. O mundo do trabalho era competência do homem. A grande polêmica e crítica da revista era justamente à mulher inserida no mercado de trabalho. Além disto, o feminismo sempre aparecia como algo ruim para a sociedade. “A grande maioria dos críticos sociais continuava considerando o emprego das mulheres um mal necessário, imposto pelas contingências da vida moderna”<sup>28</sup>, como destaca a autora Susan K. Besse. Assim, o trabalho não poderia interferir no cumprimento dos deveres domésticos considerados pela revista como papel da mulher. No trecho abaixo podemos perceber a visão machista e opressora sobre o trabalho feminino:

Um grande desastre, há pouco sucedeu ao feminismo, justamente na América, onde tem obtido os seus maiores triunfos. A Sociedade ferroviária Baltimore-Ohio, ordenou uma indagação minuciosa sobre o trabalho feito pelos seus empregados de ambos os sexos: contadores, secretários, stenographos, telegrafistas e outros. E chegou-se à verificação de que o trabalho dos homens é 30 % mais vantajoso que o dos seus colegas de saia. Além disso, a mulher, diz a pesquisa, é incapaz de concentrar a atenção na sua tarefa. Com dificuldade resiste ao necessário espirito observador. A experiência de nada lhe serve, porque está, constantemente, cahindo nos mesmos erros e, finalmente, o que é ainda mais grave, distrae os homens que trabalham com ellas no mesmo local, implantando, assim, a indisciplina e abalando o principio de autoridade. Depois d’isso, a Sociedade resolveu dispensar todas as senhoras e meninas que tinha ao seu serviço. Não resta dúvida que foi um verdadeiro cheque-matte no feminismo<sup>29</sup>.

Segundo o artigo da *Fon-Fon*, as profissões destinadas aos homens, não poderiam ser

<sup>26</sup> NAHES Semiranis. *Revista Fon-Fon: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007, p.100.

<sup>27</sup> VELLOSO, Monica Pimenta, op. cit., p. 58.

<sup>28</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p.147.

<sup>29</sup> “Um desastre do feminismo”. *Fon-Fon*. Anno I V, n. 37, 10 de setembro 1910.

exercidas por mulheres, pois, como destacado, elas acabariam com a ordem e a disciplina do local de trabalho; a mulher “distrae os homens que trabalham com ellas no mesmo local”. Além disto, a posição da revista deixa claro, que a mulher não seria capaz de executar o mesmo serviço do homem, pois fica “constantemente, cahindo nos mesmos erros”. Mas, então, qual seria a profissão ideal para a mulher “moderna” do início do século XX? Para a revista e a sociedade carioca, existiam profissões adequadas para as mulheres, como enfermeiras, balconistas, telefonistas, datilógrafas, secretárias e uma com maior destaque, as professoras. Afinal, como afirma Karoline Carula, a importância da professora é igual a da mãe para a nação ao “educar, formar e instruir seus futuros cidadãos”<sup>30</sup>. Assim, estariam garantidos a inserção social e o papel maternal da mulher. A charge abaixo ironiza o fato da mulher estar trabalhando, papel que seria do homem e não dela:

Figura 2 - Charge sobre a função da mulher na sociedade



Fonte: *Fon-Fon*, 31 de maio de 1913.

<sup>30</sup> CARULA, Karoline. “A Educação Feminina em A Mãe de Família.” In: CARULA, Karoline; CORRÊA, Maria Leticia; ENGEL, Magali Gouveia (org.) *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013, p. 96.

A crítica da charge era que a mulher ao trabalhar abandonaria suas qualidades definidas como femininas e desenvolveria traços masculinos. Por isto, como já destacado, foram divulgadas pela imprensa as profissões que seriam mais adequadas para as mulheres, de maneira que elas mantivessem a dependência em relação a seus maridos, bem como seus “encantos femininos”, como afirma Susan K Besse:

Na medida em que as mulheres fossem mantidas separadas em ocupações femininas apropriadas, [...] os trabalhadores do sexo masculino poderiam esperar que a honestidade e a dignidade das mulheres não estaria comprometida, seus encantos femininos peculiares não seriam maculados e elas continuariam a ser complementares e dependentes dos homens, ao invés de alcançar sua independência<sup>31</sup>.

A revista tinha participação de intelectuais de várias regiões do Brasil. Segundo Ângela de Castro Gomes, estes “teciavam suas redes de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro (...) se organizariam, mais ou menos formalmente, para construir e divulgar suas propostas”<sup>32</sup>. Eles expressavam na revista suas opiniões sobre política, comportamento (principalmente o feminino) e tudo aquilo que achavam necessário destacar ou polemizar, utilizando-se constantemente da literatura e do humor. Roger Chartier, em estudo sobre as práticas de leituras na França, destaca que “(...) o peso da literatura é máximo na elite mais nova”<sup>33</sup>. Analisando a classe dominante do Rio de Janeiro que desejava ter hábitos parecidos com os franceses, podemos apontar aproximações entre eles e o papel de ilustração assumido pela literatura no Brasil. A seguir observamos a colaboração de alguns destes intelectuais da literatura:

*Fon-Fon* acolhe hoje nas suas colimnas, três poetas, mas três verdadeiros poetas de raça, que representam a promissora esperança do que vai ser a nova geração que ahi vem. De Alvaro Moreira, do Rio Grande, publicamos a magnífica *Elegia da Bruma*. Da Costa e Silva, do Piauí, dá-nos soneto esplendido: *O meu alguém*. E de Eurycles de Mattos, que começa a impor-se agora, oferecemos aos leitores a joia, que é a sua *Ballada ao Luar*<sup>34</sup>.

Este grupo de intelectuais que publicava na revista demonstrava sintonia expressiva com a cultura do modernismo e tinha como um dos principais instrumentos de comunicação a

<sup>31</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p. 154.

<sup>32</sup> GOMES, Ângela de Castro. “Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de Festa”. *Luso-Brazilian Review*. Madison/EUA: University of Wisconsin Press, 41:1, 2000, p. 81.

<sup>33</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. RJ: Bertrand Brasil, 1990, p. 187.

<sup>34</sup> “Tres poetas” *Fon-Fon*. Anno IV, n. 16, 16 de abril de 1910.



linguagem humorística presente nos escritos satíricos e nas caricaturas, buscando mostrar as mudanças ocorridas nos tempos modernos. Segundo Flora Sussekind, a escrita literária neste período era para um consumidor apressado, pois o cotidiano se acelerava em conjunto com as modificações que ocorriam nas grandes cidades:

[...] ‘mal permitem qualquer demora na transmissão de idéias’. Tendência que, aliada às dificuldades de impressão tipográfica, deu às revistas, às conferências, aos cursos e aos jornais uma nova importância literária, obtida em detrimento dos livros [...] Tendência à recepção desatenta e à preferência pelos textos curtos, mas de leitura pouco exigente [...].<sup>35</sup>

A pressa no dia-a-dia também era a justificativa para o maior uso de charges e fotografias nas revistas e jornais, pois “uma sociedade torna-se ‘moderna’ quando uma de suas principais atividades passa a ser a produção e o consumo de imagens (...)”<sup>36</sup>. Segundo Maria de Lourdes Eleutério, eram “os notáveis artistas do traço, como J. Carlos, Raul e Calixto”<sup>37</sup> que faziam parte da *Fon-Fon*, sendo o J. Carlos “o mais significativo artista daquele momento”<sup>38</sup>. A importância do registro fotográfico e das charges se dava pelas percepções concretas da modernização; a imagem se tornava a comprovação da realização do moderno nas cidades. Abaixo, podemos notar na charge de comemoração de cinco anos da revista, a importância e o sentimento de reconhecimento das leitoras, nas fotografias, artigos e charges destinados ao “universo feminino”:

---

<sup>35</sup> SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 103.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 105.

<sup>37</sup> ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a Serviço do Progresso. A Belle Époque nas revistas”. In: LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 90.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 90.

Figura 3 - Agradecimento das leitoras à revista Fon-Fon



**Mademoiselle** – Olha, *Fon-Fon*, tu fazes annos, e nós seríamos me'lonhamente ingratas, se não te trouxessemos as nossas felicitações, pelos reaes serviços que nos tens prestado.  
 Não foste tu o iniciador da publicação dos nossos *instantaneos*, quando em passeios pelas Avenidas. Não é nas tuas paginas que encontramos o encanto dos *Esboçetos*? Não é nas tuas paginas que nós encontramos sempre a noticia curiosa de um successo mundano? Por isto *Fon-Fon* eu te saúdo em meu nome e no das minhas camaradas.  
 (*Fon-Fon* não respondeu porque o caroço classico das emoções embargou-lhe a voz).

Fonte: *Fon-Fon*, 16 de abril de 1910.

Na charge, podemos perceber as “Mademoiselles” com seus vestidos longos e chapéus da moda, agradecendo ao chofer (representando a *Fon-Fon*) pelo aniversário da revista que, para elas, possuiria “reas serviços prestados” com as seguintes colunas: “*instantaneos*” (fotografias tiradas nas ruas da cidade) e “*Esboçetos*” (poemas/artigos que falam sobre comportamento/moda feminina) e também as novidades da vida cotidiana da cidade. Para a *Fon-Fon*, era essencial mostrar sua importância diante das leitoras, se autoafirmando como moderna e conectada ao público feminino.

Na mesma publicação de aniversário da revista, em 1910, podemos notar que, com frequência estes intelectuais se colocavam como uma família, com um laço mais forte do que simplesmente um grupo de profissionais:

Figura 4 - Todas as colunas da revista Fon-Fon prestando sua homenagem na edição de aniversário



**EM FAMILIA** Bem andou *Fon-Fon* a procurar meios de realizar no *Monroe* e no *Municipal* uma *soirée blase* para receber os amigos que o fossem cumprimentar no dia de seu aniversário. Foi-lhes impossível, absolutamente impossível, realizar este sonho feliz. E *Fon-Fon* teve de fazer a festa mesmo em família, como se vê nesta página. É praxe nas repartições publicas e nos grandes jornaes diarios, quando faz annos um chefe, ser saudado e chaleirado por todas as secções. Foi o que aconteceu a *Fon-Fon*. Embora offendendo-lhe a modestia respectiva, todas as suas secções, por orgão autorizado do Sr. Bibliothecario... da *Chonica insulsa*, manifestaram-lhe a sua gratidão e a alegria de que se achavam possuidos por motivo de tão faustoso acontecimento. *Fon-Fon* teve, nos seus agradecimentos, a commoção classica e sendo a voz embarcada pela mesma supramencionada commoção. A festa ocorreu na melhor ordem e na melhor harmonia, sendo o anniversariante muito festejado, conforme acontece a todos os anniversariantes, no estylo festivo dos noticiarios mundanos<sup>39</sup>.

Legenda: Bem andou *Fon-Fon* a procurar meios de realizar no *Monroe* e no *Municipal* uma *soirée blase* para receber os amigos que o fossem cumprimentar no dia de seu aniversário. Foi-lhes impossível, absolutamente impossível, realizar este sonho feliz. E *Fon-Fon* teve de fazer a festa mesmo em família, como se vê nesta página. É praxe nas repartições publicas e nos grandes jornaes diarios, quando faz annos um chefe, ser saudado e chaleirado por todas as secções. Foi o que aconteceu a *Fon-Fon*. Embora offendendo-lhe a modestia respectiva, todas as suas secções, por orgão autorizado do Sr. Bibliothecario... da *Chonica insulsa*, manifestaram-lhe a sua gratidão e a alegria de que se achavam possuidos por motivo de tão faustoso acontecimento. *Fon-Fon* teve, nos seus agradecimentos, a commoção classica e sendo a voz embarcada pela mesma supramencionada commoção. A festa ocorreu na melhor ordem e na melhor harmonia, sendo o anniversariante muito festejado, conforme acontece a todos os anniversariantes, no estylo festivo dos noticiarios mundanos<sup>39</sup>.

Fonte: *Fon-Fon*, 16 de abril de 1910.

Na charge acima, é possível notar algumas seções do periódico saudando o chofer, figura símbolo da *Fon-Fon*. A partir desta representação, destacamos, além da legenda que está em negrito, “Em família”, a seguinte frase: “E *Fon-Fon* teve de fazer a festa mesmo em família, como se vê nesta página. É praxe nas repartições publicas e nos grandes jornaes diarios, quando faz annos um chefe, ser saudado e chaleirado por todas as secções”. Este trecho ilustra um sentido de pertencimento a um grupo, sugerindo que todos que escrevem as colunas da revista, presentes na caricatura, pertencem efetivamente a “família” *Fon-Fon*. Este

<sup>39</sup> “Em familia”. *Fon-Fon*. Anno IV, n. 16, 16 de abril de 1910.

tipo de representação ocorre em todas as publicações da revista, não somente nas edições de aniversário. A visão de pertencimento a um grupo era importante para o andamento e a formação da revista, mantendo seus colaboradores unidos. Mesmo com divergências de opiniões e estilos de escrita, eles se completariam e se identificariam como uma família.

Assim, para além do reconhecimento dos colaboradores da *Fon-Fon* na mesma, podemos perceber também o quão importante era a utilização de padrões comportamentais e urbanos na remodelação do Rio de Janeiro a partir de padrões franceses. Lembramos do caráter universalizante da França que transmitia valores para o mundo. Além disto, ter reconhecimento é mérito, uma das principais características de uma sociedade liberal burguesa em ascensão como a carioca. Tzvetan Todorov destaca que o reconhecimento é universal, mas os meios para se chegar a ele são distintos, variando de acordo com a cultura, grupos ou indivíduos. Então, a questão do reconhecimento social não se apresenta de uma mesma forma em todas as sociedades. No Brasil, no período aqui trabalhado, consideramos haver uma intrínseca conjugação entre modernidade e tradição, onde uma depende direta ou indiretamente da outra. Trata-se de uma sociedade que investia em apagar o passado colonial e escravista, mas, ao mesmo tempo, mantinha marcas patriarcais e paternalistas como forma de controle e manutenção da hierarquia e da ordem social. Neste contexto, nas sociedades “modernas” como a do Rio de Janeiro, o reconhecimento é alcançado com a conquista do prestígio e do sucesso. Para Todorov:

Essa corrida ao sucesso provém do reconhecimento de distinção. Este, porém, não é desconhecido na sociedade tradicional: toma a forma de uma aspiração à glória ou à honra, que assim consagram a excelência pessoal. (...) Na sociedade moderna, (...) é a busca de prestígio. (...) Em suma, a sociedade tradicional favorece o reconhecimento social enquanto a sociedade moderna concede a todos os cidadãos reconhecimento político e jurídico (todos tem o mesmo direitos, o que contrasta com os sistemas de privilégios que regem as sociedades hierárquicas), ao mesmo tempo em que valoriza a vida privada, afetiva e familiar<sup>40</sup>.

Portanto, o reconhecimento estava pautado no âmbito social com prestígio, e o sucesso estava relacionado com a vida privada, pública, afetiva e familiar, ostentada nas revistas, jornais e eventos sociais, valorizando a distinção e aspirando à honra. Os valores sociais, o reconhecimento, o sentimento de pertencimento e a alteridade são elementos interessantes para se compreender a sociedade carioca do início do século XX que envolve o moderno e o

---

<sup>40</sup> TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum: Ensaio de antropologia geral*. Campinas: Papyrus, 1996, p. 99.

tradicional. Voltando-nos para a questão feminina na revista, a mulher, imaginada de acordo com um padrão burguês de sociedade, era então representada a partir destes valores conservadores que ilustram o quanto o moderno tem de tradicional. Todorov afirma também que o reconhecimento pode ser feito através da apropriação do vestuário, aspecto que nos interessa diretamente neste trabalho:

[...] as roupas exercem um papel particular, pois são literalmente o campo de encontro entre o olhar dos outros e minha vontade, fazendo com que me situe em relação aos mesmos. Aquele que, em compensação, não pode mais exercer controle sobre suas roupas (devido, por exemplo, à pobreza), sente-se paralisado diante dos outros, privado de sua dignidade. O ser humano compõe-se de três partes, alma, corpo e roupas<sup>41</sup>.

A moda do início do século XX seguia, evidentemente, mantendo a lógica de diferenciação entre roupas de homens e de mulheres. Consequência da divisão de tarefas e de possibilidades destinadas a cada gênero. Porém, as roupas não deixavam de refletir cada uma a sua maneira, as mudanças de sensibilidade, estilo de vida e de comportamento que acompanharam a modernização da cidade. Como a própria cidade, a mulher assumia ares cosmopolitas contrastando com o patriarcalismo presente neste período. O cronista Luiz Edmundo afirma que a mulher da classe dominante carioca começava a abandonar as ideias de confinamento físico e mental:

A mulher já tem outra instrução, que as viagens constantes melhoram e refinam; fala vários idiomas e nas reuniões de família já não é, apenas, o belo sexo que se expõe e agrada pelo palminho de cara ou pela graça de toilette, mas companheira inteligente, com a qual um homem já pode conversar e discutir. Ainda não sai sozinha à rua, lá isso é verdade, mas já sai bastante, seja ao lado da mãe, do irmão, ou de um parente mais velho<sup>42</sup>.

Estas mulheres se apropriavam da moda para serem reconhecidas como modernas, civilizadas e honradas. Diferentemente das mulheres de conduta supostamente duvidosa, que andavam pelas ruas sozinhas com vestimentas consideradas impróprias. A *Fon-Fon* utilizava bastante o recurso do vestuário feminino da classe dominante. Seus artigos e principalmente as fotografias feitas nas avenidas da cidade colaboravam com estas mulheres na obtenção de reconhecimento:

---

<sup>41</sup> TODOROV, Tzvetan, op.cit., p. 90.

<sup>42</sup> EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957, p. 327.

Com a transformação estupenda por que passou a nossa bella capital os domínios da Moda e da Elegancia que se limitavam apenas á velha rua do Ouvidor, dilataram-se notavelmente alcançando hoje as ruas que ainda há pouco tempo o *smartismo* não palmilharia sem pejo. Assim, a Moda, o bom gosto, o *chic*, já não são apenas privilegio da rua do Ouvidor, o largo de S. Francisco, a Avenida, a rua da Assembléia já ostentam estabelecimentos de modas dignos das grandes capitães<sup>43</sup>.

Já fazia parte da cultura urbana carioca as mulheres irem às compras. Isto legitimava sua permanência nos espaços públicos, principalmente na zona central da cidade, onde se desenvolveu um grande comércio elegante. A Rua do Ouvidor e logo depois a Avenida Central eram os lugares mais frequentados pelas consideradas damas da classe dominante. O mais importante neste período da modernidade era parecer moderno, tanto nas atitudes tomadas em público quanto na composição da própria aparência. Afinal, ambas representavam diferenças sociais. Mas, somente o luxo não garantia a distinção, a atualização com a moda era fundamental e, para isto, a revista *Fon-Fon* exercia bem o seu papel. O vestuário era uma forma de reconhecimento importante para o modelo burguês de mulher moderna, pois a partir dele se tornava visível a diferença entre as classes sociais e principalmente a questão do comportamento e da conduta aos quais estava submetida na vida pública. A moda tem a função de classificar hierarquicamente os grupos sociais praticando, assim, o *habitus* de classe, conceito utilizado por Pierre Bourdieu e destacado por Renato Ortiz: “A relativa homogeneidade dos habitus subjetivos (de classe, de grupo) encontra-se assegurada na medida em que os indivíduos internalizam as representações objetivas segundo as posições sociais de que efetivamente desfrutam”<sup>44</sup>.

A moda por ter se expandido para um maior número de pessoas, carregava indícios a partir dos quais um observador mais atento conseguiria distinguir classes ou categorias em meio à multidão que passou a ocupar as ruas das cidades transformadas pelo processo de industrialização. Assim, podemos destacar nas “representações sociais” de Roger Chartier, visualizadas nas imagens fotográficas, charges e nos artigos da revista, alguns dos interesses da classe dominante: “O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas”<sup>45</sup>.

<sup>43</sup> “Chronica da moda”. *Fon-Fon*. Anno IV, n. 23, 11 de junho de 1910.

<sup>44</sup> ORTIZ, Renato. “Introdução. A procura de uma sociologia da prática”. In: ORTIZ, Renato (Org). *Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 17-18.

<sup>45</sup> CHARTIER, Roger, op. cit., p. 17.

O aumento da densidade urbana e a ocupação intensiva de espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro tornaram inevitável o convívio entre as classes. Com isto, a valorização dos itens de vestuários que pudessem ostentar as distinções de classes, importante desde o período colonial<sup>46</sup>, ganhava destaque como fator classificador na multidão. O vestuário auxiliava, portanto, na hierarquização entre dominantes e dominados. O trabalho de representação é um trabalho de “classificação e de exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço”<sup>47</sup>. Todos os detalhes eram explorados por uma classe dominante urbana em ascensão que buscava com rapidez construir novos padrões de classificação e qualificação de forma a diferenciá-la das demais camadas da sociedade.

Ao tomarmos por objeto as representações do feminino na *belle époque* carioca, visualizadas nas imagens fotográficas e artigos da revista *Fon-Fon*, podemos compreender o lugar social e os interesses de determinados grupos da população carioca do início do século XX. Roger Chartier articula três noções: representação, prática e apropriação. Por meio delas, desenvolve a ideia de que as estruturas do mundo social são historicamente produzidas por práticas discursivas, políticas e sociais que articuladas constroem suas imagens. Assim, é possível perceber que a *Fon-Fon* direcionava seus conteúdos em grande parte para um público leitor feminino e, de igual modo, as leitoras se apropriavam do seu conteúdo por se sentirem reconhecidas e identificadas. A moda feminina no Rio de Janeiro no início do século XX era uma maneira de viver, agir e pensar baseada na ostentação da riqueza e do progresso individual servindo como mecanismo de definição social.

Durante os anos entre 1910 e 1920 na *Fon-Fon*, é possível notar que não havia espaço definido para as seções. O que se via eram assuntos soltos; apenas a capa tinha espaço definido no periódico. As propagandas algumas vezes eram colocadas no início da revista, mas também apareciam no final ou até mesmo divididas entre o início e o fim das páginas. Estas eram destinadas a produtos variados que iam de remédios a lojas de vestuário “elegante” para as senhoras, suas crianças e maridos, além dos cosméticos destinados ao público feminino. Assim, não havia uma ordem de distribuição dos textos, provavelmente os assuntos eram distribuídos segundo a ordem de importância para os redatores.

---

<sup>46</sup> Sobre a relação entre vestuário, hierarquias e condição social no Brasil colonial, ver: LARA, Silvia Hunold. “Diferentes e desiguais”. In: *Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 79-125.

<sup>47</sup> CHARTIER, Roger, op. cit., p. 25.

A revista também era aberta ao público, que poderia enviar poemas, contos e cartas – algumas delas respondidas na seção permanente chamada “Caixa de Gasolina”. A *Fon-Fon* também fazia concursos pedindo opiniões aos leitores. Para Maria de Lourdes Eleutério, algumas características são específicas dela, principalmente em relação ao uso de charges, caricaturas e fotografias, que justificaram o aumento da tiragem, com uma melhor qualidade de impressão e menor custo:

[...] integrando em seu nome uma conotação francamente urbanizante, congregava os simbolistas, figurando a representação do modernismo carioca. Suas capas e páginas espelhavam a autoimagem que a elite e as classes médias em formação faziam do progresso: fotografias de modernos edifícios, a amplitude da Avenida Central, flagrantes de transeuntes nas movimentadas ruas de comércio no centro da cidade, figurações do urbanismo, tudo isso impresso em papel couchê de alta gramatura, veiculando os textos entre guirlandas *art nouveaux*.<sup>48</sup>

Na revista aparecia por semana, em cada edição, um conto diferente, com diferentes autores, normalmente no início, mas havendo variações. O editorial de publicação vinha abaixo do logotipo. Três autores se alternavam durante a semana: “Dias passados” era assinada por Flávio ou Teu Flávio; “Chronica insulsa” assinada por G. D. (Gonzaga Duque); “Pelos sete dias” assinada por L. C. (Lima Campos); e “Sete dias de um neurasthêmico” por M. P. (Mário Pederneiras), com algumas alternâncias. Os autores utilizavam frequentemente apenas suas iniciais ou pseudônimos. Para Monica Pimenta Velloso, os pseudônimos serviam “(...) seja como tentativa de estabelecer limites entre o homem sério e o humorista, códigos de solidariedade, proteção contra censura, seja como forma de multiplicar seus escritos no mercado”<sup>49</sup>. Somando ao destacado pela autora, percebemos que os pseudônimos são uma forma de reconhecimento para a revista, dando o sentido de pertencimento ao seu grupo formador. Há ainda uma representação teatral em torno de esconder a verdadeira identidade ou se fazer passar por outra pessoa, segundo Velloso, “a máscara representa uma das metáforas mais expressivas do imaginário modernizador”<sup>50</sup>. Assim, os escritores da *Fon-Fon* escreviam o que pretendiam sem se identificar e constantemente colocando uma dose de humor nas críticas sociais e políticas que faziam.

---

<sup>48</sup> ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes, op. cit., p. 90.

<sup>49</sup> VELLOSO, Monica Pimenta, op. cit., p. 75.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 75.



A revista tinha em torno de 50 páginas, que também oscilavam para mais ou para menos, e custava 400 reis. Com o passar do tempo, foi se consolidando e ganhando destaque com o público feminino. É o que afirma Semiranis Nahes:

Assim, podemos, talvez, considerar a Fon-Fon como uma revista de elitismo cultural, com grande preocupação com a literatura e as artes, dando grande ênfase ao estilo de sua linguagem, um lugar particular e de destaque no âmbito da imprensa feminina brasileira<sup>51</sup>.

Mesmo não seguindo uma ordem jornalística, o periódico possuía seções fixas. Eram estas: “Caixa de gasolina”, já citada acima, onde os redatores respondiam as correspondências que chegavam até o periódico; os “Bilhetes à Cora”, crônicas escritas por vários autores sobre o cotidiano carioca; o “Esboçetos: o Rio elegante”, crônicas que falam principalmente do papel da mulher na sociedade (esposa, mãe e educadora e protetora do lar); e o “Rio em flagrante: nossos estantaneos”, que eram fotos de pessoas da classe dominante carioca, mulheres, homens e crianças, que circulavam pelas avenidas do Rio de Janeiro.

As colunas “Block-notes mundial”, “Notas mundanas” e “Perfis internacionaes”, comentavam os eventos considerados importantes nacional e internacionalmente. Havia também o “Conto semanal” quando textos literários enviados a revista eram publicados. Devem ser destacadas ainda outras duas seções responsáveis por criticar os comportamentos das pessoas no cotidiano do Rio de Janeiro: “Trepações”, coluna na qual era exposto o que se falava sobre determinado indivíduo, normalmente um político, sua esposa e filhos, centrada na crítica dos comportamentos sociais, principalmente os femininos; e o “Raio X”, responsável por adivinhar o que haveria nos bolsos das pessoas que andavam pelas ruas da cidade, em especial as grandes avenidas. Destacamos aqui uma seção da “Raio X” de março de 1910. Nela observamos um trecho onde destaca-se o que haveria no bolso do Dr. Oscar Rodrigues Alves: “Bem se vê que estamos nas proximidades do carnaval. O sympatico facultativo<sup>52</sup> levava no bolso interno do paletot um pequeno *loup* de veludo preto”<sup>53</sup>.

Dr. Oscar Rodrigues Alves era filho do presidente anterior Rodrigues Alves e tinha algum destaque nas colunas sociais e políticas. Podemos perceber que a revista faz uma crítica

---

<sup>51</sup> NAHES, Semiranis, op. cit., p. 125 e 126.

<sup>52</sup> Sabemos que facultativo pode significar faltoso ou médico, ao analisar esta seção compreendemos que se refere ao faltoso.

<sup>53</sup> “Raios X” *Fon-Fon*. Anno IV, n. 11, 12 de março de 1910.

ao chamá-lo de “facultativo”, ou seja, faltoso, desaparecido. Logo depois, disfarça utilizando o humor, destacando que é carnaval e que, por isto, ele teria aparecido, e o chama de simpático para que a crítica não fosse grosseira. A parte do “loup de veludo preto” em seu bolso pode ser uma simples ilustração, já que esta seção tentava adivinhar o que teria nos bolsos e bolsas das pessoas. Percebemos que nesta seção o foco estava mais nas críticas às pessoas na rua (principalmente políticos e seus familiares) do que realmente aos objetos contidos em seus bolsos.

Já sabemos que a *Fon-Fon* voltava-se amplamente para um público feminino, principalmente devido ao número excessivo de propagandas de roupas, seções sobre moda, conselhos domésticos e comportamentais. Portanto, além da revista mostrar as novidades da modernidade carioca e do mundo, ela desejava formar opinião pública, reforçar a desigualdade de gênero e naturalizar a mesma. Para este fim, como afirma Semiranis Nahes, utilizava principalmente a moda, a literatura e o humor a fim de construir uma imagem de Rio civilizado. Aqui observamos que muda a forma, mas não o conteúdo, ou seja, as tradições permanecem principalmente no que se refere ao comportamento feminino:

De acordo com o que se afirmou acima, pode-se observar que, à medida que o progresso industrial avançava, trazia para a sociedade hábitos modernos a serem seguidos e que podiam facilmente ser ‘ensinados’ pela imprensa. O advento do capitalismo, no Brasil, possibilitou, sem dúvida, o surgimento da imprensa empresa em substituição da imprensa artesanal, que se fazia no país até os primeiros trinta anos do século passado. Porém, ser moderno na forma não significava ser moderno no conteúdo. É o que se vê em *Fon-Fon*. Mesmo utilizando recursos como a fotografia, a informação por meio da imagem no lugar da ilustração que a caracterizou nas décadas de 10 e 20<sup>54</sup>.

As mudanças no comportamento feminino nas primeiras décadas do século XX incomodaram muito os conservadores, pois era recente a aparição de mulheres jovens das camadas médias e altas nas ruas da cidade. Claro que esta maior autonomia teria seu preço. Foram colocados sobre elas códigos de conduta e bons costumes e a imprensa funcionou como um canal de transmissão destes valores: “(...) que a senhora soubesse conservar um ar modesto e uma atitude séria, que a todos imponha o devido respeito. E mais: que a mulher sensata, principalmente se fosse casada, evitasse sair à rua com um homem que não seja seu

---

<sup>54</sup> NAHES, Semiranis, op. cit., p. 107.

pai, irmão ou marido”<sup>55</sup>.

A vida urbana do Rio de Janeiro no início do século XX era composta por imigrantes, egressos da escravidão, trabalhadores pobres, operários e representantes das aristocracias rurais vindos do campo para a cidade. Intelectuais conservadores da época os culpavam de manchar a ordem social, quebrar os costumes e inserir as mulheres em novas rotinas, além de modificar as relações entre elas e os homens. Para conter as mulheres brasileiras, foram elaborados rígidos papéis sociais de representações de comportamento feminino ideal, limitando a sua existência a fim de enquadrá-las como donas de casa, mães e modelos a serem seguidos. Podemos observar estes padrões de comportamento feminino no seguinte poema na revista *Fon-Fon*:

Amar com todas as forças do seu coração.  
 Beijar, o homem que fôr seu marido.  
 Cercá-lo de todos os carinhos.  
 Dar-lhe toda a felicidade possível.  
 Erigir um altar ao seu amado.  
 Fazer-lhe todas as vontades.  
 Gastar o menos que puder.  
 Honrar o seu nome.  
 Inspirar-lhe a maior somma de affecto.  
 Jogar pouco no bicho.  
 Lamentar-se o menos que puder.  
 Mostrar-se sempre bem arranjadinha.  
 Não resmungar.  
 Ouvir seus conselhos.  
 Poupar-lhe desgostos.  
 Querer-lhe com constância.  
 Rir dos outros homens quando a namorarem.  
 Ser seria e bem comportada.  
 Ter presente que ele é teu proctetor.  
 Usar de toda moderação.  
 Vê-lo sempre com agrado.  
 Zombar dos flirts e dos conquistadores<sup>56</sup>.

Este poema foi feito para dar recomendações às mulheres de como agir e se comportar dentro do casamento. Mas, por que escrever em forma de poema? Pois, desta forma, as recomendações não seriam agressivas ou mal vistas, tendo o objetivo de envolver as leitoras em um universo delicado e romântico. Não podemos esquecer que os fundadores da revista

---

<sup>55</sup> MALUF, Maria; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do Mundo Feminino”. In: *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras. Editora: Schwarcz, 1998, p. 368-369.

<sup>56</sup> “O ABC da mulher”. *Fon-Fon*. Anno VII, n. 11, 15 de março de 1913.

eram literatos e sabiam o que seu público alvo gostaria de ler. Assim, utilizavam de algumas formas literárias e humorísticas para expor as ideias que defendiam e alcançar maior atenção por parte das leitoras. Nota-se no texto que a mulher era a responsável pela felicidade do casal: “E felicidade despida de sensações consideradas desonrosas e inexplicáveis! Afinal, a esposa era um anjo!”<sup>57</sup>, destaca Mary Del Priore. A imprensa era controlada por homens que monopolizavam os cargos mais altos e tinham como principal objetivo aconselhar as leitoras sobre o serviço doméstico, moda, literatura, casamento e comportamento, como já dissemos antes. Lerice de Castro Garzoni nos faz refletir sobre o direcionamento dado pela imprensa aos textos sobre o feminino, mesmo quando eram escritos pelas próprias mulheres (o que era raro): “A participação feminina na grande imprensa que tendia a direcionar a escrita e a leitura das mulheres para temas relacionados ao universo doméstico, reiterava a dicotomia entre esfera pública associada ao masculino e esfera privada ao feminino”<sup>58</sup>. Ou seja, a função social da mulher era ser esposa, dona de casa e gerar filhos. A do homem era trabalhar para o sustento da família. Ao marido cabia a identidade pública, à esposa, a doméstica. Estas ideias eram legitimadas e defendidas também pela Igreja e pelo Estado. Mary Del Priore enfatiza que: “Na forma, a figura da esposa, não real, mas a ideal. Submissa, obediente, discreta. A mulher certa. Apenas ela merecia ser a mãe dos filhos, a santa do altar doméstico”<sup>59</sup>.

No modelo ideal de família burguesa divulgado pela imprensa, o papel atribuído à mulher era considerado importante, pois segundo Karoline Carula, “ela era a rainha do lar e a sua reclusão ao espaço doméstico era enaltecida”<sup>60</sup>. Ser mãe tornava-se a principal função da mulher na sociedade, tendo o papel de educar e cuidar da saúde física de seu filho. Neste sentido é que a mulher extrapolaria o espaço privado da família, invadindo a esfera pública, uma vez que aquelas crianças seriam o futuro da nação. Como boa mãe, a mulher contribuía para o progresso do país. Margareth Rago nos faz refletir sobre a “nova mãe”:

---

<sup>57</sup> DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013, p. 55.

<sup>58</sup> GARZONI, Lerice de Castro. *Arena de Combate: gênero e direitos na imprensa diária (Rio de Janeiro, início do século XX)*. Tese (Doutorado em Concentração História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2012, p. 25.

<sup>59</sup> DEL PRIORE, Mary, op. cit., p. 72.

<sup>60</sup> CARULA, Karoline, op. cit., p. 86.

A ‘nova mãe’ passa a desempenhar um papel fundamental no nascimento da família nuclear moderna. Vigilante, atenta, soberana no seu espaço de atuação, ela se torna responsável pela saúde das crianças e do marido, pela felicidade da família e pela higiene do lar... A casa é considerada o lugar privilegiado onde se forma o caráter das crianças, onde adquirem os traços que definirão a conduta da nova força de trabalho do país. Daí, a enorme responsabilidade moral atribuída á mulher para o engrandecimento da nação<sup>61</sup>.

A mulher também tinha a função de mostrar a riqueza do marido. Daí as joias e roupas caras que pudessem representar na sociedade a distinção em relação às classes menos favorecidas. Assim, a mulher ideal seria aquela que junto ao marido confirma o poder de dominação sobre as classes dominadas e, por outro lado, aceita a dominação por parte do homem. É o que defende Susan K. Besse:

Segregados por duas morais, duas concepções de vestimentas, duas mentalidades, os grupos masculino e feminino acabam se complementando. O encanto feminino e a determinação masculina não se excluem mutuamente: na verdade são parcelas que se somam na contabilidade astuciosa da ascensão. A graça de trazer o vestido, de exhibir no baile os braços e ombros, fazendo-os melhor ‘por meio de atitudes e gestos escolhidos’, é simétrica ao talento e ambição exigidos pela carreira<sup>62</sup>.

Na coluna “Esboçetos: o Rio elegante” é possível notar como a mulher era representada na *Fon-Fon*. É destacada sua importância como mãe e como um exemplo que desfila sua beleza nos eventos ao lado do marido. A mulher casada, além das tarefas domésticas, deveria se destacar nos eventos sociais através da beleza e principalmente da riqueza observada na roupa. Afinal, sua aparência deveria ser um reflexo do sucesso financeiro do marido:

A sua tez morena lembra o tom quente do trigo dourado pelo sol, e seu corpo, esguio e flexível, poderia ser comparado, em linguagem poética, a uma jovem palmeira. Bonita, conservando inalteráveis a delicadeza de suas feições e o garbo de seus contornos, apesar da numerosa e pipilante ninhada de filhos, que é o encanto de sua existência. Mãe sete vezes, mão grado os sobressaltos e cuidados exigidos pela linda prole, mantém galhardamente o seu posto entre nossos typos de formosura e nos salões cariocas e petropolitanos admira-se os seus olhos e cabellos de fulgido negror. Amadora distinta, mas de uma modéstia extraordinária, toca cithara com real maestria. Quanto o seu nome é o mais meigo de todos, o mais consolador, o que encerra em si toda a nossa fé e todas as nossas esperanças<sup>63</sup>.

---

<sup>61</sup> RAGO, Margareth, op. cit., p. 109-110.

<sup>62</sup> BESSE, Susan K., op. cit., p. 147.

<sup>63</sup> “Esboçetos: o rio elegante”. *Fon-Fon*. Anno IV, n. 3, 13 de janeiro de 1910.

Segundo a revista *Fon-Fon*, as características fundamentais de uma mulher seriam ter uma pele bronzeada pelo sol (o que significava uma mudança trazida pela modernidade, pois o padrão de cor de pele no século XIX era bem branca parecida com a europeia), ser magra, alta, bonita, ter feições delicadas, ser mãe, esposa, dona de casa, ter cabelos bonitos e saber tocar algum instrumento musical. Esta seria a mulher ideal para desfilar nos “salões cariocas e petropolitanos”, que daria orgulho ao seu marido, a sociedade carioca e a revista.

## 1.2 A República, a *belle époque* carioca e a modernidade

Como capital da federação, o Rio de Janeiro experimentou muito diretamente o contexto de proclamação da República. Houve uma comoção política e social para a adaptação da cidade aos “novos tempos”. A necessidade de reformas urbanas se tornou urgente e veio acompanhada da mudança dos hábitos da população, moldados com influências da estética e do estilo de vida da burguesia europeia. Segundo Needel<sup>64</sup>, a *belle époque* carioca inicia-se com a subida de Campos Sales ao poder em 1898 e vai até 1914 no contexto da Primeira Guerra Mundial. Para o autor, o governo de Campos Sales favoreceu os interesses da elite agroexportadora em detrimento dos grupos urbanos emergentes. Sua política econômica conservadora possibilitava uma estabilidade na mesma e atraía créditos estrangeiros. Sua ação política ainda “garantia apoio dos estados para a política financeira do governo, em troca de uma política federal de benefícios para diversas elites locais estabelecidas”<sup>65</sup>.

O governo de Campos Sales incentivou a imigração, colocou o Rio de Janeiro como um centro administrativo ampliado e incentivou o comércio, as finanças e a indústria. Neste contexto político e econômico, cabiam reformas que adaptassem a cidade aos novos tempos. Estas seriam a marca registrada da *belle époque*. O projeto de modernização do Rio de Janeiro começa no governo de Rodrigues Alves, seu sucessor, em 1904. Com o discurso de reforma

---

<sup>64</sup> NEEDEL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 37.

do porto para entrada de imigrantes, capital e comércio europeu, nomeou então o engenheiro Pereira Passos como prefeito, dando-lhe a tarefa de urbanizar a cidade nos parâmetros europeus. Juntamente com Oswaldo Cruz, o prefeito liderou ações de erradicação das epidemias que assolavam a cidade, como a varíola, a peste bubônica e a febre amarela. A partir daí, passava a ser fortalecida uma ideia de modernismo ou modernidade na Capital Federal, sob influência do pensamento positivista de ordem e progresso. Assim, entendemos que a manutenção da ordem e das hierarquias não poderia ser perdida na construção da modernidade carioca. A primeira e grande reforma ocorreu no porto do Rio de Janeiro que deveria ultrapassar o famoso porto de Buenos Aires, preferido pelo comércio europeu na América do Sul como destacado por Jaime Benchimol:

Buenos Aires, visitada por Campos Sales, era constantemente invocada pela grande imprensa como um exemplo a ser seguido, com seu porto modernizado, suas grandes avenidas e o prestígio de primeira cidade moderna e cosmopolita do continente sul-americano<sup>66</sup>.

Em 1910, com a inauguração do porto do Rio de Janeiro pelo presidente Afonso Pena, segundo Rosane Feijão, “ir ao cais tornou-se um programa ainda mais elegante, constantemente retratado pelas colunas sociais e revistas ilustradas”<sup>67</sup>. A revista *Fon-Fon* de 23 de julho de 1910, três dias após a inauguração do porto, em um artigo não assinado intitulado “A nota da Semana”, mostra o otimismo e a confiança no progresso da cidade do Rio de Janeiro:

Cá dentro, no íntimo reservatório dos meus sentimentos patrióticos, rufam os tambores de patriota. O meu feitio simples de velho carioca tradicionalista, agita-se e transforma-se na mais orgulhosa feição de civilizado impenitente. E sinto que o meu orgulho nacional embandeira-se em arco e acende vitorioso todos os seus holofotes festivos. Já temos um porto<sup>68</sup>.

Os habitantes da cidade no início do século XX experimentaram a modernidade com seus avanços tecnológicos como o telefone, o cinematógrafo, a fotografia, o automóvel e o avião, e científicos, como o controle de doenças. Estas transformações modificaram a

---

<sup>66</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: Um Haussmann Tropical. A Renovação Urbana da Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XX*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992, p. 200.

<sup>67</sup> FEIJÃO, Rosane. *Moda e modernidade na Belle Époque Carioca*. Rio de Janeiro: Editora Estação das Letras, 2011, p. 51.

<sup>68</sup> *Fon-Fon*. Anno V, n. 30, 23 de julho de 1910.

sociedade, alterando suas perspectivas de futuro. Segundo afirma Koselleck, a “modernidade é como um tempo novo a partir do momento em que as expectativas passam a distanciar-se cada vez mais das experiências feitas até então”<sup>69</sup>, ou seja, com a modernização, a experiência se afasta da expectativa, dando espaço para entrada de algo novo.

Ocorre uma mudança na percepção do tempo e, em conjunto, vinha a ideia de progresso, como destaca o autor: “O conceito de progresso único e universal nutria-se de muitas novas experiências individuais de progressos setoriais, que interferiram com profundidade cada vez maior na vida quotidiana e que antes não existiam”<sup>70</sup>. Koselleck trabalha com a conjuntura de modernidade e progresso desde o século XVIII partindo do Iluminismo e da Revolução Francesa; no Brasil nós podemos identificá-lo do final do século XIX em diante. Neste sentido, ele nos permite pensar o quanto a experiência da modernidade no Rio de Janeiro gerava novas expectativas para diferentes grupos e indivíduos, inclusive para as mulheres, nosso foco na pesquisa. Elas começavam a vivenciar no seu tempo um prognóstico de futuro distante e diferente do passado, com novos horizontes de expectativas e, assim, novos objetivos a serem alcançados, o que se percebe, por exemplo, nos movimentos feminista e sufragista, como analisaremos ao longo deste trabalho. Estas mulheres percebiam seu tempo e agiam sobre ele com vistas a construção do futuro, pois não há história que não tenha sido “construída mediante as experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou sofrem”<sup>71</sup>.

As mudanças urbanas (técnico-científicas) ocorridas no Rio de Janeiro traziam novos horizontes de expectativas para a sociedade. Assim, para Needel, nada expressa melhor a *belle époque* carioca do que a nova Avenida Central (atual Avenida Rio Branco). O autor aponta que ela permitia o tráfego não somente entre o porto e o centro da cidade, mas também dava acesso a uma terceira nova avenida, a Beira-Mar, projetada por Pereira Passos, facilitando a comunicação com a Zona Sul. Nicolau Sevcenko afirma que a Avenida Central foi uma das maiores reformas do Rio de Janeiro. Nela se concretizava o cosmopolitismo tão esperado pela nova sociedade republicana:

---

<sup>69</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. RJ: Contraponto: PUC-Rio, 2006, p. 314.

<sup>70</sup> *Ibidem*, p. 317.

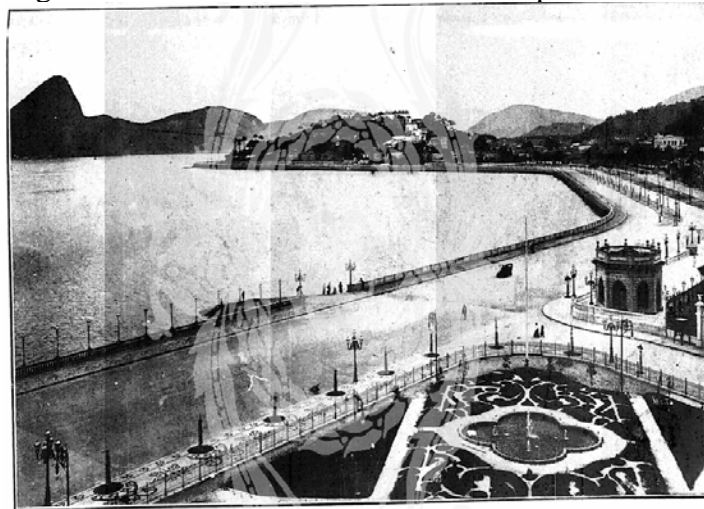
<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 335.



Avenida, como se vê, operava como principal índice simbólico da cidade, irradiando com suas fachadas de cristal e mármore, suas vitrines cintilantes, os modernos globos elétricos da iluminação pública, os faróis dos carros e o vestuário suntuoso dos transeuntes, mudanças profundas na estrutura da sociedade e cultura<sup>72</sup>.

A *Fon-Fon* retratava as reformas da cidade com grande entusiasmo e otimismo em seus textos e fotos. Abaixo temos uma foto da Avenida Beira Mar publicada em novembro de 1912:

Figura 5 - Avenida Beira Mar construída por Pereira Passos



RIO EM FLAGRANTE – Trecho da Avenida Beira-Mar.

Fonte: *Fon-Fon*, 30 de novembro de 1912.

As reformas urbanas realizadas no Rio de Janeiro foram inspiradas nas reformas francesas do Barão de Haussmann. O “planejamento dos bulevares parisienses”<sup>73</sup> lhe serviu de modelo, como lembra Nicolau Sevcenko. Segundo Jaime Benchimol, o prefeito Pereira Passos:

Acompanhou varias obras importantes, como a construção da estrada de ferro entre Paris e Lyon, as obras do porto de Marselha, a abertura do tunel no monte Cennis e a construção da ponte sobre o rio Coing, perto de Dordines. Presenciou, também, as obras empreendidas na capital francesa – na época com mais de um milhão de habitantes – sob a direção de Georges Eugène Haussmann, nomeado por Napoleão III prefeito do Departamento de Seine (1863-1870), as quais transformaram Paris no modelo de metrópole industrial moderna imitado em todo o mundo<sup>74</sup>.

<sup>72</sup> SEVCENKO, Nicolau. “A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio”. In: *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras/ Editora: Schwarcz, 1998, p. 545.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 545.

<sup>74</sup> BENCHIMOL, Jaime Larry, op. cit., p. 192.

Entretanto, essas reformas eram autoritárias e excludentes. Isto porque o Barão de Haussmann pretendia ampliar as ruas para afastar possíveis revoltas, que, caso ocorressem, seriam rapidamente combatidas com a intervenção da força policial. Além disto, visava afastar o proletariado e higienizar a cidade, o que também influenciou na reestruturação do Rio de Janeiro:

O plano de Haussmann tinha como uma de suas estratégias principais a neutralização do proletariado revolucionário de Paris, a destruição da estrutura material urbana que servira aos motins populares de rua. Na exposição de motivos de seu plano, manifestava o propósito de ‘isolar os grandes edifícios, palácios e quartéis, de maneira que resultem mais agradáveis à vista, e que permitam acesso mais fácil nos dias de celebração de atos, e simplifiquem a defesa nos momentos de revolta’. As novas avenidas facilitariam o rápido acesso e movimentação das tropas pela cidade. Mas, além de servirem ao exercício da coação política e militar das classes dominantes, os bulevares atendiam a razões de ordem sanitária e às novas exigências de circulação urbana colocadas pelo desenvolvimento da grande indústria. Transformados num paradigma urbanístico para todas as capitais do mundo, no símbolo maior de seu ingresso na ‘civilização’ e na modernidade capitalista<sup>75</sup>.

O saneamento da cidade é outro fator que deixa claras as ideias de exclusão das camadas populares, já que os mesmos não se adequavam à reforma de modernização e civilização do Rio de Janeiro. Assim, como firma Henry Lefebvre, a classe dominante e as autoridades instituídas expulsam “do centro urbano e da própria cidade o proletariado, destruindo a ‘urbanidade’”<sup>76</sup>. Isto permitiria que os poderes privados e públicos concretizassem um pensamento excludente, alcançando para a cidade e para si mesmos o tão desejado *status* de civilização.

Como concretização deste processo, temos, por exemplo, as demolições de cortiços e moradias populares, o chamado “bota a baixo”, orientadas pelos ideais higienistas. Aqui as marcas populares na cidade eram tidas como representação da barbárie e tinham que ser separadas dos espaços que a classe dominante se empenhava em construir e monopolizar. Sendo assim, cultura e religiosidade populares não se encaixavam nos padrões de civilização, pois havia um projeto modernizador burguês para todas as classes sociais. Além de afastar as classes populares de espaços centrais da cidade, era preciso controlá-las. Para isto, era

---

<sup>75</sup> Ibidem, p. 193.

<sup>76</sup> LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991, p. 23.

interessante fazer com que se sentissem parte do projeto de modernização da cidade para que a possibilidade de revoltas fosse menor. O centro se tornou um lugar de trabalho, onde as classes populares deveriam ir somente com esta finalidade. Desta maneira, acontece a desejada integração conservadora destacada por André Nunes Azevedo:

A reforma urbana empreendida pelo prefeito Pereira Passos buscou articular diversas regiões da cidade com o centro urbano do Rio de Janeiro, algo fundamental em seu projeto de integração conservadora, no qual o centro urbano da cidade aparecia como centro modelar da civilização, lugar da sua exemplaridade para os habitantes das demais regiões da urbe<sup>77</sup>.

Ou seja, era o espaço urbano do centro que levava às outras regiões do Rio de Janeiro o projeto civilizador das classes dominantes. Portanto, diferentemente dos autores Jaime Benchimol e Nicolau Sevckenko, que, como vimos, possuem uma visão excludente das reformas urbanas realizadas no Rio de Janeiro, Azevedo defende a ideia de que elas consistiam num projeto de inclusão social que, apesar de conservador, tinha o objetivo de reunir toda a cidade em um só local, o centro. Por isso, não teriam uma visão segregacionista, mas sim organicista. Azevedo destaca que a reforma Pereira Passos teria buscado “integrar as diversas regiões da cidade ao seu centro urbano, pensado como lugar privilegiado da difusão da civilização ampla e buscou integrar as diversas regiões da cidade ao seu centro urbano, pensado como lugar privilegiado da difusão da civilização”<sup>78</sup>. Para o autor, o projeto de civilização de toda cidade, começaria pelo centro e depois se espalharia.

Outra grande preocupação estava relacionada principalmente à higiene e à saúde das crianças e das mães. A política sanitarista integra este projeto disciplinador. Segundo Margareth Rago, o poder médico participa deste projeto e ainda interfere no domínio privado da família, pois era preciso vigiar e controlar as classes populares:

[...] o poder médico procura projetar-se no mundo da política, outorgando-se um papel de importância vital para a sobrevivência física e moral dos habitantes, das crianças aos adultos, de todas as classes sociais. De fato, os médicos adquirem uma crescente participação no aparato governamental, seja dirigindo o Serviço Sanitário, seja definindo dispositivos estratégicos de regulamentação dos comportamentos e da vida íntima dos diversos setores da sociedade<sup>79</sup>.

---

<sup>77</sup> AZEVEDO, André Nunes. “A reforma Pereira Passos: Uma tentativa de integração urbana”. *Revista Rio de Janeiro*, n. 10, maio-ago, 2003, p. 40.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>79</sup> RAGO, Margareth, *op. cit.*, p. 159 e 160.

O Brasil precisava se tornar visível ao mundo e, para isto, conforme já dissemos, tinha como referência Paris, o então modelo de civilização, progresso e avanço. Por isto, a modernização atuou também sobre algumas tradições locais. Estas eram entendidas como antigas, ultrapassadas e não pertencentes aos grupos dominantes e ao projeto burguês. A reformulação completa dos costumes da sociedade se fazia necessária, como observa Needel:

Proibiu a venda ambulante de alimentos, o ato de cuspir no chão dos bondes, o comércio de leite..., a criação de porcos dentro dos limites urbanos, a exposição de carne na porta dos açougues,... assim como uma série de outros costumes “bárbaros” e “incultos”<sup>80</sup>.

Segundo o projeto de construção da ordem burguesa, para alcançar a civilidade era necessária uma remodelação dos costumes sociais tendo em vista a “educação do povo”, acabando com tradições consideradas provincianas e atrasadas e substituindo-as por novos hábitos requintados e modernos. Podemos destacar então um exemplo de crítica aos hábitos considerados atrasados nos bondes:

Afinal de contas nós precisamos tomar juízo, suprimir uns tantos hábitos defeituosos da nossa antiga vida de cidade atrasada e imitar o que de bom houver nos países cultos para substituir esses hábitos lamentáveis. Essa cousa de teimarmos em fazer das calçadas ponto de palestra, de observação, de embasbacamento, é velha, é atrapalhadora e não condiz com a nossa pretensão de civilizados. A rua é para andar, para passear, e não para a delícia de conversas íntimas em rodas de amigos numerosos. Outro hábito insupportavel é o de estacionar sem motivo no alpendre do ponto dos bonds da Jardim Botânico, na Avenida Rio Branco. Em toda parte do mundo, á estação de bonds vae quem precisa servi-se deles. Aqui não, os pontos do bonds é um lugar de rendez-vous como outro qualquer e alli fica horas e horas a olhar, a conversar, a rir, a palestrar. Mas meus senhores aquilo não é ponto de palestra, nem de divertimento. (...) São pequenos hábitos antiquados, que observamos, com um amor incompreensível. Entretanto, estou cansado de ouvir dizer que o Rio civiliza-se. Ora bolas!<sup>81</sup>

Posturas consideradas atrasadas como estas de “estacionar sem motivo no alpendre do ponto dos bonds”, “cuspir no chão dos bondes”, vender produtos na rua ou pendurar carne no açougue, não ajudariam no projeto de civilização da cidade; modernizar não se restringia a modificar o espaço urbano, mas sim remodelar os costumes.

---

<sup>80</sup> NEEDEL, Jeffrey D., op. cit., p. 57.

<sup>81</sup> *Fon-Fon*. Anno V, n. 13, 30 de março de 1912.

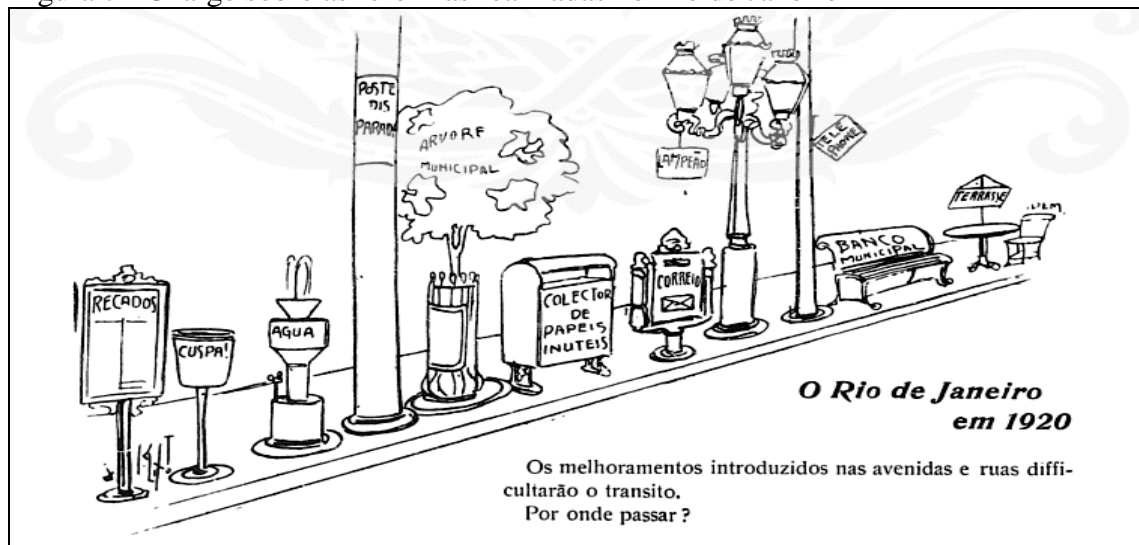
Figura 6 - Demolição dos Quiosques do centro do Rio de Janeiro, em 1911



Fonte: *Fon-Fon*, 18 de novembro de 1911.

O fim dos quiosques é um exemplo da remodelação dos costumes dentro do projeto de reforma urbana. Os quiosques eram alvos de muitas críticas da *Fon-Fon* que os considerava como uma tradição feia da cidade, servindo apenas como ponto de encontro de “vadios e pessoal desbocado”. Mas, da mesma maneira que defendiam algumas medidas das reformas no Rio, a *Fon-Fon* também apontava certo exagero em outras. Isto pode ser notado em uma charge irônica sobre as propostas de mudanças impostas ao cotidiano das ruas cariocas com vistas ao futuro:

Figura 7 - Charge sobre as reformas realizadas no Rio de Janeiro



Fonte: *Fon-Fon*, 5 de março de 1910.

Podemos notar na charge acima uma crítica a um possível futuro com exageros nos “melhoramentos” das ruas, com placas indicando o local para cada ação dos transeuntes, o que acabava atrapalhando a passagem. Esta charge serve como exemplo de que nem toda mudança ocorrida era elogiada e aceita pela revista. As charges e caricaturas satíricas são bastante utilizadas durante este período por intelectuais nas revistas e jornais cariocas, como vimos anteriormente. Na *Fon-Fon*, eles expressavam seus descontentamentos com as ações políticas ou comportamentos que não consideravam modernos. Assim, procuravam influenciar a opinião pública por meio do humor. Mas, como dissemos, algumas tradições do Rio de Janeiro foram colocadas de lado e isto atingiu a vida boêmia da cidade, frequentada por muitos intelectuais. Neste ponto, a revista se posicionou contra as reformas. Mantinha, então, uma posição ambígua, pois aceitava e elogiava algumas mudanças, mas criticava outras que a afetavam mais diretamente. Como afirma Vera Lins:

[...] a proposta de modernização que se via nas palavras da revista *Fon-Fon*! ameaçava a vida dos cafés cariocas e seus boêmios. A cidade passava por transformações modernizadoras, orientadas pelo modelo parisiense, que incluía grandes avenidas, demolindo essas pequenas ruas que abrigavam os cafés e confeitarias. Buenos Aires tinha seguido o modelo e agora era a vez do Rio, que queria fazer como a capital argentina<sup>82</sup>.

As reformas que não afetavam o grupo de colaboradores da *Fon-Fon* eram elogiadas. Ou seja, o caráter excludente existia, principalmente porque havia uma descrença na capacidade da população negra e mestiça que compunha boa parte das classes populares. Monica Pimenta Velloso destaca que, “acabaram-se criando novos mecanismos de exclusão social, já que a abolição da escravidão determinava igualdade de direitos”<sup>83</sup>. A revista *Fon-Fon* divulgava e reforçava esta ideia de cidade excludente e moldada para os mais ricos, o que pode ser percebido em várias publicações e charges. Ângela de Castro Gomes enfatiza que os intelectuais deste período se tornaram obsessivos pelo desafio de modernizar a sociedade. A causa estaria na “saída da escravidão e do regime monárquico, considerados, com intensidade que variava conforme a adesão ou aceitação do republicanismo, responsáveis, em grande

---

<sup>82</sup> LINS, Vera, op. cit., p. 65.

<sup>83</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. “O Modernismo e a Questão Nacional”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Jorge Luís; NEVES, Lucília de Almeida (Org). *O Brasil Republicano: O Tempo do Nacional – Estatismo do Início da Década de 1930 ao Apogeu do Estado Novo*. V. 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 362.

medida, pelo atraso em que o país se encontrava”<sup>84</sup>. Podemos notar estas questões no seguinte trecho da *Fon-Fon* em 1910:

Dos velhos habitos detestáveis da vida patriarcal da nossa antiga cidade, este é dos que mais têm resistido ás influencias avassaladoras da nossa rápida civilização. Bala, freguez. E o molecote andrajoso e fedorento grita-nos ao ouvido, o seu pregão, pulando ao balaustre do Bond e fazendo prodígios de equilíbrio com a sua bandeja de balas. Bem sei que desse pequeno commercio ambulante vivem famílias para quem a fortuna não foi prodiga. Sei também que é muito preferível que esses molecotes vivam a martyrisar-nos os ouvidos com a berraria do seu pregão, a se dedicarem á vagabundagem das ruas ou á aprendizagem dos perigosos exercícos de capoeira. Bem conheço estes intuitos louváveis e humanitários do pequeno commercio. Entretanto, não me parece impossível adaptar á caridade desses citados intuitos, um pouco mais de limpeza e decencia aos andrajos dos vendedores, tanto mais quanto, o orçamento municipal, por iniciativa do venerado Pereira Passos, reduziu extraordinariamente a taxa que devem pagar esses vendedores, desde que se apresentem devidamente uniformizados. Apesar disto elles preferem andar andrajosos e fedorentos pagando taxa maior, a sujeitarem-se ao uniforme que lhes reduziria o peso do imposto. Não se poderá fazer qualquer cousa neste sentido, que reduza um pouco o effeito desastroso desses andrajosos? Quem sabe?<sup>85</sup>

Percebemos neste trecho o projeto civilizador burguês, enfatizando a exclusão da população mais pobre, ou seja, mestiça e negra, bem como seus hábitos no cotidiano da cidade: “(...) é muito preferível que esses molecotes vivam a martyrisar-nos os ouvidos com a berraria do seu pregão, a se dedicarem á vagabundagem das ruas ou á aprendizagem dos perigosos exercícos de capoeira”. É possível notar também os novos mecanismos utilizados para o controle social dos mesmos, que é o caso da utilização de uniformes: “(...) Pereira Passos, reduziu extraordinariamente a taxa que devem pagar esses vendedores, desde que se apresentem devidamente uniformizados. Apesar disto elles preferem andar andrajosos e fedorentos pagando taxa maior, a sujeitarem-se ao uniforme que lhes reduziria o peso do imposto”.

A desigualdade de gênero também se fazia presente. Neste sentido, podemos observar no trecho abaixo duas críticas: uma feita às gírias cariocas, que utilizavam dialeto africano, e a outra à mulher, que pronunciava a gíria. Isto era visto pela revista como algo ainda mais assustador, indo contra o modelo de civilização europeia e tradicional que se queria transmitir aos leitores e leitoras. Nada vindo da cultura africana ou indígena era bem visto para o processo de modernização e remodelação dos costumes do Rio de Janeiro, ainda mais quando

---

<sup>84</sup> GOMES, Ângela de Castro, op. cit., p. 25.

<sup>85</sup> “Bala freguez. Ovo, manga e altéa”. *Fon-Fon*. Anno IV, n. 10, 05 de março de 1910.

reproduzido ou apropriado pelas mulheres:

Urucubaca? Impressionou-me, é serio, aquella extranha palavra, que me parecia cheirar mal, á cantiga. E aquella boca feminina, de lindos dentes claros e iguaes, repetiu mais umas duas ou três vezes esse nome feio: urucubaca. Que seria aquillo, Santo Deus! Que queria significar aquelle termo d’Africa, desencavado agora pelo feito pernóstico da nossa gíria para figurar, por momentos, nosso terrível calão de rua?... Não me admirei, porque em questões que entendam com a nossa gíria, eu já não me admiro de mais nada, nem mesmo de urucubaca significando azar, caiporismo. Esperemos que há de vir outro peor<sup>86</sup>.

Portanto, na *Fon-Fon* as ideias de civilização, que eram claramente direcionadas para a classe dominante, identificam-se com a cultura europeia, na tentativa de negar as origens mestiças da nacionalidade. Porém, a sociedade carioca era composta por diferentes grupos sociais, incluindo-se egressos da escravidão, imigrantes estrangeiros e aqueles que vinham do campo para a cidade. A população aumentava consideravelmente desestabilizando as estruturas pré-estabelecidas, como afirma Maria Maluf e Maria Lúcia Mott: “A nova paisagem urbana, embora ainda guardasse muito da tradição, era povoada por uma população nova e heterogênea, composta de imigrantes, de egressos da escravidão e de representantes das elites que mudavam do campo para as cidades”<sup>87</sup>.

Assim, na passagem do século XIX para o XX, a preocupação com o ordenamento social e urbano era notável. A modernização da cidade do Rio de Janeiro sob o regime republicano a identificava como superior, pois, como destaca Nicolau Sevcenko, a cidade representava a “sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visita do país, atraindo tanto estrangeiros quanto nacionais”<sup>88</sup>. O projeto da *belle époque* carioca visava classificar, controlar, vigiar e normatizar os comportamentos sociais, principalmente os femininos. Para Sevcenko, marcaram este processo:

A condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo,

---

<sup>86</sup> “Urucubaca?”. *Fon-Fon*. Anno VIII, n. 36, 27 de junho de 1914.

<sup>87</sup> MALUF, Maria; Mott, Maria Lúcia, op. cit., p. 371.

<sup>88</sup> SEVCENKO, Nicolau, op. cit., p. 522.



profundamente identificado com a vida parisiense<sup>89</sup>.

Neste sentido, o projeto moderno construía e divulgava a ideia de modernidade como liberdade, progresso e civilização. Isto porque visava colocar a modernização como sólida, essencialmente positiva, mas que poderia ser destruída pela tradição escravista e colonial. Daí, em grande parte, a condenação de hábitos e costumes tradicionais. Porém, Mashall Berman analisa a vida moderna unindo a visão de futuro com o passado, mostrando que tudo no mundo “está impregnado de seu contrário, um mundo onde ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’”<sup>90</sup>. Para o autor, a solidez da modernidade é uma ilusão. Na verdade, o tradicional sustentaria o moderno fazendo parte da sua própria essência. No decorrer desta pesquisa podemos observar esta questão em vários aspectos do projeto de modernização no Brasil, onde alguns avanços foram criticados ou até mesmo impedidos por não estarem de acordo com o projeto “civilizador moderno”. No que se refere à mulher, valores tradicionais com novas roupagens foram sustentados, como o casamento, a maternidade, a virgindade e o controle sobre sua maneira de se vestir e agir, a fim de se manter as hierarquias e a ordem social. Portanto, modernidade e tradição caminhavam juntas. Como afirma Berman, a modernidade: “[...] encontra-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação, transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”<sup>91</sup>.

Ou seja, é um conjunto de experiências contraditórias, ambíguas, somadas a angústia perante as certezas do passado e as incertezas do futuro. A modernidade, segundo o autor, é repleta de novas experiências em relação ao tempo, ao espaço e a si mesmos, partilhadas por homens e mulheres. Segundo ele, a burguesia, agente da modernidade, tornou tudo vendável, mercadoria; tudo pode ser vendido ou comprado e gerar lucro:

Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano; jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de mídia, que se comunicam em escala cada vez maior [...] um mercado mundial que a tudo abarca, em crescente expansão,

---

<sup>89</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>90</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 23.

<sup>91</sup> Ibidem, p. 15.

capaz de um estarrecedor desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade<sup>92</sup>.

Para Berman, a modernidade está associada ao desenvolvimento do capitalismo e da luta de classes. A ascensão da burguesia ao poder estaria relacionada com a aceleração do desenvolvimento tecnológico e científico citada no trecho acima. O projeto modernizador e civilizador burguês no Brasil visava o ideal de progresso material e social, mas, ao mesmo tempo que introduziu mudanças, assegurou a manutenção da ordem patriarcal e aristocrática. É justamente nesta ambiguidade que se insere o processo de modernização brasileira; “dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo e modernização”<sup>93</sup>.

### 1.3 Patriarcado ou dominação masculina na modernidade?

Para o desenvolvimento da discussão de gênero nesta pesquisa, precisamos refletir acerca dos conceitos de dominação masculina e patriarcado, bem como suas particularidades no contexto trabalhado. Neste sentido, visamos compreender qual conceito caberia ao analisar a política, a sociedade, a cultura e a economia brasileiras no início do século XX. Segundo Luís Felipe Miguel, constantemente na história a desigualdade entre homens e mulheres não foi camuflada, mas sim “(...) assumida como um reflexo da natureza diferenciada dos dois sexos e necessária para a sobrevivência e o progresso da espécie”<sup>94</sup>. Porém, o pensamento feminista surgiu para recusar esta ideia e denunciar os padrões de opressão encaminhando para uma “(...) crítica ampla do mundo social, que reproduz assimetrias e impede a ação autônoma de muitos de seus integrantes”<sup>95</sup>. Partindo deste pensamento, analisamos a manutenção de oposições binárias entre sexos e classes no período proposto.

---

<sup>92</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>93</sup> Ibidem, p.16.

<sup>94</sup> MIGUEL, Luis Felipe. “Feminismo e a política”. In: MIGUEL, Luis Felipe, Biroli, Flávia (org.) *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014, p.17.

<sup>95</sup> Ibidem.

Iniciamos, então, com o conceito de dominação masculina que, segundo Bourdieu seria uma forma particular de violência simbólica. Ele analisa a manutenção do poder masculino que se mascara nas relações sociais, infiltrando-se em pensamentos e concepções de mundo:

A dominação masculina encontra assim reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como os esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade<sup>96</sup>.

O autor afirma que a dominação masculina está enraizada em cada sociedade e por isto sua prática acaba exercendo papel de senso comum. São “(...) esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundadoras da ordem simbólica”<sup>97</sup>. Além disto, a dominação masculina traz o discurso de que a biologia e o corpo seriam espaços onde as desigualdades entre os sexos seriam naturalizadas:

[...] diferença entre os corpos biológicos em fundamentos objetivos da diferença entre os sexos, no sentido de gêneros construídos como duas essências sociais hierarquizadas. [...] sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho e, a partir daí, de todo o cosmos<sup>98</sup>.

Portanto, é próprio da relação de poder entre os gêneros que se naturalize a condição oprimida e subordinada da mulher, pois ser dominada estaria na natureza feminina, seria um dado biológico. Porém, o feminismo começou a questionar estas estruturas e a defender que não há nada de natural ou biológico; tudo se dá no âmbito cultural. A dominação masculina é o termo utilizado por alguns autores para substituir as “relações de subordinação direta de uma mulher a um homem, próprias do patriarcado histórico, por estruturas impessoais de

---

<sup>96</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014, p. 54.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 54.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 40.

atribuição de vantagens e oportunidades”<sup>99</sup>. Os que defendem esta ideia enfatizam que as instituições patriarcais se transformaram com o passar do tempo, mas a dominação masculina permaneceu.

Em relação ao patriarcalismo, Max Weber o define como: “(...) a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas”<sup>100</sup>. Para Weber, trata-se de um conceito de organização social onde a autoridade é o patriarca de uma comunidade doméstica. Lia Zanotta Machado destaca que Weber considerava que o patriarcado é “um sentido ‘ahistórico’ porque não está limitado a um só momento histórico, isto é, porque pode e deve ser referido a qualquer momento histórico onde se encontre tal sentido de ação típico-ideal”<sup>101</sup>. Ou seja, em qualquer momento da história onde o homem exerce domínio sobre a família/mulher/sociedade, o conceito de patriarcado pode ser percebido. Portanto, ele não estaria preso a somente um contexto histórico, como defendem aqueles que utilizam o conceito de dominação masculina. Para uma análise mais particular do Brasil, lembramos a visão de Gilberto Freyre, nos anos 1930, em *Casa Grande & Senzala*. Aqui patriarcalismo significa:

[...] todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária), de trabalho (a escravidão), de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao pater familis, culto dos mortos etc.), de vida sexual e de família (patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o “tigre”, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo)<sup>102</sup>.

Segundo Freyre, no Brasil o sistema patriarcal instituiu-se como uma estratégia da

---

<sup>99</sup> MIGUEL, Luis Felipe, op. cit., p. 19.

<sup>100</sup> WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1964, p. 184.

<sup>101</sup> MACHADO, Lia Zanotta. “Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?” *Série Antropologia*, Brasília, 2000, p. 3.

<sup>102</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006, p. 36. O livro foi publicado pela primeira vez em 1933 e é obra interessante para a percepção do patriarcalismo e do conservadorismo na sociedade brasileira e no pensamento do próprio autor.

colonização portuguesa, composta por uma “família rural ou semirural”<sup>103</sup> e com regime de escravidão, ou seja, uma sociedade prioritariamente hierárquica, formada por vínculos de clientelismo e parentesco. Para Susan K. Besse, estas bases permaneceram pelo menos até meados do século XIX, onde a economia de exportação “dava todo poder aos grandes fazendeiros, patriarcas rurais cujo controle da terra, da mão de obra, dos mercados e do capital lhes garantia plena hegemonia política, bem como autoridade quase absoluta sobre suas extensas famílias”<sup>104</sup>. Além disto, as relações de gênero eram baseadas numa dupla moralidade, onde o homem tinha total liberdade e a mulher era tolhida/sujeita ao recato:

À exploração da mulher pelo homem, característica de outros tipos de sociedade ou de organização social, mas notadamente do tipo patriarcal-agrário – tal como o que dominou longo tempo no Brasil – convém a extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por essa diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades de gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que ele estivesse disposto a procriar. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filhos (...) <sup>105</sup>.

Com o passar dos anos, a economia e a política se modificaram, mas as estruturas patriarcais se mantiveram, principalmente em relação à condição feminina na sociedade. Portanto, o patriarcalismo, como aqui utilizamos, funciona como um sistema de relações entre gerações e gênero, no qual crianças e mulheres estão subordinadas ao homem da família que controla a riqueza familiar, a sexualidade das mulheres e a força de trabalho. Para Sylvia Walby, o conceito de patriarcado é capaz de “capturar a profundidade, penetração ampla e interconectividade dos diferentes aspectos da subordinação das mulheres”<sup>106</sup>. É a partir dele que iremos analisar a condição feminina no país no início do século XX.

Os valores patriarcais do período colonial serviram como referência ao longo da história do Brasil, se mantendo presentes, então, na construção da modernidade durante a república, principalmente no que se refere ao direito de família e à mulher. Assumindo contornos diferenciados, o patriarcalismo permanece nas relações políticas, econômicas,

---

<sup>103</sup> Ibidem, p. 80.

<sup>104</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p. 13.

<sup>105</sup> FREYRE, Gilberto, op. cit., p.93.

<sup>106</sup> WALBY, Sylvia. *Theorizing patriarchy*. Oxford: Basil Blackwell, 1990, p. 2.

culturais e sociais do país. Isto porque, mesmo com as grandes mudanças que ocorriam, como a abolição oficial da escravidão, a grande imigração e o processo de urbanização e de industrialização, a subordinação e dependência da mulher em relação ao homem “se mantiveram ainda por um longo tempo, mesmo que disfarçadas sob um verniz de modernidade”<sup>107</sup>. Mas, para Luis Felipe Miguel, o patriarcado: “[...] é entendido como sendo apenas uma das manifestações históricas da dominação masculina. Ele corresponde a uma forma específica de organização política, vinculada ao absolutismo, bem diferente das sociedades democráticas”<sup>108</sup>.

Ou seja, para os que defendem o uso do conceito de dominação masculina, o patriarcalismo seria ineficaz para problematizar as relações de gênero nas sociedades capitalistas contemporâneas. Para eles, a dominação masculina por não estar vinculada a uma forma histórica tem a possibilidade de novos questionamentos e mais espaço para análise de novas transformações. Diferente do patriarcado que, como afirma Lia Zanotta, “ao ser (re)conhecido já (tudo) explica: a desigualdade de gêneros”<sup>109</sup>. Por este motivo, Luis Felipe Miguel, e outros autores que defendem a mesma ideia, descartam o uso do conceito de patriarcado como categoria de análise nos estudos sobre a condição feminina.

Porém, o Brasil não passou por um processo revolucionário de transformações políticas e sociais, permitindo, assim, a continuação das bases coloniais, patriarcais, reforçadas pelo positivismo (ordem e progresso) e pela Igreja Católica, o que auxiliou na coesão e no controle social neste início do século XX, além de “[...] restringir a atuação das mulheres à esfera privada. Ao desencorajar a participação feminina no mundo da política e do trabalho fora de casa, os religiosos reforçavam a hierarquia existente entre homens e mulheres e o ideal de reclusão feminina”<sup>110</sup>.

Portanto, não utilizamos o conceito de dominação masculina nesta pesquisa por defendermos que os estudos de gênero não devem abandonar o conceito de patriarcado,

---

<sup>107</sup> SCOTT, Ana Silvia. “O caleidoscópio dos arranjos familiares”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.), op. cit., p.16.

<sup>108</sup> MIGUEL, Luis Felipe, op. cit., p. 18.

<sup>109</sup> MACHADO, Lia Zanotta, op. cit., p. 4.

<sup>110</sup> HAHNER, June E. “Honra e distinção das famílias”. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.), op. cit., p. 48.

principalmente neste período de transição vivido no Brasil. Afinal, como afirma Heleieth Saffioti, recorrendo a Carole Pateman, este:

[...] é o único conceito que se refere especificamente à sujeição da mulher, e que singulariza a forma de direito político que todos os homens exercem pelo fato de serem homens. Se o problema não for nomeado, o patriarcado poderá muito bem ser habilmente jogado na obscuridade, por debaixo das categorias convencionais da análise política. [...] Grande parte da confusão surge porque ‘patriarcado’ ainda está por ser desvencilhado das interpretações patriarcais sobre o patriarcado. Abandonar o conceito significaria a perda de uma história política que ainda está para ser mapeada<sup>111</sup>.

A autora defende o uso do patriarcado, pois acredita que este dá um nome unificador às muitas facetas da dominação masculina. Acrescenta ainda, que o patriarcado “apresenta não apenas uma hierarquia entre categorias de sexo, mas traz também, em seu bojo, uma contradição de interesses”<sup>112</sup>. Este sistema “não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração”<sup>113</sup>. Portanto, este é um sistema de “dominação-exploração” que no início do século XX e também na contemporaneidade, mostra que, longe de ter sido abolido, atualiza-se em um processo contínuo de transformação ao longo da história da formação social brasileira. Neste sentido, para o período aqui trabalhado, podemos perceber as novas formas do patriarcalismo na presença do sistema capitalista e da república. Vemos um país em processo de modernização patriarcal, pois, como afirma Jeni Vaitsman: “A modernização no plano da subjetividade e da família seria muitas vezes apenas aparente, com a persistência de elementos tradicionais coexistindo com comportamentos aparentemente modernos”<sup>114</sup>.

Neste sentido, concordamos com ideia da autora, que destaca que no Brasil ocorreu um “patriarcalismo moderno”<sup>115</sup>, ou seja, a família moderna é de fato uma família patriarcal. Segundo ela, o processo da modernização brasileira inaugurava uma nova modalidade de patriarcado onde havia conteúdos diferentes que legitimavam as relações de gênero na

---

<sup>111</sup> SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 55.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 107.

<sup>113</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>114</sup> VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 14.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 61.

chamada família patriarcal dos setores rurais tradicionais. A autora defende que a família conjugal moderna se formava a partir de algumas mudanças, como a vontade individual do homem e da mulher (o amor romântico), tinha uma maior participação da mulher em atividades lucrativas (como a de costureira, professora, datilógrafa, secretária, entre outras) e, em alguns casos, ocorria o desquite ou o casamento com desquitados, além da diminuição da autoridade paterna e o aumento do controle sobre a natalidade.

Estas mudanças são os conteúdos distintos que modificaram o patriarcalismo rural do moderno vivenciado no país no período que estamos analisando. Acreditamos que mesmo com estas transformações, principalmente aquelas relacionadas ao maior acesso da mulher ao espaço público e à educação, foi mantido o patriarcalismo, ou seja, um mecanismo que reproduz as desigualdades e as vantagens dos homens sobre as mulheres. Como já vimos neste capítulo, o processo de modernização no Brasil, está prenhe de tradição. Portanto, Vitsman também destaca alguns traços do patriarcalismo rural que foram mantidos: “(...) tolerância de adultério discreto por parte do homem; intolerância de adultério por parte da mulher; tabu violento contra perda de virgindade por parte das mulheres, mesmo nos centros mais urbanizados”<sup>116</sup>, como ocorreu no Rio de Janeiro. Sendo assim, utilizamos o conceito de patriarcado para pensar as relações de gênero na sociedade brasileira. Acreditamos que no período histórico de transição aqui analisado este se insere corretamente, pois a construção da ordem burguesa no Brasil no período da *belle époque* foi projetada com valores patriarcais e conservadores tendo como objetivo uma sociedade capitalista, “moderna e higiênica”.

O novo modelo de família recomendado nas campanhas pela modernização, na realidade ainda mantinha o poder central do homem, pois, este “(...) transformara a mulher na ‘rainha do lar’, manteve a mesma hierarquia com relação aos papéis masculinos e femininos, com o homem à cabeça da casa e da família e a mulher como subalterna e dependente”<sup>117</sup>. É neste contexto que refletimos sobre como foi construído o feminino na revista *Fon-Fon*, analisando as imagens, representações e significados veiculados na mesma. Como destacado anteriormente, a referência ao feminino é marcada pela divisão sexista de papéis sociais que estavam presentes naquela sociedade.

O feminino foi representado pela *Fon-Fon* a fim de construir modelos de

---

<sup>116</sup> Ibidem, p. 62.

<sup>117</sup> SCOTT, Ana Silvia, op. cit., p. 17.



comportamento e de mulher “moderna”. Percebemos que a revista era reprodutora de uma visão conservadora, logo, não foi por acaso que a divisão de gênero prevaleceu. As mulheres da época continuavam sendo representadas como frágeis, dependentes dos homens e exigindo cuidado, zelo e vigilância. Assim, se tornava visível a preocupação em conter as mulheres que estavam circulando pelos espaços públicos, nos cafés, salões, lojas, e, principalmente, no mundo do trabalho, onde esta poderia conseguir sua independência, abandonar o lar e ser dona de si mesma:

A participação das mulheres na educação e em atividades remuneradas fora de casa, fosse como operárias, fosse como profissionais de nível médio e superior, aparecia como um primeiro desafio a um sistema de hierarquia sexual que, de fato, seria transformado, à medida que se deixasse tocar pelos conflitos entre igualdade e hierarquia trazidos pelos ares da modernização<sup>118</sup>.

Segundo Vaitsman, estas mudanças em relação a maior participação feminina nos espaços públicos foram vistas como ameaças à família e, por isto, acabaram sendo “alvo do ataque dos representantes do próprio Estado que promovia a industrialização”<sup>119</sup>, e da imprensa que divulgava e mantinha um ideal feminino baseado no conservadorismo da sociedade brasileira. Portanto, a revista *Fon-Fon* reforçava a visão patriarcal com o objetivo de construir/divulgar um Brasil supostamente moderno e civilizado, como os países europeus. Esta “nova mulher” era aconselhada a permanecer “em casa, desestimulando seu trabalho público e proibindo várias de suas atividades”<sup>120</sup>. Ela continuava sendo representada como uma mãe dedicada que dispensava especial atenção ao cuidado e à educação dos filhos.

Esta “nova mulher” seria também uma esposa afetiva, ainda submissa ao marido”<sup>121</sup>. Esperava-se das mulheres “modernas” a aparência exterior de sofisticação e a conservação das qualidades femininas de recato, deveriam se vestir e se comportar de maneira oposta do homem. Deveriam ser, ao mesmo tempo, “símbolos de modernidade e baluarte de estabilidade contra os efeitos desestabilizadores do desenvolvimento industrial capitalista, protegendo a

---

<sup>118</sup> VAITSMAN, Jeni, op.cit., p. 57.

<sup>119</sup> Ibidem, p. 57.

<sup>120</sup> VAITSMAN, Jeni, op.cit., p. 58

<sup>121</sup> SCOTT, Ana Silvia, op. cit., p. 17.

família das influências ‘corruptoras’”<sup>122</sup>.

Assim, para o projeto de modernização burguesa era necessário preservar a desigualdade de gênero a fim de garantir a ordem e o progresso da sociedade hierarquizada no Brasil, pois, como ressalta Fátima Quintas, o ideal seriam “mulheres exageradamente femininas para serem mulheres exageradamente dominadas”<sup>123</sup>; quanto mais oposições e diferenciações de gênero melhor para a manutenção da estrutura patriarcal. Segundo Saffioti, todas as sociedades:

[...] apresentam, em maior ou menor grau, o fenômeno da supremacia masculina. Isto equivale a dizer que as diferenças existentes entre homem e mulher são convertidas em desigualdades, em detrimento da mulher, pólo dominado-explorado, embora longe de ser passivo<sup>124</sup>.

Percebemos, então, que o patriarcalismo reforça as diferenças de gênero, permitindo a exaltação ao masculino. Podemos concluir que valores tradicionais, conservadores e patriarcais direcionavam os papéis sociais da família burguesa no país, com a manutenção de homens e mulheres com direitos desiguais. Para Jeni Vaitsman, a individualidade, fruto da ordem capitalista, estruturou-se através de uma “hierarquia, de uma divisão sexual do trabalho que impedia o exercício da liberdade e igualdade de forma equivalente pelos dois sexos”<sup>125</sup>. Sendo assim, a individualidade patriarcal legitimou as relações hierárquicas entre homens e mulheres, nas esferas pública e privada; os papéis sociais pré-determinados definiam a individualidade de cada um.

A gênese das sociedades modernas e de sua forma típico ideal de família, aquela formada pelo homem provedor financeiro, a mãe-dona-de-casa e os filhos solteiros vivendo sob um mesmo teto, foi marcada pela dicotomia entre papéis públicos e privados atribuídos segundo o gênero. Estas relações estruturam o padrão que ficou conhecido como família conjugal moderna e que, por ter como um de seus princípios a livre escolha do cônjuge, também foi associado ao individualismo e às

---

<sup>122</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p. 40.

<sup>123</sup> QUINTAS, Fátima. *Sexo à moda patriarcal: O feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre*. SP: Ed. Global, 2008, p. 64.

<sup>124</sup> SAFFIOTI, H. I. B. “Abuso sexual pai-filha”. In: QUINTAS, Fátima (org.). *Mulher negra: preconceito, sexualidade, imaginário*. Recife: Massangana, 1995, p. 163.

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 33.

ideias de liberdade e igualitarismo<sup>126</sup>.

Devido a dicotomia de papéis públicos e privados, a família conjugal moderna brasileira, se constitui como modelo hierárquico e não igualitário, tornando-se padrão dominante das classes médias urbanas até meados de 1960<sup>127</sup>. O discurso dominante difundido no período a respeito das características da natureza de cada sexo dizia que “as mulheres eram classificadas como fisicamente frágeis e, por isto, naturalmente delicadas, submissas e afetivas, e os homens como fisicamente fortes, e, portanto, dominantes, vigorosos e intelectuais”<sup>128</sup>. O patriarcalismo analisa as diferenças como desigualdades e esta como “superioridade *versus* inferioridade”<sup>129</sup>, como afirma Fátima Quintas, ou seja, superioridade masculina *versus* inferioridade feminina. Afinal, os valores patriarcais “legitimavam as normas para regulação dos papéis da família ideal e oficial da sociedade burguesa e moderna em que o Brasil lutava para se transformar”<sup>130</sup>.

Contudo, é necessário destacar que, mesmo com todo aparato para a manutenção da condição feminina no Brasil, algumas mulheres deste período se mostraram dispostas a ir contra as imposições feitas pelo patriarcalismo, como veremos ao longo desta pesquisa. Os efeitos destas ações se tornaram visíveis décadas mais tarde. De todo modo, a modernização no país estimulou “valores universalistas, igualitários, empurrou as mulheres para o mundo público e solapou os pilares da estratificação de gênero e do individualismo patriarcal”<sup>131</sup>. Portanto, acreditamos que estas mulheres deram um importante passo no debate sobre a autonomia feminina no Brasil.

No capítulo seguinte, refletiremos sobre a condição feminina na modernidade carioca. Destacaremos como a mulher era representada pelos organizadores da *Revista Fon-Fon* e qual seria o papel determinado para elas na sociedade. Defendemos que a revista, ao pensar o feminino, participa da construção do gênero no período. Assim, ela condiciona padrões

---

<sup>126</sup> VAITSMAN, Jeni, op.cit., p. 15.

<sup>127</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>128</sup> VAITSMAN, Jeni, op.cit., p. 56.

<sup>129</sup> QUINTAS, Fátima, op. cit., p. 65.

<sup>130</sup> VAITSMAN, Jeni, op.cit., p. 60.

<sup>131</sup> Ibidem.

tradicionais e pré-estabelecidos pela lógica da divisão sexista de como seria o comportamento adequado e esperado das mulheres, juntamente com a moda utilizada por aquelas consideradas “modernas” e usadas como modelos a serem seguidos pelas leitoras em fotos e artigos da revista. A ordem patriarcal e conservadora interferia na possível liberdade/autonomia política, econômica e social da mulher. Assim, é possível notar a importância de se manter a ordem e a família na construção da modernidade carioca. O novo era bem-vindo em vários aspectos, mas com limitações, sem ameaças à ordem, à estrutura familiar e ao poder patriarcal.

## 2 GÊNERO E CONDIÇÃO FEMININA: O PAPEL DA MULHER NA MODERNIDADE

### 2.1 A mulher na família: o papel da boa esposa

“Quanto de sonho e de felicidade não representa para um pai que tem filhas casadeiras, um rapaz de posição... Dizem as gramáticas que a posição é um substantivo. Que injustiça! Posição é uma qualidade”<sup>132</sup>. Neste trecho é possível perceber que para a *Fon-Fon* a posição social de um indivíduo era característica essencial para a construção e manutenção da “boa e honrada” família. O casamento era um ritual necessário para a ampliação do capital familiar e a manutenção de posições. Esta era a melhor forma de consolidar laços entre membros de diferentes famílias. A *Fon-Fon* contribuía, então, para divulgar o modelo ideal de família para a modernidade. Como afirma Karoline Carula, a “imprensa, como integrante da sociedade civil, comprometida com os projetos modernizadores da nação, se empenhou em educar a mulher brasileira, a fim de que esta se modelasse nos parâmetros burgueses”<sup>133</sup>. Para as mulheres de famílias ricas, segundo o artigo da *Fon-Fon*, isto significava se preparar desde cedo para o casamento (que na maioria das vezes era imposto pela família) e para ser uma boa esposa. Segundo Gizlene Neder e Gisálio Cerqueira Filho, a “‘boa esposa’ e ‘boa mãe’ deveria ser uma mulher prendada e, ao mesmo tempo, ir à escola, aprender a ler e escrever para bem desempenhar sua ‘missão educadora’”<sup>134</sup>. Para os autores, a “nova mulher” daria suporte ao marido e a “nova família” moderna. Como afirma Sevcenko, ambos tinham suas relações sociais “mediadas em condições de quase exclusividade pelos padrões econômicos e mercantis, compatíveis com a nova ordem da sociedade”<sup>135</sup>.

---

<sup>132</sup> *Fon-Fon*, Anno I, n. 20, 22 de junho de 1907.

<sup>133</sup> CARULA, Karoline, op. cit., p. 87.

<sup>134</sup> CERQUEIRA FILHO, Gisálio; NEDER, Gizlene. “Família, Poder e Controle Social: concepções sobre a família no Brasil na passagem à modernidade”. In: CERQUEIRA FILHO, Gisálio; NEDER, Gizlene (org.). *Idéias jurídicas e autoridade na família*. Rio de Janeiro: Revan, 2007, p. 15.

<sup>135</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 39.

Carla Pinsky afirma que o amor no casamento era desejável, mas não imprescindível, pois nos “arranjos conjugais, os interesses das famílias continuavam a ser determinantes, embora as questões de ‘sangue’ (relevantes do século anterior) tenham dado lugar aos interesses econômicos como critério fundamental para o estabelecimento de uniões”<sup>136</sup>.

Bourdieu destaca que a família é o primeiro local de socialização, responsável pela transmissão de um patrimônio econômico e cultural. De origem privilegiada ou não, a família transmite para seus descendentes uma cultura, um nome e um sobrenome, um estilo de vida moral, ético e religioso, a primeira identidade social do indivíduo é nela forjada (*habitus* primário). Portanto, para o modelo burguês em construção no Brasil, a família era essencial a fim de conferir *status*, honra e prestígio ao indivíduo na sociedade. As transformações rápidas nas rotinas e costumes sociais, que pensamos no capítulo anterior, marcaram a entrada do Brasil na era industrial moderna. A classe dominante teve grande influência na redefinição das normas de gênero que mantêm o patriarcado histórico. Sendo assim, a família moderna era o mecanismo necessário para a manutenção da ordem social, política e de gênero, pois “novas práticas de sociabilidade foram adotadas, inspiradas nos modismos da *belle-époque* francesa”<sup>137</sup>, evocando, assim, o padrão de organização burguesa.

O conceito de representações trabalhado por Roger Chartier pode ser utilizado para completar a análise da sociedade no período proposto. A partir dele podemos pensar sobre o lugar da mulher nos alicerces da moral familiar/social moderna e como ela era representada na imprensa carioca, pois sabemos que a *Fon-Fon* reiterava a visão patriarcal. Para o autor, as representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. Assim, é possível perceber que na representação de família ideal projetada pela *Fon-Fon*, e segundo o modelo da ordem burguesa em construção, a honra familiar estava ligada a honra feminina (baseada na pureza sexual e no recato). Esta ideia foi reforçada ainda mais devido às mudanças na medicina no início do período republicano:

A partir de meados do século XIX, os médicos que haviam descoberto que a saúde deficiente de mulheres e crianças constituía grave problema social, investiam

---

<sup>136</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. “A era dos modelos rígidos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.), op. cit., p. 478.

<sup>137</sup> CERQUEIRA FILHO, Gisálio; NEDER, Gizlene, op. cit., p. 15.

intensamente contra a medicina popular, as parteiras, e outros profissionais práticos e ‘ignorantes’, não-qualificados<sup>138</sup>.

Segundo Susan K. Besse, os médicos do século XX conseguiram realizar as mudanças desejadas desde o século anterior, tendo “assegurado para si forte influência no seio da burocracia governamental, bem como no da população de classe média e alta”<sup>139</sup>.

Com bastante prestígio durante este período, a medicina científica indicava uma alteração na idade considerada ideal para a mulher se casar e ter filhos. Anteriormente, era a primeira menstruação da menina que determinava que ela estaria preparada para o casamento, o que a levava a se casar muito cedo. Porém, como destaca Silvia Fávero Arend, devido à alta taxa de mortalidade materna e infantil, foi divulgada pelos médicos no início do século XX, uma nova idade recomendada para se casar, que seria aos 20 anos, pois, “(...) nessa época o corpo, especialmente o feminino, estaria ‘maduro’ para produzir bebês mais saudáveis”<sup>140</sup>. Esta mudança prolongou a infância feminina, o que resultou em maior limitação, vigilância e controle da família e da sociedade sobre seu comportamento:

[...] desde pequena a criança deveria ser impedida de tocar em seus órgãos genitais ou de ser tocada, deveria evitar alimentos fortes e ‘bebidas espirituosas’; em compensação, deveria habituar-se aos esportes, como a natação, ginástica etc., exercícios que não lhe deixariam muito tempo livre e, finalmente, deveria ser vigiada em todos os lugares por onde circulasse, assim como suas companhias, deitar exausta de cansaço e levantar bem cedo ‘de modo a combater a moleza’<sup>141</sup>.

Para Margareth Rago, a grande preocupação do período era a ociosidade da menina rica que, devido ao novo parecer médico, ficaria mais anos de sua vida em casa. Então, era preciso ocupar seu tempo, nem que para isto ela saísse um pouco mais de casa (sempre sob vigilância e controle). Assim, além das compras, missas e cafeterias, foram incluídas nas horas de lazer das jovens práticas esportivas, como andar de bicicleta, patinar e fazer ginástica. Abaixo podemos observar em destaque na *Fon-Fon* alguns destes esportes considerados os aliados no combate à ociosidade feminina:

---

<sup>138</sup> BESSE, Susan K., op. cit., p. 22.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>140</sup> AREND, Silvia Fávero. “Trabalho, escola e lazer” In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.), op. cit., p. 50.

<sup>141</sup> RAGO, Margareth, op. cit., p. 115.

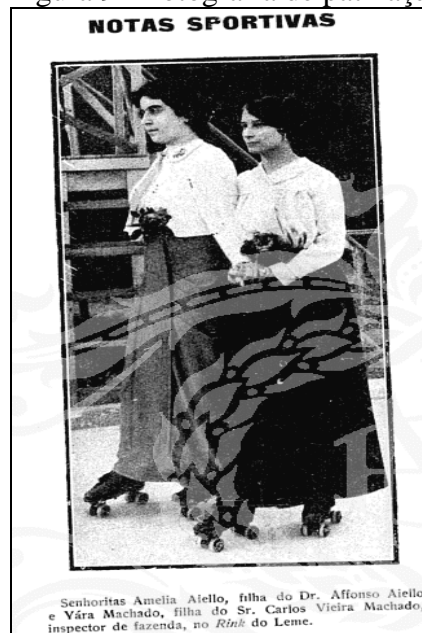
Figura 8 - Fotografia de ginástica sueca feminina em uma escola



Legenda: Grupo de alunas da Escola Normal, anexa do Gynnasio de Minas, em exercícios de gymnastica sueca.

Fonte: *Fon-Fon*, 2 de novembro de 1913.

Figura 9 - Fotografia de patinação



Fonte: *Fon-Fon*, 27 de junho de 1914.



Figura10 - Fotografia de uma reunião para andar de bicicleta



(Da direita para a esquerda) — senhorita Loleta Rimes, Sr. Manoel Burger, senhorita Jujú Rimes, Dr. Gesy Valentim e senhorita Edina Castro. As duas primeiras senhoritas são filhas do Dr. Aurelio Figueiredo Rimes, juiz de direito na cidade do Carmo. (Estado do Rio.)

Fonte: *Fon-Fon*, 1 de abril de 1911.

Para analisar as fotografias, charges e imagens da *Fon-Fon*, utilizamos a abordagem histórico-semiótica, ou seja, a produção de sentido das mesmas, apresentada por Ana Maria Mauad:

[...] como um fenômeno de produção de sentido, dois conceitos históricos são fundamentais: cultura e ideologia. Tais conceitos revelam tanto ao quadro cultural, no qual a mensagem foi concebida, quanto às escolhas efetivamente realizadas, de acordo com a dinâmica social contemporânea<sup>142</sup>.

Faremos isto com a intenção de interpretar as mensagens que estas passavam ao seu público leitor. Sendo assim, é possível notar que as fotografias acima incentivavam as mulheres a praticarem esportes. Para isto, mostravam as jovens ricas em passeios pelo Rio de Janeiro ou em notas de importantes atletas. Para Peter Burke, a imagem também é “tomada para revelar seus limites de entendimento cultural e as ideias em seu interior”<sup>143</sup>. Neste sentido, percebemos que as fotos na revista que mostravam os novos hábitos culturais femininos constantemente vinham acompanhadas por alguma legenda, como se a imagem

<sup>142</sup> MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história”. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1996, p. 15.

<sup>143</sup> BURKE, Peter. “História das imagens”. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 267.

precisasse de alguma opinião ou explicação da revista. O autor destaca que essa prática acontece, pois:

[...] o momento captado necessita comunicar ao observador pouco ou nada de um acontecimento que ocorre no tempo; os fotógrafos estão sujeitos a muitas formas de manipulação (a excisão de figuras; cortes e atenuações para alterar a interpretação do observador) e o significado prontamente legível muitas vezes é apenas gerado pela combinação com uma legenda<sup>144</sup>.

Portanto, a fotografia com a legenda seria mais uma forma de manipulação da revista com a finalidade do leitor entender a imagem segundo o sentido que o periódico queria divulgar. Como afirma Ana Maria Mauad, “a fotografia pode, por um lado, contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle de tais meios”<sup>145</sup>. Assim, as fotografias na *Fon-Fon* mostravam um ideal de mulher moderna. Neste modelo idealizado, quando a mulher praticava exercícios se mantinha ocupada e, ao mesmo tempo, saudável para cuidar da família, dos filhos e do lar. A imagem serve, então, para transmitir uma mensagem com sentido cultural e ideológico.

Ainda sobre a preocupação com a saúde da mulher, os médicos do período acreditavam que as mulheres, principalmente as ricas, sofriam de fraqueza. Segundo um médico do período, “dr. Francisco Vasconcellos, mesmo entre as mulheres da elite 30% – uma ‘legião’ de jovens mulheres – sofriam de fraqueza”<sup>146</sup>. Segundo ele, as jovens “(...) estavam destruindo sua saúde na maternidade e gerando proles doentias”<sup>147</sup>. Na verdade, as recomendações sobre a saúde da mulher, tinham o objetivo de prepará-la para o exercício do seu papel de mãe e esposa, não para o seu próprio bem-estar. Segundo Carla Pinsky, “para médicos e higienistas, mulher que se preze precisa ser saudável, sair de casa e fazer exercícios físicos adequados a sua ‘natureza’, como uma ginástica leve, um jogo de tênis, natação sem excessos, passeios a pé ou de bicicleta”<sup>148</sup>, exercícios que não colocariam seu útero em perigo.

Devido aos novos hábitos femininos na modernidade, a mulheres eram cada vez mais

---

<sup>144</sup> Ibidem, p. 266.

<sup>145</sup> MAUAD, Ana Maria, op. cit., p. 11.

<sup>146</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p. 23.

<sup>147</sup> VASCONCELOS, Francisco Figueira de Melo F. *Educação Sexual da Mulher*. Rio de Janeiro: (S/Edit.). 67 p. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1915, p. 31.

<sup>148</sup> PINSKY, Carla Bassanezi, op. cit., p. 476.

vistas nas ruas da cidade. Logo, elas se tornaram destaques na imprensa, principalmente a feminina que ficava encarregada de divulgar matérias sobre moda, comportamento, lazer, casamento e os flagrantes do cotidiano da cidade. Afinal, como vimos, as fotografias tinham um papel essencial ao mostrar aos leitores o Rio se modernizando juntamente com os novos costumes, além de exemplificar este modelo ideal de “nova mulher”. As pessoas recorriam a *Fon-Fon* para serem fotografadas:

*Fon-Fon* precisa fazer uma declaração: Muitas vezes perguntam, principalmente do interior, quanto custa a publicação de um retrato ou grupo em suas páginas. Precisamos declarar, uma vez por todas, que as pessoas que a *Fon-Fon* se preza em gravar em suas páginas nada pagam por isso. É um preito que a *Fon-Fon* lhes presta gratuitamente e com isso se julga muito honrado<sup>149</sup>.

O trecho acima ilustra como a fotografia na revista encantou aqueles que tinham dinheiro e percebiam ali uma oportunidade de reconhecimento e prestígio. A maioria das imagens era tirada nas avenidas, confeitarias ou bairros nobres e centro da cidade, mostrando os hábitos do cotidiano nos espaços reformados do Rio de Janeiro. O principal objetivo das fotografias espontâneas da *Fon-Fon* era mostrar a capital reformada, urbanizada, saneada, cidadãos civilizados e elegantes.

“Flagrantes” era a sessão da revista responsável por tirar fotografias espontâneas de pessoas em lugares nobres da cidade do Rio de Janeiro. As fotos flagradas dão uma ideia de comportamento enraizado e pronto para ser fotografado a qualquer momento, visando transferir o leitor para o local onde a foto foi tirada. Na maior parte destes flagrantes podemos notar a presença feminina com sua vestimenta da moda, praticando algum exercício, passeando pelas grandes avenidas, ou seguindo para um banho de mar, sempre acompanhada por alguém. Segundo Ana Maria Mauad, o grande desafio ao analisar uma fotografia “é chegar àquilo que não foi revelado pelo olhar fotográfico”<sup>150</sup>. Para isto, precisamos estudar as relações entre signo e imagem, ou seja, “(...) aspectos da mensagem que a imagem fotográfica elabora, e principalmente, inserir a fotografia no panorama cultural, no qual foi produzida, e

---

<sup>149</sup> *Fon-Fon*. Anno VIII, n. 20, 16 de Maio de 1914.

<sup>150</sup> MAUAD, Ana Maria. *Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social pela classe dominante no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Tese de doutorado. 2 v. Niterói, UFF – Programa de Pós-Graduação em História Social, 1990, p. 11.

entendê-la como uma escolha realizada de acordo com uma dada visão de mundo”<sup>151</sup>. Assim, compreendemos que as escolhas das fotografias/imagens expostas na revista eram realizadas de acordo com a “visão de mundo” que a publicação queria mostrar:

[...] imagens que traduzem comportamentos, valores, idéias, desejos e sentimentos, produzidos e reproduzidos ao longo das décadas, compondo a cidade, seus habitantes e o seu modo de vida, a partir de um certo olhar. Em sucessivas cenas, o Rio, Capital Federal, torna-se metrópole burguesa. Nesse processo, um mundo de signos é produzido na experiência coletiva, fornecendo a tônica do tempo vivido<sup>152</sup>.

A revista *Fon-Fon* reiterava a visão de modernização conservadora, portanto suas publicações iam de acordo com esta ideia. Sendo assim, os novos hábitos femininos que deixavam as mulheres “mais expostas” nos espaços públicos geravam certo desconforto por parte dos mais conservadores que exigiam maior vigilância sobre as mulheres, principalmente as jovens solteiras. Além da medicina da época, que considerava de grande importância a manutenção da ordem dos gêneros, várias instituições garantiam a reprodução desta ideia. As principais para Bourdieu são a família, a Igreja e a escola. Segundo o autor, estas são “(...) objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes”<sup>153</sup>. A atuação feminina valorizada neste período ainda era a de “boa esposa”, ou seja, mãe, dona de casa e responsável por educar e cuidar da saúde física de seus filhos e marido. Assim, como vimos no capítulo anterior a partir da leitura de Marshall Berman, a modernidade está impregnada de tradição, ou seja, a tradição referente aos comportamentos femininos continuou sendo exaltada e exigida na construção de uma sociedade moderna, pois a mulher “era a rainha do lar e a sua reclusão ao espaço doméstico era enaltecida”<sup>154</sup> – visão do século XIX que permanece como um dos principais valores do século XX. Desta forma, ela extrapolava o espaço privado da família e invadia a esfera pública, uma vez que aquelas crianças, seus filhos, seriam o futuro da nação. Então, a mesma contribuiria para o progresso do país e, ao mesmo tempo, manteria a ordem familiar, relacionando maternidade com progresso e patriotismo.

---

<sup>151</sup> Ibidem, p. 11.

<sup>152</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>153</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*, op. cit., p. 119.

<sup>154</sup> CARULA, Karoline, op. cit, p. 86.

Cabe aqui destacar que a atuação feminina variava de acordo com a classe social. As mulheres pobres historicamente ocupavam as ruas para trabalhar. Como afirma Silvia Fávero Arend, “grande parte delas começavam entre os 9 e 10 anos a trabalhar como babás e, com o avançar da idade, tornavam-se empregadas domésticas”<sup>155</sup>. Elas atuavam também como ambulantes, nas fábricas e mais tarde nos setores comerciais (lojas e casas elegantes):

Entre as populações femininas pobres, rurais, e urbanas, além dos processos relativos ao corpo (a menstruação e a gravidez), o que continuava a demarcar o ingresso na mocidade era o fato de a menina estar apta para trabalhar (na maioria das vezes entre os 10 e 13 anos), especialmente fora de casa<sup>156</sup>.

Estes empregos apareciam como alternativas possíveis e necessárias para mulheres que também sofriam com a vigilância e a desqualificação da sociedade, pois:

As classes mais baixas também deveriam ser educadas para que as desordens amorosas não desembocassem em desordem social. A população pobre, de trabalhadores imigrantes, negros e mulatos, passou a ter seu comportamento fiscalizado, criticado e, na medida do possível, submetido a intervenções por parte de autoridades religiosas, intelectuais e do Estado<sup>157</sup>.

É possível perceber, então, que estas mulheres e suas famílias também eram pressionadas pelas mesmas instituições que Bourdieu destacou acima. Portanto, havia um projeto idealizado para que todas as classes sociais se encaixassem no padrão considerado pelos conservadores da moderna ordem burguesa como “civilizado” e “moderno”. Esta foi a ideia divulgada pela *Fon-Fon*. Para a autora Susan K. Besse, houve um aumento no conflito de classes durante este período, principalmente devido a economia de mercado em expansão. Na questão feminina, as mulheres da classe média e alta estavam aderindo a novos papéis no espaço público, diferentemente das mulheres pobres que não viam suas vidas mudarem na mesma proporção:

A ‘questão social’ e a ‘questão da mulher’ convergiam, refletindo a intensificação do conflito de classes. As mulheres ricas queixavam-se cada vez mais de que suas empregadas estavam se tornando insuportavelmente ‘petulantes’, enquanto as autoridades públicas empenhavam-se em conter o comportamento ‘imoral’ de

---

<sup>155</sup> AREND, Silvia Fávero, op. cit., p. 76.

<sup>156</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>157</sup> PINSKY, Carla B., op. cit., p. 479.

‘mulheres desonestas’ e os conservadores denunciavam insistentemente o emprego de mulheres pobres fora de casa como algo perigoso para estabilidade da família, a moralidade social e, portanto, a ordem política<sup>158</sup>.

Ou seja, era importante para o projeto de modernidade conter a atuação feminina na sociedade. Embora por diferentes meios, independentemente da classe social, as mulheres eram vigiadas, controladas, reprimidas e desqualificadas de alguma maneira. Notamos também que, muitas vezes, as mulheres da classe dominante davam suporte a ideia de inferiorização daquelas das classes populares. Isto porque elas representavam a classe que construía o projeto de dominação e controle sobre os comportamentos, incluindo-se o feminino, além de serem elas mesmas alvo deste controle.

Estas mulheres apareciam nos espaços públicos, na maioria das vezes, em eventos sociais fora ou dentro de casa, fazendo compras de comida ou de roupas. Este ato ganhava cada vez mais importância como definidor de *status* social. Elas também iam às confeitarias, teatros, bailes, cinemas e faziam obras de caridade. A ajuda aos mais pobres fazia delas destaque na imprensa, como virtuosas mulheres cristãs, que saíam do conforto de suas casas para ajudar a “criança pobre”, como podemos observar na fotografia abaixo e em sua legenda:

Figura 11 - Filantropia das mulheres da classe dominante



Grupo de distintas senhoras que coadjuvaram as festas dadas á criança pobre.

Fonte: *Fon- Fon*, 4 de janeiro de 1913.

---

<sup>158</sup> BESSE, Susan K., op. cit., p. 20.

Os eventos em que estas mulheres se apresentavam, para além de ostentar a riqueza dos maridos, serviam também como forma de lazer, distinção e prestígio, ou seja, o dever de serem recatadas, contidas e belas recaía sobre elas que investiam na indumentária para mostrarem suas posições e, conseqüentemente, das suas famílias para a sociedade. Como afirma June E. Hahner:

Em tais eventos, assim como nas recepções formais de convidados, esperava-se que as mulheres de classe alta demonstrassem habilidades sociais adequadas e talentos que promovessem o nome da família – como entreter os convidados, conversar polidamente, tocar instrumentos, cantar de modo agradável, demonstrar maneiras refinadas, falar línguas. Até mesmo exibir joias e vestidos elaborados e decotados, cheios de laçarotes e babados, nos bailes e nas festas, assinalava a posição de suas famílias<sup>159</sup>.

Estas mulheres adquiriram papéis relevantes na manutenção de redes de sociabilidade e de alianças entre famílias ricas, pois estes eventos serviam também para que jovens solteiras pudessem encontrar possíveis pretendentes. Era um desfile de ostentação e distinção sendo colocadas em prática através da moda, que relacionava clima, espaço e vestuário, produzindo novas representações sociais. Segundo Sevcenko, “um verdadeiro culto de aparência exterior, com vistas em qualificar de antemão, cada indivíduo”<sup>160</sup>.

Além dos esportes, a escolarização feminina também auxiliou e permitiu o desempenho de novos papéis nas esferas privada e pública. As meninas de famílias ricas frequentavam os colégios privados, mas poucas continuavam seus estudos até o ensino superior. Aquelas que chegavam até ele optavam pelas carreiras consideradas femininas, como a Enfermagem ou o Magistério. Aos poucos a educação escolar foi deixando de ser um privilégio dos meninos, mas quando uma mulher exercia uma profissão que não era tida como feminina, a *Fon-Fon* a desqualificava.

A atuação feminina nas escolas e nos espaços públicos, apesar da ampliação do acesso, ainda continuava sendo limitada e moldada por um projeto patriarcal. É possível perceber que em qualquer campo de atuação feminina fora do lar, a mulher era representada como coadjuvante, ou seja, como subordinada ao masculino (chefe). A *Fon-Fon*, como divulgadora desta ideia, contribuía no processo de construção da subjetividade das meninas, pois, como

---

<sup>159</sup> HAHNER, June E. “Honra e distinção das famílias”. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.), op. cit., p. 55.

<sup>160</sup> SEVCENKO, Nicolau, op. cit., p. 40.

diz Silvia Arend:

A leitura de romances denominados ‘água com açúcar’ e de revistas femininas constituía-se em um dos principais passatempos dessas meninas que haviam se tornado estudantes. Muitas das publicações literárias e periódicas, conjuntamente com informações obtidas na escola, difundiam regras de etiqueta e noções de elegância que seriam provavelmente colocadas em prática na vida adulta ao lado do futuro esposo<sup>161</sup>.

Afinal, segundo Margareth Rago, a educação feminina tinha o objetivo de prepará-la para a carreira doméstica e não profissional. Neste sentido, “os conhecimentos que adquirisse deveriam, portanto, auxiliar a dissipar os antigos preconceitos que povoavam sua mente fraca e torná-la uma companhia agradável e interessante ao homem”<sup>162</sup>. As meninas que fugissem aos padrões de comportamento esperados não estariam de acordo com o que estas revistas e romances divulgavam, sendo consideradas as responsáveis por desestabilizarem a ordem e a base familiar da sociedade. Então, era preciso modernizar os comportamentos femininos, mas sem perder o controle sobre eles. A conduta dita moderna era bem-vinda, mas ao mesmo tempo temida. Disto resultava a necessidade ainda maior de controle e vigilância sobre a mulher, principalmente porque ela estava saindo às ruas sozinha. Assim, “(...) quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros a anátema do pecado”<sup>163</sup>.

Percebemos, então, que quanto mais mulheres eram vistas nas ruas, mais exigências morais eram colocadas sobre elas. Quando o assunto é relacionado à autonomia feminina, a revista com frequência trabalha com charges de ironia, a fim de inferiorizar e limitar a emancipação da mulher.

## 2.2 Moda, comportamento e condição feminina

O vestuário era importante para o destaque da família ideal na construção da ordem

---

<sup>161</sup> AREND, Silvia F., op. cit., p. 72.

<sup>162</sup> RAGO, Margareth, op. cit., p. 89.

<sup>163</sup> Ibidem, p. 88-89.



burguesa. O poder simbólico na imposição de uma tendência de moda é relevante para compreender a noção de distinção, estabelecendo, assim, “um sistema de filtragem que determine aqueles que devem ou não ascender na hierarquia cultural”<sup>164</sup>. A preocupação com os significados que se associavam à indumentária era evidente na época. Para Rosane Feijão, “o caráter simbólico de roupas, acessórios, penteados e maquiagem, a aparência de homens e mulheres sofre grandes transformações nesse período, mesmo que seguindo lógicas diferentes e até opostas”<sup>165</sup>.

O estudo do vestuário está diretamente ligado à modernização da cidade. Com as cidades brasileiras reformadas e “civilizadas”, surgia uma nova “filosofia financeira nascida com a República [que] reclamava a remodelação dos hábitos sociais e dos cuidados pessoais”<sup>166</sup>, o que incluía a maneira de se vestir. O vestuário feminino era importado principalmente da França, chegando pelos navios, juntamente com os mobiliários, perfumes e acessórios. Também eram importados de lá, o “comportamento, lazer, as estéticas e até as doenças, tudo enfim que fosse consumível por uma sociedade altamente urbanizada e sedenta de modelos e prestígio”<sup>167</sup>. Porém, é importante enfatizar que estas influências estrangeiras que chegavam ao Brasil tinham características e interesses próprios da realidade brasileira, como afirma André Luiz Vieira Campos. Elas “interagem com as realidades ‘locais’, o que faz com que suas ações sejam moldadas/negociadas pelos interesses dos países onde atuam”<sup>168</sup>. Segundo Cláudia Oliveira, acerca da influência francesa no Brasil:

[...] a moda, os hábitos, os costumes e a literatura francesa iam sendo adaptados às condições locais, passando a funcionar como veículos de transferência cultural, transformando-se em objetos que auxiliavam na formação da identidade cultural da cidade [Rio de Janeiro]. A transposição de modas e comportamentos, arte e literatura, no seu sentido mais abrangente, amplamente praticada na capital do Império e, posteriormente, da República, começa a construir a própria essência da criação e instrumento indispensável, através do qual se retirava do conceito de cópia

---

<sup>164</sup> ORTIZ, Renato, op. cit., p. 23.

<sup>165</sup> FEIJÃO, Rosane, op. cit., p. 21.

<sup>166</sup> SEVCENKO, Nicolau, op. cit., p. 28.

<sup>167</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>168</sup> CAMPOS, André Luiz Vieira. “O Instituto de Assuntos Interamericanos e o Serviço Especial de Saúde Pública”. *Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p. 881.

o estigma e negatividade e a ele atribuía-se a marca positiva da originalidade<sup>169</sup>.

Assim, apropriada de acordo com a realidade local, esta influência estrangeira envolvia diretamente os padrões a serem seguidos. Produtos importados chegavam diariamente aos portos. Padrões estéticos e de vestuário eram tão importantes para a cidade que se modernizava que, segundo Sevckenko, os produtos e os seus beneficiários:

[...] encabeçados pelos jornalistas, procuram organizar-se para garantir a sua manutenção, exigir a sua extensão a todos os pontos mais distantes e mais recônditos da cidade e impedir retrocessos. Nesse sentido destaca-se o pioneirismo de Luis Edmundo, à frente de sua Liga Contra o Feio, já em 1908, e Coelho Netto, liderando a Liga de Defesa Estética em 1915<sup>170</sup>.

Notamos, então, que a imprensa foi o principal meio de divulgação de modos e modas tidos como civilizados e modelos a serem seguidos, fiscalizando a moral e os bons costumes, analisando e denunciando (principalmente as mulheres) que não andavam/agiam conforme o enunciado nas revistas. Além disto, teve um papel importante na associação entre as compras e o prazer. Raquel de Barros Miguel e Carmen Rial afirmam que a publicidade foi “(...) consolidando pontes de desejo entre a mulher e os bens de consumo”<sup>171</sup>. As páginas de anúncios da revista *Fon-Fon* reforçam a ideia da dona de casa compradora, divulgando produtos de uso pessoal das mulheres, artigos para casa e também para os filhos. No Rio de Janeiro, na medida em que as classes médias e altas se rendiam às pressões do consumo, novas lojas de departamento surgiam; casas como a Notre Dame de Paris, A Brasileira, O Barateiro, Casa Colombo, Casa Raunier e Parc Royal vendiam as roupas e os tecidos importados. Muitas delas contavam com suas próprias oficinas para reproduzir os modelos de roupas europeias e oferecê-los aos seus clientes. O enraizamento da cultura francesa levou a que nomenclaturas dadas ao vestuário fossem em francês. Afinal, era sinal de “distinção” ser fluente em francês.

É interessante observar algumas propagandas da edição de 4 de junho de 1910 da *Fon-*

---

<sup>169</sup> OLIVEIRA, Cláudia. “Mulheres de estampa: o folhetim e a representação do feminino no Segundo Reinado”. In: KNAUSS, Paulo et al. (org.). *Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X/ Faperj, 2011, p. 160.

<sup>170</sup> SEVCENKO, Nicolau, op. cit., p. 37.

<sup>171</sup> MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen. “Programa de mulher”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.), op. cit., p. 163.

Fon. No total de 51 páginas, 25 são dedicadas a elas. Os produtos são variados, mas se subdividem em seis temas: Estética/Perfumaria, Saúde/Remédios, Alimentos/Bebidas, Utilitários/Lazer, Moda/Corpo. Na sessão de Moda/Corpo analisaremos uma propaganda de coletes da “Casa Sloper”:

Figura 12 - Cartaz de propaganda feminina nos anos de 1910

**Colletes Elegantes e Commodos**

Pecam o catalogo illustrado que mandamos gratis para qualquer ponto do Brazil

Só temos á venda colletes confeccionados especialmente pelos mais afamados

**CORSETIERS**  
DO EXTRANGEIRO

**“LA LUMIERE”**  
Branco 28\$000  
Azul ou rosa, Rs. 30\$000  
De couil branco ou de cor, lavrado, forte, mas muito commodo, quatro ligas, modelo muito recomendado.

**“JOSIANE”**  
Branco, azul ou rosa  
Rs. 38\$000  
De batiste lavrada, quatro ligas, modelo comprido, fórma direita, extremamente elegante.

Qualquer collete pelo Correio registrado (entrega garantida) por mais 1\$000 réis

**Casa SLOPER**  
89, RUA DO OUVIDOR, 189  
RIO DE JANEIRO

Fonte: *Fon-Fon*, 4 de Junho de 1910.

O enunciado afirma ter à venda apenas os coletes dos mais “afamados *Corsetiers* do estrangeiro”, logo, por ser um produto importado, tem sua qualidade quase que inquestionável. Podemos observar também os termos em francês que conferiam um valor maior ao produto, tornando-se objeto de desejo das consumidoras ávidas pela aproximação com a moda francesa. A imagem mostra um corpo feminino aberto para receber o produto que

vinha de fora do país, mas este produto restringe o mesmo, apertando e moldando uma estética que era considerada “perfeita”. Ou seja, a mulher deveria aderir à moda e se manter nos moldes.

Ir às compras estava ligado ao lazer para as mulheres mais ricas; um lazer que não comprometesse sua reputação. Então, havia lugares adequados para ir e outros que não deveriam ser frequentados pelas “damas da alta sociedade”. No início do século XX, os lugares de sociabilidade considerados adequados para as senhoras e moças “de família” não iam além das “(...) igrejas, dos cafés e confeitarias, ‘bem frequentados’, dos passeios públicos higienizados, dos bucólicos piqueniques e dos bailes em casas e clubes ‘de respeito’”<sup>172</sup>. Ortiz, analisando Bourdieu, destaca que o espaço social é um espaço simbólico, as distâncias espaciais entre os grupos seriam equivalentes às distâncias sociais ou, mais ainda, seriam como uma “(...) hierarquização e separação entre os grupos com distintas posses de capital ou recursos valorizados no mundo social”<sup>173</sup>. Nas palavras do próprio Bourdieu:

[...] as relações objetivas de poder tendem a se reproduzir nas relações simbólicas. Na luta simbólica pela produção do senso comum, ou mais exatamente, pelo monopólio da dominação legítima, os agentes investem o capital simbólico que adquirem nas lutas anteriores [...] <sup>174</sup>.

Sendo assim, consideramos a moda, como uma manifestação ou prática de cultura capaz de expressar necessidades sociais e psicológicas, oferecendo, simultaneamente, instrumentos que aproximam e distanciam os indivíduos. Para Francismar Setton, “de um lado, possibilita fechar em círculos os iguais; de outro, afasta os diferentes posicionando-os em espaços separados”<sup>175</sup>. As propagandas da *Fon-Fon* insistiam para que as mulheres fizessem regime, mas não deveriam ficar muito magras, pois poderia aparentar que tinham raquitismo, pobreza ou neurastenia<sup>176</sup>. Juntamente com a conquista do corpo ideal, na sessão

---

<sup>172</sup> Ibidem, p. 154.

<sup>173</sup> ORTIZ, Renato, op. cit., p. 23.

<sup>174</sup> BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989, p.163.

<sup>175</sup> SETTON, Francismar Maria da Graça. “A Moda Como Prática Cultural e Pierre Bourdieu”. *IARA Revista de Moda, Cultura e Arte*. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 123,126 e 127. Abr/Ago. 2008, p. 123.

<sup>176</sup> Tal termo, que designava uma alteração psicológica, foi usado pela primeira vez por George Miller Beard, em 1869, com o objetivo de denominar um quadro clínico de exaustão física e psicológica, fraqueza, nervosismo, aumento da sensibilidade, irritabilidade e humor depressivo. Muitas vezes ele era diretamente associado às

de Estética/Perfumaria, a revista incentivava a busca pela beleza e juventude em todas as idades. Segue abaixo alguns destes enunciados:

Figura 13 - Vários cartazes femininos

**ANEMIA**  
DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA  
Todos os Medicos proclamam que  
o VINHO e o XAROPE **DESCHIENS** (PARIS)  
de Hemoglobina  
**CURAM SEMPRE**

**PARFUMERIE CH. FAY**  
9, rue de la Paix, PARIS  
Inventeur de la Veloutine  
Os Perfumes de Ch. FAY de Paris:  
**LA DUCAZON**  
**LA ROSE FAY**  
Ultima novidade: Perfume **ZAIM**  
A Veloutine é sempre o melhor dos pós de arroz

Paris **BELLEZA DO ROSTO** Paris  
— LAIT ANTEPHELIQUE —  
**O LEITE ANTEPHELIQUE**  
ou Leite Canes  
puro ou misturado com agua, dissipa  
BARDAS — TEZ GRESTADA  
PINTAS-RUBRAS — BORRULHAS  
ROSTO SARABULHENTO  
E FARINACEO  
RUGAS, etc.  
forma e conserva a cutis liza e clara.  
CASA CANES  
B. St-Denis, 18

**SEIOS**  
Desenvolvidos, Reconstituídos, Alimentados, Fortificados  
com as **Pilules Orientales**  
O unico producto que nos dá a s. r. regular  
o desenvolvimento e a firmeza do seio sem  
causar nenhum prejuizo a saúde. A s. r. em todas  
as constituições corporaes.  
J. RATTE, 111, S. Passage Vendôme, Paris  
Forn. em todas as Pharmacias, etc. etc.  
Em Rio-de-Janeiro: Aquilino de OLIVEIRA

**ANEMIA**  
As Gotas Concentradas de  
**FERRO BRAVAIS**  
de a variedade mais efficaz contra  
**ANEMIA CHLOROSE**  
**DEBILIDADE**  
**CORES PALLIDAS**  
Todas Pharmacias e 120, rue Lafayette,  
PARIS. Prospecto gratis.  
**FALENCIA de FORCAS**

**SENHORAS, AS ESTRELLAS ANTIRUGAS PARAFFINADAS**  
applicadas ao rosto, supprimm em algumas  
semanas as rugas da testa, do nariz e do maxillo. A  
pele torna-se liza como face da criança.  
Cada caixa de B. 65.000 e B. 125.000  
**MASCARA de PELLIGA de CABRITA**  
lavada, applica durante a noite, dá uma deli-  
ciosa belleza ao rosto que restitua, e se applica  
se para e liza. Media Mascara B. 75.000  
Para o Queixo B. 50.000 e para o Rosto B. 65.000  
**A MASCARA GUTCHUC**, applicada  
a pelle, evita todo o mal B. 100.000. Entrega-  
se gratis para o Brasil contra o selo postal. Se quiserem, pedem o catalogo das nos-  
tras produções de Antipara **H. OLIMPIA**, 10, rue Gaitan, no PARIS.  
No Rio de Janeiro: **ABEL & C.**, Rua Rodrigo Silva, 70.

Fonte: *Fon-Fon*, 27 de abril de 1912.

Nestas propagandas, é possível perceber quais eram as orientações para as leitoras da revista. O belo seria ter seios volumosos que poderiam ser conquistados com as “Pilules Orientales” (ao tomar as pílulas, os seios cresceriam); rostos sem rugas utilizando o “Leite Antephelico” ou a “Mascara de Pelliga de Cabrita”; estar sempre cheirosa com os perfumes franceses da “Parfumerie Ch. Fay”; e, por fim, combater a anemia, debilidade, fraqueza e a neurastenia com “as gotas concentradas” do “Ferro Bravais” ou do xarope “Deschiens”.

Importante enfatizar que todos estes produtos tem a cidade de Paris citada em seus enunciados, ressaltando mais uma vez a importância dos produtos importados como referência de consumo e ostentação.

Com a intenção de mostrar a beleza exigida pela revista e pelos padrões sociais, as mulheres procuravam ocasiões para se exibirem em público e serem notadas. Assim, a revista se encarregava de destacar as “*seasons*” cariocas, quando, com o inverno, a cidade ficava mais movimentada: “Com a aproximação do inverno chega para esta sessão a temporada da fertilidade de assuntos. Despovoavam-se as cidades serranas e os refúgios termas. A alta elegância carioca prepara-se para o movimento de *season*”<sup>177</sup>. O inverno permitia, com a amenização do calor, a ostentação, ainda um tanto inadequada, de casacos de pele, veludo ou sobrecasacas (vestimentas que estavam associadas à vida europeia). No inverno, o Rio tornava-se a Paris idealizada dos trópicos. Em uma das publicações da *Fon-Fon* podemos perceber o transtorno em se utilizar um casaco de veludo em dias quentes no inverno:

Outro dia, fazia calor suava-se mesmo, apesar de atravessarmos o nosso aclamado inverno, pois, no percurso da Rua da Assembleia á Rua do Ouvidor, nesse trecho elegante da Avenida, eu contei nada menos, de doze vestes de velludos, arrastados como carga, pela esbelteza de doze corpos femininos. Será possível que as referidas portadoras dos citados velludos não sentissem calor? [...] E ahi esta a explicação razoavel que fizemos do velludo. Se elle foi lançado para o inverno, que culpa temos nós? Havemos de usal-o, haja o que houver<sup>178</sup>.

A moda como prática de cultura é ligada a todo tipo de comportamento do cotidiano, “(...) que traduz uma tendência de gosto, pode e deve ser pensada como expressão de um conjunto de disposições de *habitus* construído pelo e no processo de socialização”<sup>179</sup>. Na charge abaixo é possível notar, que, com humor, a revista busca dar uma solução “moderna e chic” para a moda de veludos e sobrecasacas que circulam nas ruas da cidade do Rio de Janeiro no calor:

---

<sup>177</sup> *Fon-Fon*, Anno VIII, n. 21, 23 de Maio de 1914.

<sup>178</sup> *Fon-Fon*, Anno V, n. 30, 19 de Agosto de 1911.

<sup>179</sup> ORTIZ, Renato, op. cit., p. 132.

Figura 14 - Moda como prática de cultura



Legenda: Não é tão difícil a vossa pergunta como esperava desta vez e para prova, ahi vae a resposta: Como, devido á moda, somos obrigados a sentir um frio de rachar na epocha que entra e ainda, devido á moda, a nos vestir de sobretudo, luvas, boás, tricots, e queijandos pellos e que portanto acabamos morrendo de insolação. *Fon-Fon* lembrou-se (*Fon-Fon* nunca esquece de se lembrar) de organizar um figurino meio termo, isto é, moda á outono e ahi o tem. O sexo bonito usara uma touca de felpo de camello, um boá avantajado, meias de algodão, sapatos e mais nada... e os cara rapada, que somos nós, cartola, sobretudo, material rodante e ... disse. Assim não haverá frio nem calor.

Fonte: *Fon-Fon*, 4 de maio de 1912.

Segundo Bourdieu, a obediência ou a aceitação de uma regra social expressa na moda leva ao *habitus* grupal, onde esses indivíduos se encontram formando redes de sociabilidade. A moda também pode ser compreendida como *habitus* individual, com expressão de uma individualidade no uso particular de um comportamento, se afastando do grupo. Bourdieu emprestou do marxismo a noção de capital e a ideia de que quem o possui adquire poder sobre os desprovidos. No entanto, ele estende esta noção a outras formas de riqueza criando conceitos como “capital cultural” (designa uma relação privilegiada com a cultura erudita e com a cultura escolar), “capital social” (designa a rede de relações sociais que constitui uma das riquezas essenciais dos dominantes) e o “capital simbólico” (formado pelos signos e símbolos que permitem situar os agentes no espaço social).

Nesta perspectiva, não é somente o capital econômico que está no princípio das desigualdades sociais na sociedade carioca, mas também o capital cultural, que não pode ser reduzido a valores mercantis, bem como o controle do capital simbólico onde os dominantes

impõem aos dominados o seu arbítrio cultural, as hierarquias e as relações de dominação, aplicando, assim, a violência simbólica. O conceito de *habitus* constitui “um sistema de esquemas de percepção, de apreciação e de ação, ou seja, um conjunto de conhecimentos práticos adquiridos ao longo do tempo que nos permitem perceber e agir num dado universo social”<sup>180</sup>. Assim, este conceito nos permite observar a moda como uma forma de expressividade dos indivíduos e/ou dos grupos, entendendo expressividade como um diálogo estabelecido entre indivíduo e sociedade.

Claro que não apenas o vestuário apresentou inovações, o cinema, os bondes elétricos, os banhos de mar e o *footing* também representavam novos códigos de conduta. Muitos acreditavam que o cinematógrafo fora uma das causas para a desmoralização do comportamento social, pois “a partir de 1910 até a década de 1920, ir ao cinema estava entre os passatempos mais populares para jovens e velhos, homens e mulheres, ricos e pobres”<sup>181</sup>. Os filmes proporcionavam aos espectadores um novo mundo dos astros de Hollywood, com modos de vida norte-americanos. Aos poucos a referência francesa muda para a norte-americana que se sobrepõe às demais no pós- segunda guerra mundial. Para “‘evitar indecências’, em meados do século XX, vários cinemas brasileiros passaram a exhibir sessões exclusivas para moças e senhoras”<sup>182</sup>. As jovens tinham como referência as atrizes que interpretavam papéis de mulheres independentes que trabalhavam fora de casa, e usavam roupas mais despojadas, leves, se afastando dos papéis tradicionais de resignação e recato, com roupas enfeitadas e incômodas que limitavam sua independência. Para Raquel Miguel e Carmen Rial, “o cinema foi, talvez, a mais óbvia das revoluções modernas das comunicações que contestaram (pelo menos em certa medida) os estereótipos e papéis de gênero tradicionais, ao mesmo tempo que o monopólio da informação de que os patriarcas haviam desfrutado”<sup>183</sup>.

Devido a estas influências de anúncios de lojas de departamentos e filmes de Hollywood, algumas jovens acabavam se distanciando das modas recatadas e aderiam às

---

<sup>180</sup> LOYOLA, Maria Andréa. “Bourdieu e a sociologia”. In: BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 68.

<sup>181</sup> BESSE, Susan K., op. cit., p. 24.

<sup>182</sup> MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen, op. cit., p. 154.

<sup>183</sup> *Ibidem*, p. 26.



novas tendências, causando desconforto nos mais conservadores:

[...] lentamente, a mudança se instaurou e uma nova imagem, a de ‘jovem moderna’, que circula com mais independência, manifesta gostos pessoais, consome determinadas modas e emite opiniões, passou a ocupar, com os devidos ajustes nas balizas morais dominantes, a galeria dos modelos aceitáveis<sup>184</sup>.

Assim, aquilo que não era aceitável era criticado, logo a *Fon-Fon* fazia constantes críticas a estas jovens que queriam se “modernizar demais”, como, por exemplo, usando as *jupes-cullotes*, um modelo de calça comprida feminina que neste período causou espanto e preocupação, sendo capa da revista por quatro edições seguidas. Havia uma campanha para que esta moda não fosse adotada no Brasil, por ser uma vestimenta considerada masculina e sua utilização era vista como uma forma de protesto e constantemente associada ao movimento feminista. Na coluna “Pequenas Notas” podemos notar este incômodo:

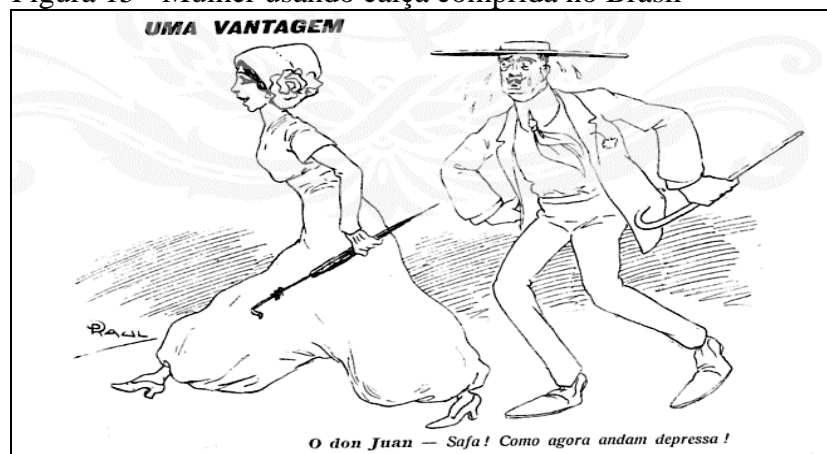
A única cousa que me preocupa nesta questão da jupe-cullote, é se ella não é um ardil do infatigável feminismo!

O que se enconderá sob essa pretendida evolução da moda?

A mulher, desde tempos immemoriaes quer dominar o homem e é sabido que muitas senhoras em casa, são as que levam as calças. Imaginem como ficarão essas senhoras com o uso da jupe-cullotes!

Estou a ver os homens enfiados em verdadeiras calças... pardas!<sup>185</sup>.

Figura 15 - Mulher usando calça comprida no Brasil



Fonte: *Fon-Fon*, 1 de abril de 1911.

<sup>184</sup> PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (org.), op. cit., p. 476.

<sup>185</sup> “Pequenas notas”. *Fon-Fon*. Anno V, n.11, 18 de março 1911.

Figura 16 - Mulher de calça foi a capa da revista



Fonte: 16: *Fon-Fon*, 25 de Março de 1911.

As charges e o trecho acima evidenciam o medo da mulher que não segue os padrões pré-estabelecidos do modelo socialmente idealizado. A ridicularização era a principal estratégia utilizada pela revista em charges que intimidavam as mulheres e mantinham o feminismo no limite do aceitável. Nas imagens da revista, elas exerciam papéis considerados masculinos, eram constantemente humilhadas e desqualificadas com discursos científicos e morais, como o de harmonia e ordem divina e natural entre os sexos, preservação da família e dos encantos femininos.

Portanto, enquanto a imprensa tentava impor seu “estatuto de dominação” sobre as mulheres, algumas manifestavam seu “inconformismo”, aderindo a moda das *jupes-culottes*. Então, mais do que uma simples estética da moda, onde as mulheres teriam que optar por aderir ou não ao uso das calças, utilizá-las seria de certo modo apoiar as ideias feministas e consequentemente discordar dos padrões de comportamento feminino impostos socialmente.

Como destaca Gilda de Mello e Souza, a moda além de acentuar as distinções sociais, molda os corpos em masculino e feminino regidos por “princípios completamente diversos de evolução e desenvolvimento. A história do traje nos mostra, é verdade, como os dois grupos sempre se diferenciam através da roupa”<sup>186</sup>. Este antagonismo, para autora, foi acentuado a partir do século XIX. Ainda segundo ela, as roupas estabeleciam as funções sociais de cada sexo, “deixando às mulheres as atividades sedentárias, reservando ao homem as que obrigam a um maior movimento”<sup>187</sup>.

Porém, entre tantos artigos contra a nova moda, existe um na *Fon-Fon* que se coloca a favor da calça comprida, mas deixa clara a separação entre esta moda e o feminismo, como mostra uma coluna escrita supostamente por uma mulher chamada Madame Nascimento. A coluna procura afastar as leitoras de possíveis ideias feministas (descartando a possibilidade deste movimento ser forte no Brasil), mesmo que a calça comprida fosse aceita:

Assumpto velho a Jupe, não acham? Entretanto bem merece o reponsorio de uma ultima referencia. Deu forte de mais a anciã de exhibil-a, com escândalos de ajuntamentos e intervenções policiaes. Depois foi serenando mansamente a agitação e a Jupe por ahi recolheu-se ao rol das cousas esquecidas. Porque? Não eram elegantes? Já viram vocês, Moda que não fosse elegante? Não eram higiênicas? Deviam ser, pela facilidade da movimentação, pelo próprio feitio. Então porque não pegou a jupe-cullote? Temores do feminismo? Destes supostos avanços das ideias feministas? Na Europa pode bem ser que tenha sido este um dos motivos da repulsa. Lá o sexo contrário ao nosso luta para a conquista da igualdade de direitos: deseja ardentemente a masculinização. Mas aqui, onde a mulher não sonha com estas conquistas, não sei mesmo porque não pegou a jupe<sup>188</sup>.

Analisando o artigo é possível perceber que era um homem que escrevia assinando como mulher devido o seguinte trecho: “Lá o sexo contrário ao nosso luta para a conquista da igualdade de direitos: deseja ardentemente a masculinização”, ou seja, era um homem criticando o movimento feminista europeu, visando reforçar a ideia de que feminismo estaria ligado à masculinização da mulher e de que no Brasil as mulheres não aderiam às ideias feministas. No artigo, o autor/autora diz não entender porque a moda da calça comprida não pegou no Brasil e tenta separar seu uso das ideias feministas, retirando seu peso simbólico. Se

---

<sup>186</sup> SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 59.

<sup>187</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>188</sup> *Fon-Fon*. Anno. V, n.15, 15 de abril 1911.

não havia força nas ideias feministas, então a calça não tinha nada a ver com feminismo. Portanto, usá-la não era um problema, pois não estava ligada à masculinização da mulher (e feminismo estava relacionado a isto). Podemos perceber também que o artigo particulariza a moda das calças compridas para o uso no Brasil, ou seja, nenhuma moda seria capaz de tirar a força do comportamento patriarcal enraizado na sociedade. Por mais que a moda da *jupe* fosse abraçada, não haveria o “perigo”, segundo a revista, do avanço de ideias feministas como ocorria na Europa, pois no Brasil “a mulher não sonha com estas conquistas”. A *Fon-Fon*, como já destacamos, era um dos canais utilizados para a remodelação de costumes, mas estes deveriam ser limitados de acordo com um sociedade hierarquizada.

A *Fon-Fon* (entre outras revistas) funcionou como um canal usado para mostrar o que poderia ser mudado ou não, influenciando condutas sociais segundo padrões generalizados de comportamento. De acordo com Susan Besse, os editoriais das revistas femininas colocavam as opiniões de colaboradores mais conservadores que “exortavam as mulheres a repudiar as modas imorais que invadiam o Brasil vindas do exterior e a conservar sua individualidade, autonomia e recato tradicional”<sup>189</sup>. Isto porque eles consideravam as modas modernas “antiestéticas, anti-cristãs, o primeiro passo para a decadência moral”<sup>190</sup>. Utilizavam a imagem da mulher e da cidade como representantes da modernidade, onde ambas deveriam cumprir as exigências definidas para se tornarem agradáveis aos outros e não a si mesmas. Assim, a *Fon-Fon* participa da definição dos papéis de gênero na sociedade carioca em processo de modernização, apresentando a condição feminina, a função da mulher na sociedade, seu comportamento e vestuário – modernos e socialmente aceitáveis.

A *Fon-Fon* muitas vezes representa a modernidade com imagens de mulher, no sentido de que ambas seriam retratadas de maneira momentânea e instável, além da constante associação da mulher à inconstância, caprichos, esquisitices e frivolidades. As mulheres apresentadas na revista são consumidoras que reproduzem padrões estéticos e de vestuário. As imagens nos permitem múltiplas interpretações, como afirma Ana Maria Mauad:

Através da interpretação de mensagens veiculadas nas diversas formas de expressão social, penetra-se no universo de representações, podendo assim avaliar e desvendar influências, interrelações e os mecanismos de dominação entre os diversos grupos

---

<sup>189</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p. 33 e 34.

<sup>190</sup> Ibidem, p. 33.

sociais<sup>191</sup>.

Na charge abaixo apresentamos um exemplo de como as mulheres eram vistas: elas aparecem com blusas masculinizadas representadas como um espelho que refletia seus penteados, indicando um carneiro e um burro, ou seja, o ideal de obediência (o carneiro) e de burrice. Percebe-se uma crítica à mulher e à transmissão de padrões da moda a partir de uma representação machista.

Figura 17 - Mulher como o espelho da moda



Fonte: *Fon-Fon*, 6 de janeiro de 1912.

Portanto, a fim de construir e reproduzir o moderno feminino a ser seguido, a *Fon-Fon* representa o pensamento masculino, sendo um importante canal de transmissão de ideias de modernidade para a mulher. É importante lembrar, como foi discutido no capítulo I, que a tradição marcava fortemente os olhares sobre os comportamentos femininos e a reafirmação dos papéis sociais de gênero. Estes se faziam constantemente presentes na imprensa e na vida das mulheres cariocas, a fim de esclarecer às leitoras como deveria ser a “mulher moderna” do início do século XX e, assim, controlar a atuação das mesmas no espaço público. Notamos que a *Fon-Fon* foi importante na divulgação da ambiguidade da modernidade pautando-se em um projeto civilizatório europeu, conservador, católico e sexista. A tradição se mantinha, era preciso controlar e vigiar a mulher moderna que poderia ameaçar a ordem e a estrutura familiar. A modernidade e a tradição caminhavam juntas, principalmente em relação à mulher. O patriarcalismo deveria ser mantido no projeto de modernidade, já que:

---

<sup>191</sup> MAUAD, Ana Maria. *Sob o Signo da Imagem*, op. cit., p.14.

Cabia aos homens bem-nascidos o controle da sociedade. Filhos de famílias enriquecidas que iam para os colégios ingleses, aprendiam a falar inglês e a jogar ‘football’. Eram elegantes, sóbrios, de maneiras e hábitos requintados. (...) Assim se formavam doutores, bacharéis, jovens políticos, ‘homens de raça’ que criaram um novo conceito de masculinidade associado à vida ao ar livre, esporte e culto ao físico

<sup>192</sup>.

### 2.3 Autonomia, feminismo e divórcio

A imprensa no Brasil no início do século XX transmitia as novidades da modernidade e destacava as diferenças entre a República e o Império, frequentemente identificando-o como atrasado e ultrapassado. Como vimos ao longo do capítulo, em relação ao feminino alguns valores tradicionais permaneciam e eram valorizados, pois a imagem da esposa, dona de casa e mãe como principais funções da mulher correspondia ao que era ensinado pela Igreja, juristas e médicos, além de amplamente divulgado na imprensa. Mesmo com a chegada da República e o processo de secularização do Estado, a Igreja Católica se mantinha forte. Ela tinha perdido parte do poder político institucional, mas se reorganizou e a religião se manteve como forma de coesão social, pois era preciso garantir unidade e organização. Assim, a cultura e as ideias religiosas permaneciam agindo na sociedade<sup>193</sup>.

Neste contexto, a mulher para conseguir conquistar sua independência, além da luta para ascender nos espaços públicos, enfrentava questões de ordem moral. De acordo com Margareth Rago, a luta pela afirmação da mulher, diante destes padrões comportamentais, envolve a “necessidade de libertar-se do modelo burguês que lhe é imposto e de construir uma nova figura negadora daquela forjada pela representação burguesa e masculina”<sup>194</sup>.

Renato Ortiz, ao analisar Pierre Bourdieu, afirma que, na divisão entre classes dominante e dominada, temos uma classe dominante que deseja:

[...] conservar sua posição, secretar uma série de instituições e de mecanismos que assegurem seu estatuto de dominação [...] Os que se encontram no pólo dominado procuram manifestar seu inconformismo através de estratégias de ‘subversão’ o que

<sup>192</sup> Ibidem, p. 43 e 44.

<sup>193</sup> O autor Roberto Romano reflete sobre o “antimodernismo católico” em seu livro: *Conservadorismo Romântico*. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 1997.

<sup>194</sup> RAGO, Margareth, op. cit., p.134.

implica em confronto permanente<sup>195</sup>.

Então, enquanto a imprensa tentava impor seu “estatuto de dominação” sobre as mulheres e a classe dominada, as mesmas manifestavam seu “inconformismo” lutando pelos seus direitos. Em especial no que se refere ao direito de voto e à emancipação feminina, parte da imprensa ironizava a situação, como se a mulher não fosse capaz de se tornar independente e atuante social, política e economicamente. Percebemos que há um “confronto permanente” com a questão feminina e a *Fon-Fon* utiliza de estratégias antifeministas para ridicularizar o feminismo. Notamos isto na seguinte charge:

Figura 18 - Charge sobre mulher na política



Fonte: *Fon-Fon*, 5 de abril de 1913.

Na charge a mulher é retratada como incapaz de exercer voz na política, pois não entenderia nada sobre o assunto. A *Fon-Fon* “(...) restringia a compreensão e a aceitação do feminismo pelo público”<sup>196</sup>. As mulheres eram incluídas apenas em assuntos domésticos, moda, literatura ou futilidades. Segundo Susan K. Besse, ser feminista no Brasil ainda não tinha definição clara, pois:

As que se definiam como feministas iam desde ‘feministas católicas’, que pregavam

<sup>195</sup> ORTIZ, Renato, op. cit., p. 22 e 23.

<sup>196</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p. 214.

que ‘sem Deus, Pátria, Honra e Família não há feminismo possível’, até mulheres profissionais solteiras que buscavam modelos na Europa e nos Estados Unidos e consideravam que o emprego assalariado era o pré-requisito mais essencial para emancipação feminina [...]. Até mesmo no interior do movimento feminista organizado, a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF), coexistiam opiniões muito divergentes<sup>197</sup>.

Ainda assim, segundo a autora, entre os anos de 1910 e 1930, os movimentos feministas brasileiros tiveram importante função na redefinição na ordem de gênero no Brasil. Afinal, lutavam pelo direito de voto, educação e emprego, desafiando o poder patriarcal, apesar de muitas mulheres não terem consciência da importância da representação do feminino nos espaços destinados ao masculino pela sociedade e pela imprensa:

[...] o voto não tinha sentido para a maioria das mulheres brasileiras [...]. Por serem relativamente poucas as mulheres brasileiras que haviam obtido oportunidades educacionais e profissionais que afetaram de maneira tão profunda as vidas e a consciência da elite feminista de classes urbanas média e alta [...], o feminismo delas continuava a ser estranho à enorme maioria das mulheres brasileiras<sup>198</sup>.

Os movimentos feministas iam contra os padrões pré-determinados do projeto modernizador burguês. Para diminuir seus impactos na sociedade, a imprensa banalizava seu significado. A ideia passada pela revista era de que ser feminista estava na moda e que não era necessária nenhuma mudança de consciência para ser “moderna” ou “feminista”. Como já enfatizamos anteriormente, a estratégia da *Fon-Fon* era ridicularizar o movimento feminista e suas ideias. Portanto, abaixo percebemos em duas charges da revista outras representações do ridículo relacionado ao feminismo na reivindicação pelo direito ao voto:

---

<sup>197</sup> Ibidem, p. 182.

<sup>198</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p. 183.



Figura 19 - Charge sobre a mulher na política  
*O voto feminino*



Fonte: *Fon-Fon*, 4 de outubro de 1913.

Figura 20 - Charge satirizando o feminismo e o voto



Fonte: *Fon-Fon*, 2 de maio de 1914.

Estas charges estão constantemente presentes na revista, fazendo uma representação do feminismo através de mulheres loucas ou masculinizadas. Conforme vimos no primeiro capítulo, acreditamos que a modernidade pode ter causado uma mistura de ideias e visões de mundo na sociedade carioca como um todo. As mudanças mais velozes nos meios de transporte, na industrialização, na comunicação, bem como a estruturação de uma nova forma

de governo, incentivaram diferentes grupos no alcance dos seus interesses, inclusive as mulheres (com a busca de maior liberdade, direito de voto, divórcio, educação superior, entre outros). Ao mesmo tempo, as continuidades possibilitavam a manutenção da hierarquia, do poder e da ordem que contribuiriam para se chegar ao progresso. Assim, o que se construiu foi uma modernidade a partir das tradições, visando manter principalmente as hierarquias sociais, pois, como destaca Berman: “O fato básico da vida moderna, é que essa vida é radicalmente contraditória na sua base”<sup>199</sup>. Neste sentido, Ana Paula Barcelos e Aline Pereira afirmam que a sociedade brasileira era constituída de encontros e desencontros entre “liberalismo e conservadorismo, tradição e modernidade, religião e pensamento laico, entre outros”<sup>200</sup>. Estes encontros “serviram (e ainda servem) de desafio para os que objetivam compreendê-la”<sup>201</sup>. No que se refere às relações de gênero, isto também é evidente.

Apesar de mantidas as tradições enraizadas na ordem patriarcal, como vimos, e mesmo com toda dificuldade de definir o que era ser feminista, houve forte crítica ao patriarcalismo de modo que o incômodo com algumas figuras importantes neste processo transparece na *Fon-Fon*. No dia 25 de junho de 1910, na coluna “Perfis Internacionais”, a revista se refere a feminista francesa Hubertine Auclere:

Hubertine Auclere, sabe que não será eleita: que importa? Ella aproveita a ocasião para levar á praça as suas ideias, valorizadas por uma sinceridade e um entusiasmo, que nella, bem se pode dizer, que constituem a fé. Espera-a certamente um brilhante sucesso, devido á sua habilidade de oradora inteligente e fascinadora.  
Bonita? Não. Seria demais, se além da mocidade, do talento, da audácia, da fascinação, fosse também bonita.  
Mas, quem sabe, se não se sentiria mais satisfeita com a belleza apenas?<sup>202</sup>

Hubertine Auclere (1848-1914) recebeu o título de a primeira sufragista, pois lutava pelo direito das mulheres francesas ao voto. Ela foi colocada em um convento quando pequena e ao sair, em 1869, se tornou uma “militante anti-clerical”, que reivindicava a

<sup>199</sup> BERMAN, Marshall, op. cit., p. 18.

<sup>200</sup> PEREIRA, Aline P.; BARCELOS, Ana Paula. “Tensões, Escolhas e Expectativas: Ideias Políticas e Contexto Histórico e Social a partir de Trajetórias Individuais”. *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. Rio de Janeiro: Vol. 5, número 2, maio-agosto, 2013, p. 295.

<sup>201</sup> *Ibidem*, p. 295.

<sup>202</sup> “Perfis Internacionais”. *Fon-Fon*. Anno IV, n. 26, 25 de junho 1910.

igualdade cívica para as mulheres<sup>203</sup>. Auclere foi uma importante referência para o movimento feminista no período. Talvez por isto a revista tenha através dela reafirmado ainda mais a imagem construída acerca das feministas, reforçando as desigualdades de gênero e naturalizando falas como o “belo sexo” ou o “sexo frágil” na representação da mulher. Com um discurso tradicional, a *Fon-Fon* induz as leitoras a não saírem do espaço doméstico visando sua autonomia, pois não haveria existência digna fora do mesmo. Para as mulheres, deveria bastar apenas ser bonita. Segundo o artigo, Hubertine Auclere era “oradora inteligente”, levava suas ideias às ruas, mas não era bonita e “quem sabe, se não se sentiria mais satisfeita com a beleza apenas?”.

As charges, fotografias e artigos eram utilizados para divulgar estas ideias, pois como Ana Maria Mauad afirma, são:

Janelas que se abriam para o mundo representado na foto, tais revistas contribuíram, em grande medida, para a generalização da crença da verdade fotográfica. Ao mesmo tempo que através de suas crônicas e notas sociais, impunham valores, normas e criavam realidades, num processo que transformaria a cidade em cenário e a burguesia em seu principal ator. Sendo assim, foram importante instrumento, desta classe social, para a naturalização das suas representações através da imposição de uma determinada forma de ver e reproduzir o mundo sobre todas as outras possíveis<sup>204</sup>.

Os conteúdos da revista eram apresentados como exemplos a serem seguidos e copiados, auxiliando na coesão interna da classe dominante. Na charge abaixo, é destacada a inversão dos papéis sociais, satirizando-se os novos trajes e comportamentos de mulheres que não se encaixavam nos padrões estabelecidos:

---

<sup>203</sup> Informações retiradas do blog francês *Aufeminin* sociedade, publicado em 10 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://www.aufeminin.com/video-societe/hubertine-auclert-video-figures-du-feminisme-n66886.html>> Acesso em 20 nov. 2015.

<sup>204</sup> MAUAD, Ana Maria, op. cit., p. 206.

Figura 21 - Charge sobre o feminismo no Brasil e a inversão de papéis sociais



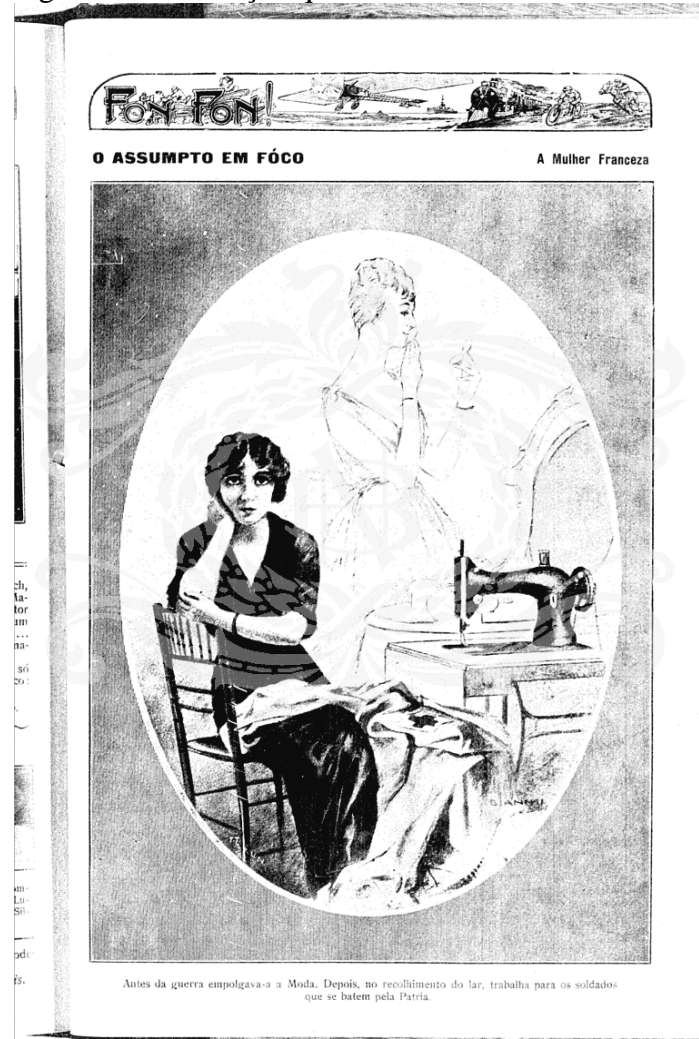
Fonte: *Fon-Fon*, 1 de junho de 1912.

Ao analisá-la percebemos vários elementos que rejeitam a ideia da mulher ganhar os espaços públicos. Notamos primeiramente a vestimenta da mulher com o paletó e a cartola, símbolos de masculinidade. Na representação, ela deixa de lado a vassoura e segura um jornal e uma bengala (acessório considerado masculino no período). O homem está vestindo um avental (acessório tido como feminino) e segurando o bebê. Por fim, destacamos a ordem dada pela mulher para que ele arrumasse a casa e amamentasse a criança, duas funções atribuídas à mulher.

Para a Susan K. Besse, a imprensa “restringia a compreensão e a aceitação do feminismo pelo público associando seguidamente o movimento com questões que eram marginais para o problema da emancipação das mulheres”<sup>205</sup>. A imagem a seguir, de 1915, mostra como a mulher francesa estava triste em ter que trabalhar devido à guerra e, por isto, não conseguia mais se atualizar com a moda como gostaria. A revista orienta as leitoras brasileiras de que o trabalho fora de casa seria somente em caso de emergência e não por vontade própria. Além disto, ele deixaria as mulheres feias e fora de moda.

<sup>205</sup> BESSE, Susan K., op. cit., p. 214.

Figura 22 - Ilustração que mostra a desilusão feminina ao sair do lar



Legenda: Antes da guerra empolgava a moda. Depois no recolhimento do lar, trabalha para os soldados que se batem pela pátria.  
Fonte: *Fon-Fon*, 1 de maio de 1915.

As mulheres permaneciam com muitas restrições de comportamento e atuação social. Mas, então, como era identificada a mulher moderna de classe dominante no início do século XX? Elas participavam da vida social, trabalhavam fora de casa, transitavam pelas ruas, se formavam em faculdades, frequentavam cinemas, teatros, praias, bailes e praticavam esportes, ou seja, estavam se modernizando juntamente com a cidade do Rio de Janeiro. Porém, as mesmas continuavam sendo representadas pela *Fon-Fon* como fúteis, preocupadas apenas com a aparência, os *flirts* e a ostentação, como sugere a charge a seguir:

Figura 23 - A modernidade como destruidora da moral feminina



Fonte: *Fon-Fon*, 1 de fevereiro de 1913.

Nela a mulher é representada como interesseira e com valores “invertidos”, pois prefere passear de carro a receber uma flor. Conforme afirma Ana Maria Mauad, “às mulheres da classe dominante era concedido o direito de ser fútil, de freqüentar lugares finos, mas de se ‘formar’ só mesmo em cinema, devorando revistas especializadas e frequentando assiduamente as *matinéés* dos cinemas da Avenida”<sup>206</sup>.

Nos cinemas, cafés, restaurantes, confeitarias onde o acesso era mais reservado, era possível perceber a exibição da classe dominante. O vestuário e o comportamento estavam sempre sendo analisados (com reprovação ou aprovação) nestes espaços considerados como pontos de encontro de intelectuais, políticos e daqueles que queriam ver e aparecer. Dos cafés dava para ver a rua e quem nela passava. Eram, portanto, estratégicos pontos de observação, como diz Ana Maria Mauad. Além de ver e ser visto, era nestes locais que ocorriam os *flirts*:

Como uma continuidade requintada dos cafés estavam as confeitarias: a confeitaria Colombo, Paschoal, Lallet e Cavé. Possuíam tudo o que os cafés ofereciam, em termos de possibilidade de observação e exposição, com a vantagem da maior presença feminina, que ampliava o assunto e criava as condições para o ‘flirt’. Era nas confeitarias que a elegância carioca se equiparava à inglesa tomando também o seu ‘five o’clock tea’<sup>207</sup>.

<sup>206</sup> MAUAD, Ana Maria, op. cit., p. 43.

<sup>207</sup> Ibidem, p. 32.

A *Fon-Fon* criticava o *flirt* dizendo ser imoral e contra os valores da família, como é destacado no artigo abaixo:

[...] o *flirt*, que é a manifestação moderna em *five- ó- clocks* e recepções do nosso velho namoro, com a diferença única de que o namoro usava apenas as meninas solteiras e o *flirt* vae até as senhoras casadas. Esta é a principal diferença entre a moralidade daquelle e... a esperteza neste<sup>208</sup>.

Ou seja, mulheres casadas também flertavam, o que era inaceitável para o projeto de família na ordem social burguesa. Abaixo podemos observar em uma seção da *Fon-Fon*, a representação de um *five-ó-clock tea* considerado ideal para as “mulheres de respeito” longe de possíveis *flirts*:

Figura 24 - Chá da tarde das mulheres da classe dominante



Fonte: *Fon-Fon*, 29 de novembro de 1913.

<sup>208</sup> “O namoro e o *flirt*”. *Fon-Fon*, Anno IV, n .9, 26 de fevereiro de 1910.

Sabemos, contudo, que não necessariamente as mulheres seguiam estes padrões de comportamentos orientados. Analisando as propagandas e artigos da *Fon-Fon*, a partir de 1914 é possível notar que algumas jovens ricas vinham mudando suas posturas. Elas começavam a tomar banho de sol na praia, falar gírias, fumar e vestir roupas que eram consideradas masculinas ou impróprias, além de algumas terem se separado ou desquitado. A *Fon-Fon* mostrava estes costumes (que não eram bem vistos) e colocava sua opinião sobre eles, às vezes de maneira direta, outras mais sutis. Alguns destes novos hábitos eram apresentados em propagandas, como nesta de cigarros abaixo:

Figura 25 - Cartaz de propaganda de cigarros



**Cigarros Vanille**

*E' Costume*

ouvir-se dizer, e, às vezes da bocca de uma linda moça :  
«Os homens não deviam fumar. E' um vicio pouco asseiado».

Entretanto, hoje, já não ha moças que digam taes palavras aos seus noivos, nem senhoras que as digam aos seus maridos. Muito ao contrario; e sabem porque? E' que a marca de

**CIGARROS VANILLE**

Ns. 1, 2 e 3 (Veado) não provoca o mau hálito, pois até o evita. A sua fumaça é de um perfume agradável e todas as senhoras se deliciam com a sua fragrancia. Bom, higienico e chic.

Vendem-se em toda parte

**CIGARROS VANILLE**  
**LUXO E PERFEIÇÃO**

Fonte: *Fon-Fon*, 6 de agosto de 1914.

Na propaganda é possível perceber uma ambiguidade, pois a mulher utiliza terno, chapéu pequeno e cabelo curto (estereótipo de mulher masculinizada), diferentemente das mulheres que aparecem nas fotografias e enunciados de beleza e comportamento. Nota-se também que o enunciado da propaganda é mais voltado para o público masculino, quando enfatiza que as mulheres não reclamariam do mau hálito de seus noivos ou maridos, pois “sua fumaça é de um perfume agradável e todas as senhoras se deliciam com sua fragrancia”.



Porém, provavelmente durante este período o ato de mulheres fumarem tenha aumentado, talvez devido aos filmes americanos em que apareciam mulheres magras e belas fumando. Em 1915, a revista publica um artigo sobre o assunto e incentiva as mulheres a fumarem:

Uma revista feminina, de Paris, fez, há tempo, esta pergunta ás suas leitoras. Logo appareceu uma chusma de respostas. E quazi todas as respostas, com mais ou menos espírito, affirmaram que sim, que as mulheres devem fumar, que o cigarro é encantador... E a revista fechou assim a enquête: O gesto dos dois dedos, subindo para a boca, é cheio de graça; a cabeça um pouco inclinada para traz, é seductora; o próprio fumo é lindo, azul no ar, cor de cinza na ponta do cigarro. Mas não devem fumar as mulheres de mãos feias, pescoço curto ou gordas<sup>209</sup>.

Notamos no artigo que havia um padrão de mulher que deveria fumar. Dele estavam excluídas as de “mãos feias, pescoço curto ou gordas”, ou seja, fumar não era para todas as mulheres, somente algumas eram aceitas fumando; havia normas para os novos hábitos femininos introduzidos no Brasil. Voltando a propaganda acima, é importante destacar que o objetivo dela era aumentar o consumo do produto. Então, possivelmente por isto atendia a ambos os lados, tentando alcançar os homens e a nova imagem de mulher, ao mesmo tempo.

Aqui cabe destaque ao debate sobre o divórcio, criticado pela revista. Segundo Iáris Ramalho Cortês, com a “proclamação da República, o Estado brasileiro tornou-se laico e o casamento civil substituiu o casamento religioso, que continuou como uma opção de festividade solene, entretanto, sem validade civil”<sup>210</sup>. Ainda segundo a autora, este fato gerou revolta por parte da Igreja Católica que não aceitava o decreto, e continuava a realizar as cerimônias de casamento. Para conter os religiosos foi feito, então, outro decreto que estabeleceu o seguinte: “O ministro de qualquer confissão, que celebrar as cerimônias religiosas do casamento antes do ato civil, será punido com seis meses de prisão e multa correspondente à metade do tempo” (Decreto n. 521, de 26 de junho de 1890).

Na época não havia divórcio no Brasil, datado apenas de 1977, e o desquite<sup>211</sup> somente foi consolidado no primeiro Código Civil aprovado em 1916, de autoria de Clovis Bevilacqua, ou seja, exatamente no período que estamos analisando. Segundo Gizlene Neder, este código a princípio foi progressista para as mulheres e também, “[...] consolidou o

<sup>209</sup> “Devem as mulheres fumar?” *Fon-Fon*, Anno IX, n. 14, 3 de abril de 1915.

<sup>210</sup> CORTÊS, Iáris Ramalho. “A trilha legislativa da mulher”. In: PINSKY, Carla; PEDRO, Joana Maria (org.), op. cit., p. 268.

<sup>211</sup> O desquite permitia a separação de corpos e de bens, mas a pessoa desquitada não poderia se casar de novo, pois o vínculo matrimonial continuava a existir e impedia outra união.

processo de atualização histórica no campo jurídico e institucional, iniciado com a reestruturação do Estado sob forma republicana, e com a Lei do Registro e do Casamento Civil (1890), que retirou da Igreja atribuições jurídicas”<sup>212</sup>.

No entanto, o mesmo sofreu alterações e restrições de Rui Barbosa que não foram “exclusivamente de ordem gramatical e linguística”<sup>213</sup>, pois ele acrescentou suas ideias conservadoras. No Direito Penal, ele “antecipou salvaguardas para repressão dos trabalhadores pobres, recém libertos dos laços da escravidão e recém-imigrados no país; no campo do Direito de família, fez promulgar uma lei do casamento civil sem o divórcio”<sup>214</sup>. Para Gizlene Neder, Rui Barbosa era “(...) sinceramente católico e não admitia a dissolução dos casamentos”<sup>215</sup>, além de ser um político “experiente e pragmático”<sup>216</sup>. Segundo a autora, a cultura religiosa pesou bastante nas decisões políticas sobre o Código Civil, pois constantemente “(...) esbarravam na resistência cultural, política, ideológica e afetiva, da Igreja e dos pensadores católicos brasileiros”<sup>217</sup>, ou seja, a separação da Igreja do Estado deveria ser feita com cautela e moderação, principalmente quando o assunto estava relacionado com o Direito de família e da mulher. O Código Civil de 1916 discriminava a mulher tratando-a como um ser inferior, e “‘relativamente incapaz’, necessitada da proteção, orientação e aprovação masculina”<sup>218</sup>.

Diante do papel da Igreja Católica, mesmo as propostas iluministas não foram suficientes para alterar a organização social, política e o pensamento jurídico, tanto no Brasil como em Portugal<sup>219</sup>. Ainda segundo Neder, foi a partir do Concílio de Latrão (1215) que a Igreja introduziu o casamento como um sacramento e a ideia se consolidou com o passar do

---

<sup>212</sup> NEDER, Gizlene. “Amélia e Clóvis Bevilacqua: o casamento, o casal e a ideia de indivíduo”. In: CERQUEIRA FILHO, Gisálio; NEDER, Gizlene (org.) *Idéias jurídicas e autoridade na família*. Rio de Janeiro: Revan, 2007, p. 153.

<sup>213</sup> *Ibidem*, p. 156.

<sup>214</sup> *Ibidem*, p. 157.

<sup>215</sup> *Ibidem*, p.159.

<sup>216</sup> *Ibidem*, p. 159.

<sup>217</sup> *Ibidem*, p. 166.

<sup>218</sup> CORTÊS, Iáris R., op. cit, p. 265.

<sup>219</sup> NEDER, Gizlene, op. cit., p.112.

tempo. Assim, o casamento sendo sagrado, não poderia ser desfeito e a “família dita moderna vai assumir cada vez mais os contornos da Sagrada Família”<sup>220</sup>. Com o patriarcalismo e a cultura religiosa se fortalecendo ainda mais no Brasil, visões conservadoras sobre a família, o casamento e a mulher se mantinham no início do século XX. Na revista *Fon-Fon* não há muitos artigos sobre o divórcio, mas quando aparece percebemos sua visão contrária a ele. Na sessão “Bilhetes á Cora”, um autor com o pseudônimo “Teu Flávio” escreve uma carta para as leitoras dando sua opinião sobre o assunto:

Para mim o divorcio é uma grossa patifaria, em que o homem procura readquirir o que perdeu e a mulher perde o que havia adquirido – a liberdade. [...] Mal com elle, peor sem elle, diz o ditado e diz uma verdade. Assim com o divorcio, em vez de dois mal casados, ha toda a probabilidade de serem quatro ou mais. Demais, como disse, o divorcio não se aproveitam em nada<sup>221</sup>.

Para a *Fon-Fon*, não havia liberdade feminina sem o casamento, ou seja, fora dele não havia chance de autonomia e visibilidade. A mulher casada deveria então se manter longe da ideia do divórcio, pois não seria atitude de uma boa esposa e mãe. Para as jovens, a revista enfatizava que elas já saíam às ruas, estudavam e praticavam esportes. Então, não faria sentido lutar por mais conquistas, pois ao casar ela teria a sua liberdade completa. Porém, é importante enfatizar que o casamento aos poucos deixava de ser considerado a única opção de vida para as mulheres. Então, era preciso evidenciar seus benefícios e vantagens sociais para que ele continuasse sendo a principal opção. A manutenção do casamento foi ganhando destaque na *Fon-Fon*, ao mesmo tempo em que se tornava tema fundamental entre intelectuais e políticos no contexto de aprovação do Código Civil. A “salvação da família”<sup>222</sup> era considerada necessária pois, como destaca Sueann Caufield, a “modernidade deveria estar intimamente ligada à defesa da honra e da família”<sup>223</sup>. Para Susan K. Besse:

A luta para modernizar a família e com isso fortalecer e legitimar a instituição, tornou-se parte integrante da luta das elites modernizantes urbanas para transformar a sociedade oligárquica ‘anacrônica’ que, no início do século XX, continuaria a

---

<sup>220</sup> Ibidem, p.134.

<sup>221</sup> “Bilhetes á Cora”. *Fon-Fon*. Anno VI, n. 35, 31 de Agosto de 1912.

<sup>222</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p. 63.

<sup>223</sup> CAUFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000, p. 109-110.

existir dentro de um país burguês moderno, próspero e ordeiro<sup>224</sup>.

Segundo a autora, já que a classe dominante estabelecia as normas da sociedade, não seria diferente que as mulheres desta classe fossem as primeiras a fortalecer a importância do casamento para a manutenção da ordem. Na *Fon-Fon*, o casamento era objetivo e meta para toda jovem. As mulheres muito modernas eram consideradas perigosas e verdadeiras ameaças aos bons costumes e a moral da sociedade e da família.

Com isto, defendemos que a *Fon-Fon* participava de um discurso que visava conter o movimento de emancipação e atuação feminina no Brasil. Partindo desta ideia, torna-se relevante pensar como se posicionavam as mulheres que escreveram na revista. Qual comportamento elas consideravam ideal para a mulher na modernidade? Elas reforçam os papéis sociais de gênero? Ou mostram as mulheres como sujeitos históricos com direito de fala? Como elas percebiam o feminismo, o casamento e a maternidade? Estas são algumas das reflexões que visamos desenvolver no próximo capítulo.

---

<sup>224</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p. 64.

### 3 VOZES FEMININAS NA *FON-FON*: O QUE DIZEM AS MULHERES?

#### 3.1 *Carnet Mondain d'une Parisienne*<sup>225</sup>

Com este título *Fon-Fon* enceta hoje a colaboração de uma talentosa escriptora parisiense, cujos delicados versos já figuraram as nossas columnas, sob o pseudonymo de Lami-Tié. *Fon-Fon* na sua qualidade de revista mundana tem certeza de que a nova secção terá suffragios dos seus leitores e principalmente leitoras. Escripta n'uma língua familiar a todos aquelles que folheiam esta revista e n'um estylo leve e gracioso, o carnet mondain há de ser forçosamente bem acolhido. A nova collaboradora virá com a applaudida caricatura de Mlle. Nair de Tefté, tornar a *Fon-Fon* cada vez mais interessante<sup>226</sup>.

O trecho acima anuncia com entusiasmo a nova sessão da *Fon-Fon* escrita por uma mulher francesa chamada Laurence Elie Bloch. Não há informações na revista sobre sua profissão, somente é dito ser “uma talentosa escriptora parisiense” e que já havia escrito em outras colunas com o pseudônimo de Lami-Tié. Esta nova coluna é direcionada principalmente ao público leitor feminino da revista, tanto pelos assuntos tratados, quanto pelo estilo “leve e gracioso”, considerado próprio do “sexo frágil”. Nas crônicas desta coluna, percebemos o incentivo à construção de um ideal de feminino moderno civilizado à moda francesa. A coluna se mostrava interessante por ter a participação de uma mulher escritora e ainda pelo idioma em que era escrita: o francês, que, segundo o cronista acima, seria uma “língua familiar a todos aquelles que folheiam esta revista”. Lembrando que o francês era considerado uma língua símbolo de civilidade e, por isto, tão exaltada.

Além da escritora francesa em destaque, outra participação importante feminina na revista é a da caricaturista Nair Tefté, citada também pelo cronista. Ela assinava o pseudônimo de Rian na coluna “Galeria das Elegâncias”, que mostrava caricaturas de mulheres no Rio de Janeiro:

---

<sup>225</sup> “Caderneta mundana de uma parisiense”.

<sup>226</sup> “*Carnet mondain d'une parisienne*”. *Fon-Fon*. Anno IV, n.43, 22 de outubro de 1910.

Figura 26 - Caricatura da mulher moderna do Rio de Janeiro



Legenda: Caricatura da “Mme. G.C.N., formosa e encantadora esposa do gênio da nossa litteratura”.

Fonte: *Fon-Fon*, 26 de novembro de 1910.

Rian nas suas caricaturas colocava somente a legenda com as iniciais dos nomes das “madames”. A caricaturista dava destaque aos principais elementos da moda do período, como podemos ver acima: o chapéu, o leque, o guarda-chuva e o vestido bem marcado no corpo. Características importantes para as mulheres no alcance de distinção pelo vestuário. Neste capítulo, interessa-nos analisar as posições das mulheres que de alguma forma participaram da revista. É possível perceber o número pequeno destas participações nas publicações do periódico que, como sabemos, era comandado pelos homens. As duas mulheres citadas acima aparecem com maior frequência na revista, mas há outras publicações de contos e versos literários feitos por outras mulheres como veremos no decorrer deste capítulo. A mulher pouco falava em uma revista que era considerada feminina. Tratava-se de homens dizendo às mulheres como elas deveriam se comportar. A ideia central é entender o que estas poucas mulheres diziam e por que elas estavam presentes na revista. Elas estavam ou não de acordo com as representações feitas no conteúdo da revista? Elas reafirmavam a ideia de inferioridade e submissão do feminino? Ou percebiam as mulheres como sujeitos históricos e políticos com direito de fala? Estes são os questionamentos que norteiam nossa análise sobre a coluna da francesa e outras poucas mulheres que participaram de alguma

forma das publicações da *Fon-Fon*.

Como vimos nos capítulos anteriores, o contexto aqui trabalhado é de algumas mudanças no comportamento social feminino, com a maior entrada de mulheres no mercado de trabalho, a maior circulação pelo espaço público e o acesso ampliado à educação e aos esportes. Na visão dos mais conservadores era preciso maior vigilância sobre elas. Assim, buscava-se a manutenção de antigos costumes que garantissem a divisão sexista de tarefas e posições, sendo a esfera pública voltada para o homem e a privada para a mulher. Michelle Perrot destaca que na distinção entre público e privado há uma modalidade do exercício do poder em que espaços específicos são designados de acordo com o sexo/gênero:

[...] limitar seus poderes [das mulheres], sua ascendência; conter sua influência; mas também usar o imenso potencial que elas representam, não somente no domínio doméstico; mas cada vez mais no social, pela filantropia, e depois, pelo trabalho social. Daí todo um arsenal, jurídico, educativo, e uma organização racional da sociedade da qual a teoria das esferas (pública/privada) é uma das formas mais elaboradas<sup>227</sup>.

A autora enfatiza um caráter político nas relações de poder que ajudaram na construção sexista da sociedade, facilitando, assim, a naturalização de tais esferas. No caso da *Fon-Fon*, que defendia a ordem patriarcal – logo, a divisão sexista –, não deveria ocorrer desvios de função e papéis sociais:

Pouca gente lê um jornal de fio a pavio. Cada um tem a sua secção predilecta, que corresponde ás suas inclinações ou seus interesses. O político só presta atenção ao artigo de fundo partidário e locais referentes ao Congresso; o negociante consulta o movimento da Bolsa e a entrada e saída de vapores; o ávido de escândalos esquadrinha os *a pedidos*; um ou outro despreocupado ou amante das letras devora a parte literária; as senhoras, na sua maioria, só lêem as secções mundanas e todas sem excepção morrem de amores pelos folhetins<sup>228</sup>.

Como podemos perceber, e é comum nas publicações periódicas, a revista direcionava a leitura considerada adequada para cada gênero. Enquanto o público masculino tinha interesse por assuntos políticos, econômicos e literários, o feminino morria de “amores pelos folhetins” que traziam notícias “mundanas” relacionadas à moda, etiqueta, fofocas, cozinha e maternidade, ou seja, assuntos considerados pelos homens como fúteis e naturais do “belo

---

<sup>227</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru/São Paulo: EDUSC, 2005, p. 268.

<sup>228</sup> “Folhetim”. *Fon-Fon*. Anno II, n. 39, 4 de janeiro de 1908.

sexo”. Como afirma Tânia Regina de Luca, a cultura literária feminina no Brasil do início do século XX, e sua produção, “fosse consumidora ou produtora, em geral [se encontrava] às voltas com a moda e ensaios de literatura”<sup>229</sup>. Assim, mesmo com a divisão sexista, a mulher ocupava espaços importantes na sociedade e a participação de Mme. Laurence Bloch, e das outras autoras mulheres, pode ser entendida como uma “expressão de seu modo de pensar e um meio de participar das discussões que animavam a vida social e cultural de seu tempo”<sup>230</sup>.

A partir da coluna da francesa, iremos analisar a possibilidade de criar um lugar de fala da mulher na imprensa. Afinal, ela estava no “(...) mercado do impresso, não apenas como leitora, mas como produtora de textos e periódicos”<sup>231</sup>. Portanto, priorizamos para este capítulo, a coluna “*Carnet Mondain d’une Parisienne*”, que aparece nas páginas da revista de 22 de outubro de 1910 a 13 de janeiro de 1912, tendo sido encerrada com a seguinte justificativa: “Em véspera de fazer uma viagem a Europa, Mme. Bloch quer descansar um pouco e por esse motivo cessa a sua preciosa colaboração”<sup>232</sup>. Não sabemos se este foi o real motivo de sua saída, mas assim o divulgaram. Em um dos seus textos, ela exalta a importância de fazer parte da revista: “Ah! Para viajar no carro da *Fon-Fon*! seu grito de alerta vai levar alegria, a estrada é alegre; seu acidente bobo. Está acabando com o tédio de todos os desmancha-prazeres [...]. A crítica má, o coração presunçoso”<sup>233</sup>.

Para a parisiense, “viajar no carro da *Fon-Fon*” era motivo de alegria, expressando, assim, satisfação com as ideias que ela transmitia. Ao todo foram publicadas 60 crônicas de Mme. Bloch. Nos limites deste capítulo analisaremos apenas 10, selecionadas por critério de relevância. Nelas eram abordados vários assuntos, desde artes, etiqueta, eventos sociais, vestuário feminino, até as suas impressões sobre o Brasil, a cultura e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro, como bem ilustra o exemplo a seguir: “Há um ano conheço o Rio, que horas

---

<sup>229</sup> LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza, op. cit., p. 67.

<sup>230</sup> RAGO, Margareth. “Entre o desejo e a norma: as escritoras do Brasil”. *Labrys-Estudos Feministas*, n. 11, jan/jun 2007. Disponível em: <<http://www.labrys.net.br/labrys11/ecrivaines/marga.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2015.

<sup>231</sup> LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza, op. cit., p. 69.

<sup>232</sup> “*Carnet mondain d’une parisienne*”. *Fon-Fon*. Anno VI, n. 2, 13 de janeiro de 1912.

<sup>233</sup> No original: “Ah! pouvoir voyager dans l’auto de *Fon-Fon*! Son cri avertisseusest un appel de joie, sa route est la gaieté; son accident bouffon. Est d’écraser l’ennui chez tous les rabat-joie (...). Le critique méchant, au coeur présomptueux.” “*Carnet mondain d’une parisienne: Le samedi quand Fon-Fon a paru*”. *Fon-Fon*. Anno. IV, n. 47, 19 de novembro de 1910. Tradução nossa.



tais eu te devo! Sim, há um ano apenas, pronunciei a palavra Rio, na voz as entonações monótonas de uma estudante que recita. Hoje as duas sílabas pequenas que invadem como um grito de êxtase!”<sup>234</sup>

Como se vê, a autora destaca a satisfação de ter conhecido o Rio e exalta a cidade. Para ela, o mais importante era que suas recomendações chegassem às mulheres da classe dominante e evidencia isto ao enaltecer a grande dama da sociedade:

[...] de toda a sociedade, a mulher da aristocracia é aquela que reencontra mais rápido seu equilíbrio. Se sua ajuda tinha sido necessária num momento de tribulação, ela teria realizado seu dever de ‘grande dama’ que é grande porque sabe sempre agir com nobreza. Passada a angústia, ela segue seu dever: Agradar<sup>235</sup>.

Então, assim como vimos no capítulo II, as jovens deveriam saber agradar, manter o equilíbrio, serem recatadas, polidas e honradas, como as “grandes damas” deveriam ser. Agradar, muitas vezes, significava conquistar um bom casamento. O saber agradar era considerado um dom natural feminino e quando bem aplicado teria este resultado, como afirma a autora: “[...] é válido acrescentar que é bonito querer agradar ressaltando todos os seus dons naturais. Algumas vezes, por saber muito bem fazê-lo, chega-se a uma leve troca de galanteios, daqueles em que se deseja conquistar pertencer ao sexo forte”<sup>236</sup>.

Reforçando a ideia da divisão binária dos sexos, a escritora francesa (referência de civilidade) ensina as leitoras como se comportar socialmente no início do século XX; encontrar um marido seguia sendo a motivação principal de uma jovem. No próximo texto, percebemos que a autora destacava a centralidade das mulheres nos cuidados com a casa e a cozinha:

---

<sup>234</sup> No original: “*Depuis un an que je te connais Rio, que d’heures semblables je te dois! Oui, il y a un an à peine, je prononçais le mot Rio avec, dans la voix les intonations monotones d’une écolière qui recite. Aujourd’hui les deux petites syllables qui emplissent ce nom me sont devenues si expressives que j’aime à les employer comme un cri d’extase*”. “*Carnet mondain d’une parisienne*”. *Fon-Fon*. Anno IV, n. 45, 05 de novembro de 1910. Tradução nossa.

<sup>235</sup> No original: “*(...) de toute la société, ça femme du monte est celle qui retrouve le plus vite son équilibre. Si son aide avait été nécessaire dans le moment de trouble, elle aurait fait son devoir en ‘grande dame’ qui est grande parce qu’elle sait toujours agir avec noblesse. L’angoisse passait, elle poursuit son but: Plaire.*” “*Carnet mondain d’une parisienne: Agradar*”. *Fon-Fon*. Anno IV, n. 50, 10 de dezembro de 1910. Tradução nossa.

<sup>236</sup> No original: “*(...) il est juste d’ajouter qu’il est beau de vouloir plaire en déployant tous ses dons naturelles. Parfois de savoir trop bien le faire, on en arrive à un marivaudage léger, des que celui que l’on veut conquérir appartient au sexe fort*”. *Ibidem*. Tradução nossa.

Fui à cozinha e lá olhei longamente minha cozinheira, como um cachorro que olha um bispo, como um neófito olha o pontífice da sua nova religião. E na verdade essa corajosa mulher parecia exercer um sacerdócio. No seu fogão, ela acendia um fogo sagrado destinado a queimar as galinhas sacrificadas por suas mãos para saciar nossos estômagos. A fumaça dos pratos se eleva em espirais azuis, semelhantes aquelas dos templos de todas as crenças e seus hábeis dedos dosam o conteúdo em ebulição de todas as panelas, a pitada de sal, que é o dote da paz. Saí da cozinha, respeitosamente e recolhendo-me, prestes mesmo a dizer ‘Amém’ às orações invectivas que minha cozinheira murmurava entre seus dentes, contra a minha visita inesperada e prolongada<sup>237</sup>.

No texto ela descreve o ato de cozinhar como misterioso e milagroso, mas quem estava cozinhando era a sua cozinheira e não ela. A mulher rica possuía empregadas que faziam os serviços na casa; e o seu dever era organizá-las. Como afirma David Harvey, as mulheres “assumiam a função de estabelecer a ordem no lar (...) elas administravam os criados, mantinham a contabilidade e impunham uma disciplina férrea sobre a organização interna da casa”<sup>238</sup>. Visitar a cozinha era parte deste processo. Em outro texto na revista, de autoria desconhecida, podemos perceber esta relação entre patroa e empregada:

Mme. A... entra na cosinha e encontra a criada em doce colloquio com um bombeiro. – O que está fazendo aqui este sujeito? Pergunta ella furiosa.  
– Desculpa, patroa, mas nós também semos gente, elle frita commigo! A criada queria dizer flirta<sup>239</sup>.

Em “nós também semos gente, elle frita commigo!” vemos na *Fon-Fon*, mais uma vez, o recurso humorístico para menosprezar a empregada (sem estudo) e mostrar a superioridade da patroa (“civilizada” e letrada). São vários os textos e charges sobre esta relação, tema muito presente no início do século XX (e também atualmente). Em todos estes notamos a presença da diferença de classe social, tanto no falar, quanto no vestir. Abaixo

---

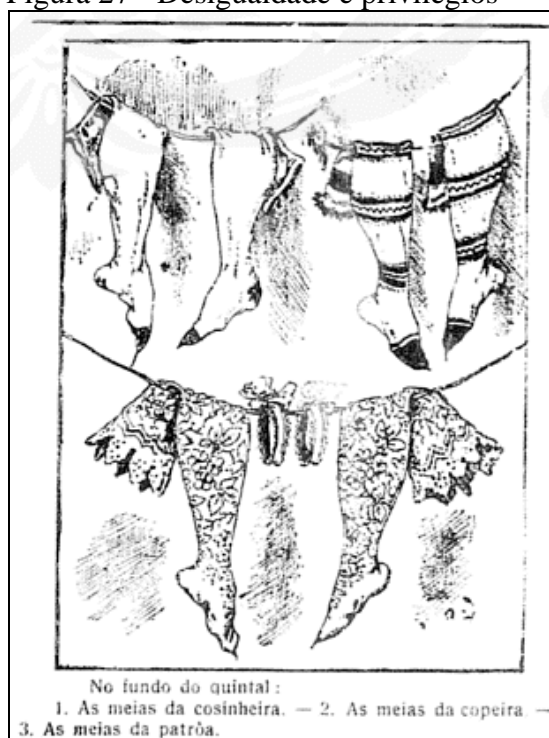
<sup>237</sup> No original: “*Je suis allée à la cuisine et là j’ai regardé longuement ma cuisinière, comme un chien regarde un eveque, comme un néophyte regarde le pontil de sa nouvelle religion. Et en verite cette brave femme semblaient remplir un sacerdoce. Dans sa cuisinière, elle entretenait un feu sacré destine à brûler les pulets sacrifiés par ses mains à l’appétit de nos estomacs. Le fumet des plats, s’élevait en spirales bleues, sembables à celles des temples de toutes les croyances et ses doigts habiles dosaient toutes les casseroles au contenu en ébullition, de la dime du sel, qui est la dot de la paix. Je sortis de la cuisine, respectueusement et à reculons, préte même à dire ‘Amem’ à l’oraison d’invectives que ma cuisinière murmurait entre ses dents, contre ma visite intempestive et prolongée*”. “*Carnet mondain d’une parisienne: Un peu de philosophie*”. *Fon-Fon*. Anno V, n.18, 6 de maio de 1911. Tradução nossa.

<sup>238</sup> HARVEY, David. *Paris: a capital da modernidade*. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 256.

<sup>239</sup> “As nossas criadas”. *Fon-Fon*. Anno VI, n. 22,1 de junho de 1912.

apresentamos outro exemplo:

Figura 27 - Desigualdade e privilégios



Fonte: *Fon-Fon*, 25 de maio de 1912.

Percebemos na charge, que a patroa tinha as meias floridas e com laços, possuindo um espaço maior no varal. Já as das empregadas, sem muitos detalhes, secavam no espaço que sobrava, separado da patroa. Estes indícios nos ajudam a refletir sobre não apenas como eram tratadas estas mulheres pobres que trabalhavam em casas de famílias ricas, mas também sobre a maneira como a rica tinha que agir diante das mesmas para mostrar sua posição privilegiada. A mulher da classe dominante tinha que saber administrar seus empregados e afazeres, assim como o dinheiro que era dado a ela para as compras de mercado e afins. Como afirma Sevcenko, esta dependência econômica doméstica destacava o “papel social do marido de provedor da família. (...) levou a dependência econômica da esposa a ser não apenas estimulada, mas sobretudo bem vista”<sup>240</sup>. Vimos então, que a revista e a autora francesa divulgavam e reforçavam a importância do papel da mulher da classe dominante na relação com seus empregados e com a organização da casa.

<sup>240</sup> SEVCENKO, Nicolau, op. cit., p. 415.

Assim, para dar credibilidade à fala de Mme. Laurence Elie Bloch, logo ela é apresentada ao público com a fotografia que vemos abaixo, o que nos faz confirmar que a autora da coluna é uma mulher:

Figura 28 - Fotografia da escritora Laurence Bloch



Legenda: Apresentação da escritora Laurence Bloch, autora do “*Carnet Mondain d'une Parisienne*”.

Fonte: *Fon-Fon*, 20 de maio de 1911.

A fotografia e o nome expostos pela revista dava a Mme. Laurence Bloch autoridade para o que seria escrito para as mulheres brasileiras, um lugar de fala. Afinal, era uma francesa que traria referenciais do que havia de mais moderno e civilizado em termos de conduta social e moda. Fabiana Macena nos lembra do que a autora Eni Orlandi, em seu texto *Análise de discurso*, destaca sobre a autoridade da fala. Ela a denomina como “relações de força”: “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de

força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’. A fala do professor vale (significa) mais do que a do aluno’<sup>241</sup>.

Portanto, a autoridade é construída no discurso que dá poder ao sujeito da fala. Ela é dada à colunista no espaço criado pela *Fon-Fon* para ensinar o que a revista defende como comportamento ideal feminino moderno. Neste sentido, o olhar e a fala da mulher francesa servem de exemplo e norma de comportamento feminino. Não é por acaso que a autora assina sua coluna como “*une parisienne*”, mostrando às leitoras sua procedência e, portanto, sua autoridade em falar sobre moda e comportamentos considerados civilizados e modernos.

A autora escrevia aquilo que ela achava ser pertinente às leitoras. Assim, procurava valorizar os assuntos considerados “naturais” para o “belo sexo” e ao mesmo tempo, tentava acabar com a representação da mulher fútil, colocando-a como participante da construção do moderno. Segundo Margareth Rago, devido a tradicional divisão de papéis sociais em privado e público, os temas escritos pelas mulheres eram diferentes dos homens, como destacamos acima. Isto acabava impedindo que “determinados assuntos fossem abordados pelas mulheres, considerando-se rigidamente que eram problemas a serem discutidos e resolvidos pelos homens, enquanto outros, menos importantes, eram vistos como coisas de mulher”<sup>242</sup>. Assim, podemos observar um dos “assuntos de mulher” no artigo abaixo, onde Mme. Laurence Bloch fala sobre a importância dos convites para eventos sociais e ensina como eles deveriam ser feitos:

Seu nome pessoal não deve ser incluído. Ele deve conter o primeiro nome do seu marido seguido do seu nome de família, e todos antecédidos pela palavra Madame escrito na íntegra. Exemplo: Madame Jean Bonton. O nome de uma mulher do mundo deve ser desconhecido até mesmo por seus familiares. Um marido, bem nascido, evitará que em sociedade sua esposa seja interpelada pelo nome. Ela encontrará um desvio encantador e uma palavra feliz, que deixarão em mistério, o seu nome. O nome de uma mulher é da sua privacidade e o desejo de o conhecer deve fazer sonhar o seu flirt<sup>243</sup>.

---

<sup>241</sup> MACENA, Fabiana, op. cit., p.102.

<sup>242</sup> RAGO, Margareth, op. cit., p. 106.

<sup>243</sup> No original: “*Son prénom personnel ne doit pas y figurer. Elle doit contenir le prénom de son mari suivi du nom de famille de celui-ci, et le tout précédé du mot Madame écrit en entier. Exemple: Madame Jean Bonton. Le prénom d'une femme du monde doit être inconnu, même de ses familiers. Un mari, bien né, évitera en société d'interpeller sa femme en la nommant. Trouvera un détour charmant et un mot heureux, qui laisseront dans le mystère, son nom. Le prénom d'une femme est de son intimité et le désir de le connaître doit laisser rêver son flirt*”. “*Carnet mondain d'une parisienne*”. *Fon-Fon*. Ano IV, n. 43, 22 de outubro de 1910. Tradução nossa.

A autora destaca a importância de se manter o mistério sobre o primeiro nome da mulher. O convite deveria vir indicando que a mulher é quem convida colocando o “madame” na frente do nome do marido, pois segundo ela, o nome de uma mulher deveria permanecer desconhecido. Caso alguém perguntasse seu primeiro nome, ela, com delicadeza, manteria o mistério. Porém, ao mesmo tempo, que Mme. Laurence Bloch reforça a ideia patriarcal de um homem no poder limitando o conhecimento do seu nome, como neste caso, ela encontrou uma forma de destacar a importância das mulheres na sociedade ao exaltar as atividades cotidianas exercidas por elas, colocando-as como centrais na vida social e nas redes de sociabilidade da classe dominante. Afinal, a mulher era a anfitriã. É importante lembrar, que cabia a estas mulheres, além das tarefas domésticas, destacar-se nos eventos sociais pela sua beleza e pela ostentação da riqueza e afirmação da posição social. O traje era parte importante disto:

As modas passam, mas a Terra gira e graças a este movimento de rotação o passado se torna presente e é assim que certos costumes que parecem estar obsoletos, renascem com força e orgulho nos lugares de nobreza. Assim, parece nova, essa moda de vestir branco, no baile, onde pela primeira vez se acompanha sua filha. Entretanto, no tempo de nossas mães este costume já era usado. Costume delicioso, cuja direito se estabeleceu, não por capricho da moda, mas graças ao seu significado simbólico (...) jovem mulher de raio imaculado<sup>244</sup>.

A autora valoriza a ideia de manter alguns costumes do passado, destacando que eles são motivos de orgulho entre grupos mais nobres. O costume antigo que ela enfatiza é o de novamente estar na moda usar vestido branco nos bailes. Porém, ela deixa claro que esta volta possui um significado simbólico de pureza feminina, já que as moças tinham que se manter virgens até o casamento. Era isto que as diferenciava das prostitutas que “sucumbem aos ‘pecados da carne’”<sup>245</sup>. Além da importância do traje feminino, mostrando sua riqueza, pureza e elegância, podemos notar outro destaque para a mulher: o de organizadora da festa. No convite, ela coloca o horário para receber seus convidados e quais seriam as atrações do evento:

---

<sup>244</sup> No original: “*Les modes passent, mais la terre tourne et grace à ce mouvement de rotation le passé redevient du présent et c'est ainsi que certaines coutumes qui ont l'air d'être tombées en désuétude, renaissent en vigueur et targuent de leurs quartiers de noblesse. Ainsi, cela paraît nouveau, cette mode de porter une blanche, au bal, où pour la première fois on chaperonne sa jeune fille. Et cependant, du temps de nos mères cette coutume était alors d'usage. Coutume délicieuse, dont le droit s'est établi, non par caprice de mode, mais grâce à sa portée symbolique (...) jeune femme dans rayon immaculé*”. “*Les modes symboliques. Carnet mondain d'une parisienne*”. *Fon-Fon*. Ano V, n. 19, 13 de maio de 1911. Tradução nossa.

<sup>245</sup> PINSKY, Carla Bassanezi, op. cit., p. 471.

Aqui está a fórmula mais distinta: Madame Jean Bonton vai estar em sua casa segunda-feira de 3:00 às 07:00 horas, vamos dançar ou tocar música ou assistir uma comédia. O cartão deve ter um tamanho muito maior do que o cartão de visita e todo o texto gravado. Este laconismo é como aquele do programa de uma festa de salão, não pode nem se expor, nem entrar em detalhes como os de um teatro, se rende ao convite de Mme. Jean Bonton pelo prazer de vê-la, os atrativos da festa são secundários<sup>246</sup>.

Segundo Mme. Laurence Bloch, a apresentação do cartão para o convite é muito importante. Este deveria ser grande, mas com conteúdo breve e informações diretas. A cronista reforça a centralidade das mulheres nestes eventos sociais, pois eram elas que tomavam conta da recepção dos convidados, de organizar e escolher o que seria servido. O prazer dos convidados deveria ser ver a mulher, dona da casa. Eram elas os verdadeiros atrativos da festa, como afirma Margareth Rago:

[...] a mulher se deixava admirar como símbolo do não-trabalho, atestando o nível econômico da família. O desenvolvimento de diversas artes consideradas femininas demonstrava que a família podia investir na educação da filha, que deveria conhecer várias línguas, saber tocar piano, pintar e conversar. Por outro lado, não há como negar a possibilidade de projeção que a mulher das classes mais privilegiadas conseguia nesses momentos que, aliás, acabavam extrapolando o ambiente privado, ao se tornar objeto de comentário das revistas culturais, literárias e das colunas sociais<sup>247</sup>.

Rago afirma que a mulher da classe dominante, mesmo atuando no espaço privado, como, por exemplo, nestes eventos (também chamados de *seasons* ou saraus), tinha abertas novas possibilidades, no sentido de projetar a si mesma e a sua família em uma função que na época era específica do domínio feminino. Assim, o “*Carnet Mondain*” funcionava como um meio de mostrar o papel tradicional da mulher na sociedade, como dona de casa, vitrine da família e do marido, sujeito no âmbito privado, mas que consegue em alguns momentos tornar públicas e conhecidas suas atribuições e sua posição financeira. Margareth Rago afirma que ao mesmo tempo em que “(...) se buscava uma ampliação do espaço da participação feminina

---

<sup>246</sup> No original: “*En voici la formule la plus distinguée: Madame Jean Bonton sera chez elle lundi de 3 à 7 heures, on dansera, ou on fera de la musique ou on jouera la comédie. Cette carte doit avoir un format beaucoup plus grand que la carte de visite et tout le libellé en est gravé. Ce laconisme est dû à ce que le programme d'une fête de salon ne peut ni s'exposer, ni se détailler comme celui d'un théâtre, on en se rend à l'invitation de Mme. Jean Boton que pour le plaisir de la voir, les attraites de la fite sont secondaires*”. “*Carnet mondain d'une parisienne*”. *Fon-Fon*. Ano IV, n. 46, 12 de novembro de 1910. Tradução nossa.

<sup>247</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos de sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 62.

no jogo social, contentava-se em aceitar as limitações que essa entrada exigia”<sup>248</sup>. Assim, para a mulher ter voz na revista *Fon-Fon*, teria que seguir as exigências e reproduzir direta ou indiretamente os valores e pensamentos dos seus colaboradores e é isto que vemos na coluna “*Carnet Mondain*”.

Por integrar a visão patriarcal sobre a mulher, juntamente com os saberes médico, jurídico e religioso, a coluna de Mme. Laurence Bloch colocava em destaque alguns temas em voga na época e um destes, já citado neste trabalho, era a neurastenia. Esta era considerada uma doença séria que afetava principalmente as mulheres, como podemos ver neste artigo. Bloch procura explicar o que era e qual o motivo da doença:

Conhecem vocês os *Djins*? Eles vivem numa lenda oriental. Em uma dessas lendas em cores brilhantes e maravilhosas, que não são de contos de fadas para leitores despreocupados, mas em que o criador despe rapidamente sua fraseologia de farsante para permanecer subjulgado pela profundidade de seu tema. E esses gritos, esses choros, essa miséria, essas lamentações, é um *Djin* que brincava inconscientemente com um raio de lua, de ar azul, sobre uma colina perfumada, que de seu pé de sílfide fez rolar uma pedra. Pequena causa, grande efeito. Dessa lenda, eu deduzo o seguinte: A Neurastenia é o torrente que transborda, tendo seu curso encoberto por todos os pequenos sintomas diabólicos que o acarinhavam sem procurar combatê-los. [...] Se, ao invés de fazer da neurastenia uma doença de gênero, os doutores a tivessem tratado como uma tara moral, de certo que nenhuma mulher se deixaria abater por esse flagelo. Mas hoje a ciência não admite a influencia do moral, tudo depende da construção física. E eu acho esse novo método desesperador para os educadores. Eles não estudam mais o caráter de seus alunos, eles apenas se ocupam de sua frenologia<sup>249</sup>, e se, dentre um deles, reconhecem sobre o crânio a saliência do crime, eles deveriam ter o facão em mãos, já que dessa saliência depende, para eles, um futuro inelutável. O bom senso público é menos sabedor e mais eficaz<sup>250</sup>.

<sup>248</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>249</sup> A Frenologia é o estudo da estrutura do crânio de modo a determinar o caráter dos indivíduos e a sua capacidade mental. Esta pseudociência baseia-se na falsa ideia de que as faculdades mentais estão localizadas em regiões na superfície do cérebro que podem ser detectadas por inspeção visual do crânio. Disponível em: <<http://neuruece.blogspot.com.br/2012/06/voce-sabe-o-que-e-frenologia.html>> Acesso em: 08 dez. 2015.

<sup>250</sup> No original: “*Connaissez-vous les Djinnns? Ils vivent dans unde legende orientale. Dans unde de ces legendes aux couleurs chatoyantes e merveilleuses, qui ne sont que descontes de fée pour les lecteurs insoucians, mais que le penseur dépouille bien vite de leur phraséologie de clinquant pour rester subjugué par la profondeur de leur thème. Et ces cris, ces pleurs, cette misère, ces lamentations, c’est un Djin qui jouait inconsciemment avec un rayon de lune, de l’air bleu, sur une colline embaumée qui de son pied sylphe a fait rouler un caillou. Petite cause, grand effet. De cette legende, j’en deduis la suivante. La neurasthénie est le torrent qui déborde ayant son cours encombré de tous les petits symptômes diaboliques que l’on caresse sans chercher à le combattre. (...) Si, au lieu de faire de la neurasthénie unde maladie de genre, les docteurs l’avaient traitée comme une tare morale, il est certain que pas une femme ne se serait laisse abattre par ce fléau. Mais aujourd’hui la science n’admespas l’influence du moral, tout depend de la construction physique. Et jê trouve cette nouvelle méthode desesperante pour les éducateurs. Ils n’étudient plus le caractere de leurs eleves, ils ne s’occupent que der leur phrénologi et si dans l’um d’eux, ils reconnaissent sur leur crâne la posse du crime, ils devraient lui mettre le couteau à main, puisque de cette bosse dépend, pour eux, un avec nir*”



No texto, Bloch apresenta sua visão sobre a doença e explica que a cura deve ser procurada na dimensão moral e não na ciência médica. Para ela, a doença era um desvio de caráter. Assim, fazia uma crítica aos saberes científicos médicos por se aterem somente a constituição física feminina como determinantes da doença em questão, reforçando o pensamento conservador e a construção sexista da época. Conta ainda sobre uma lenda oriental que compara a doença com a ação dos *djins*, uma espécie de duendes que se tornam demônios, que com brincadeiras inocentes transformavam uma “*petite cause*” em “*grand effet*”. Segundo ela, são dois os principais sintomas da doença – o desejo e a inveja:

Ele inicialmente nasceu de si mesmo, depois se encorajou e aumentou seu círculo, ele se tornou *o desejo* [grifo da autora]. Ele tinha então perdido sua graça de duende, já é um demônio. Ele se encontra em um espaço pequeno no pensamento, ele faz um ninho no coração. Ele não brinca mais com o azul e o ouro; estremece diante dos olhos as echarpes de tristeza e pois que gostariam que se revoltasse, é muito tarde, é muito forte, é a *inveja*. Agora o *Djin* é um monstro. A uma jovem que diz: Me enervo. Ele responde: deseja então um marido, *Mademoiselle*. E o incômodo da jovem assim balbuciado desvia do rancor e se transforma em esforço<sup>251</sup>.

Para Mme. Laurence Bloch, o primeiro sintoma seria o desejo, que preenche o coração e faz um ninho tomando conta dos pensamentos. O duende se transforma em demônio. Logo depois, ele se torna ainda mais forte e vira um monstro, o que ela define como a inveja. Além disto, a doença atingiria uma maioria de mulheres solteiras e a solução/cura para a neurastenia estaria no esforço em procurar um casamento, como vemos no seguinte trecho: “A uma jovem moça que diz: Estou entediada. Responde-se: Você deseja então um marido, *Mademoiselle*. E o tédio da jovem moça assim ridicularizado deriva do despeito e se transforma em esforço”<sup>252</sup>.

Segundo o trecho acima, uma jovem solteira não poderia ficar no ócio ou entediada, ela teria que ter força de vontade para procurar um marido, solução imediata para o tédio e as doenças mentais. Ao analisar o discurso médico e psiquiátrico do início do século XX, Magali

---

*inéluçtable. Le bom sens public est moins savant et plus efficace*”. “*Carnet mondain d’une parisienne: De la Neurasthénie*”. *Fon-Fon*. Anno V, n. 3, 21 de janeiro de 1911. Tradução nossa.

<sup>251</sup> No original: “*D’abord tour né sur lui-même, puis il s’est enhardi et a élargi so cercle, il est devenu Penvil. Il se trouve à l’étroit dans la pensie, il fait un ni dans le coeur. Il ne joue plus avec du bleu et de l’or: secoue devant les yeux des écharpes de tristesse et lors que on voudrait en secouer le joug, il est trop tard, est trop fort, il est la jalousie. Maintenant le Djin est un monstre. (...) A une jeune fille qui dit: Je m’ennuie. Il respond: vous désirez donc un mari, Mademoiselle. Et l’ennui de l’jeune fille ainsi bafoué deviant du dépit et se transform en effort*”. Ibidem. Tradução Nossa.

<sup>252</sup> No original: “*A une jeune fille qui dit: Je m’ennuie. Il respond: Vou désirez done un mari, Mademoiselle. Et l’ennui de la jeune fille ainsi bafoué devient du dépit et se transform en effort*”. Ibidem. Tradução nossa.

Engel afirma defender-se que no “organismo da mulher, na sua fisiologia específica, estariam inscritas as predisposições à doença mental”<sup>253</sup>. Seguindo este pensamento, as mulheres solteiras que desejavam prevenir a doença deveriam se casar, pois, somente com a “satisfação dos instintos sexuais e a realização da maternidade”<sup>254</sup>, é que elas poderiam se salvar da loucura. Laurence Bloch em seu texto destaca as mulheres solteiras como alvos da doença. Neste sentido, as solteiras por não terem relações sexuais sofrem pelo desejo que se transforma em inveja das outras mulheres que são casadas e acabam se tornando loucas/histéricas. Portanto, com este discurso a escritora francesa acaba se contradizendo, pois no fundo utiliza o mesmo pensamento médico que havia criticado anteriormente. Bloch acaba evidenciando a fragilidade moral e biológica feminina em relação ao homem quando defende o casamento e a maternidade como destinos inevitáveis para toda mulher.

A cronista francesa tinha valores ao mesmo tempo modernos e tradicionais. Neles o “natural” do feminino eram a maternidade e o espaço privado. Como afirma Margareth Rago:

A relativa emancipação da mulher, sua livre circulação nas ruas e praças, sua entrada mais agressiva no mercado de trabalho, a criação de um espaço público literário [...], a solicitação para que frequentasse reuniões sociais, restaurantes da moda ou temporadas líricas foram percebidas de maneira extremamente ambígua. Se de um lado valorizava-se sua incorporação num amplo espaço social, por outro procurava-se instaurar linhas de demarcação sexual definidoras dos papéis sociais bastante claras. [...] E que, acima de tudo, as mulheres se conscientizassem, na democratização da vida social, de que sua natureza era a maternidade<sup>255</sup>.

Ou seja, as mulheres precisavam se conscientizar de que a sua natureza era a maternidade, o casamento, o lar, o privado. O discurso da parisiense era apropriado para a *Fon-Fon* a fim de reforçar as divisões de gênero nas relações sociais e estabelecer como deveria ser a mulher no período. Afinal, não era por acaso que as leitoras tinham seus comportamentos questionados constantemente e eram aconselhadas a agirem conforme sua “condição de mulher”.

---

<sup>253</sup> ENGEL, Magali. “Psiquiatria e feminilidade”. In: PRIORE, Mary Del (org). *História das Mulheres no Brasil*, op. cit., p. 333.

<sup>254</sup> *Ibidem*, p. 356.

<sup>255</sup> RAGO, Margareth, *Os prazeres da noite*, op. cit., p. 26.

### 3.2 Moda à francesa ou estilo carioca de ser?

“Todas as épocas e todas as civilizações tiveram seus cantos. Mas, somente a França teve a Canção”<sup>256</sup>. Como notamos nesta frase, Mme. Bloch se referia a França como exemplo de civilização, única e singular. A autora se coloca em sua coluna, de um modo geral, como conhecedora da verdadeira civilização, dos bons hábitos comportamentais e, por isto, se considera autorizada a dar conselhos e fazer críticas. Durante o século XIX, as mulheres tiveram seus perfis carregados simbolicamente de elementos que as definiam como passivas, frágeis, estáticas e dependentes. Baudelaire descreve, em 1863, a imagem da mulher do seu tempo:

Tudo o que adorna a mulher, tudo o que serve para realçar sua beleza, faz parte dela própria; e os artistas que se dedicaram particularmente ao estudo desse ser enigmático adoram finalmente todo o *mundus muliebris* quanto a própria mulher. A mulher é, sem dúvida, uma luz, um olhar, um convite à felicidade, às vezes uma palavra; mas ela é sobretudo uma harmonia geral, não somente no seu porte e no movimento de seus membros, mas também nas musselinas e nas gazes, nas amplas e reverberantes nuvens de tecidos com que se envolve, que são como que os atributos e o pedestal de sua divindade; no metal e no mineral que lhe serpenteiam os braços e o pescoço, que acrescentam suas centelhas ao fogo de seus olhares ou tilintam delicadamente em suas orelhas. Que poeta ousaria, na pintura do prazer causado pela aparição de uma beldade, separar a mulher de sua indumentária?<sup>257</sup>

Segundo o autor, mulher e traje andavam juntos, pois os “tecidos com que se envolve” são “os atributos e o pedestal de sua divindade”; relacionam a mulher ao divino e eram recursos constantes na imprensa, na literatura e nos poemas, representando, muitas vezes, uma pureza essencial para a reputação feminina. A vestimenta era o que mostrava sua posição de mulher rica e honrada, o que a diferenciava das outras consideradas impuras e desonradas. Portanto, nada poderia “separar a mulher de sua indumentária”. Esta importância do vestuário para as mulheres de maior poder aquisitivo continuou perceptível quando analisamos o início do século XX. No caso brasileiro, como afirma Denise Bernuzzi de Sant’anna, a “influência da moda francesa marcava o vestuário e o penteado das jovens pertencentes às famílias

---

<sup>256</sup> No original: “*Tous les ages et toutes les civilisations ont eu leurs chants. Mais seule, la France, a eu la Chanson*”. “*Carnet mondain d’une parisienne: La chanson française*”. *Fon-Fon*. Anno V, n. 28, 15 de julho de 1911. Tradução nossa.

<sup>257</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 79.

ricas”<sup>258</sup>. Porém, nos primeiros anos da República, como vimos no capítulo II, algumas mudanças ocorreram no vestuário feminino e os “esportes tiveram grande influência para que as pesadas anáguas estruturadas caíssem em desuso ao programarem ideias de corpos mais maleáveis e dinâmicos”<sup>259</sup>.

Neste sentido, no caso do Rio de Janeiro, como percebemos nos capítulos anteriores, a campanha por um corpo saudável feminino a fim de não gerar filhos doentes, foi colocada em primeiro lugar. Pautada pelas orientações médicas e científicas, isto permitia às jovens a liberdade para praticar exercícios, caminhar nas ruas ou fazer algum tipo de esporte. Porém, como destaca Gilda de Mello e Souza, “nem por isso é menos o peso da tradição de vida segregada, que deixou a marca na atribuição das tarefas, na mentalidade, nos hábitos da mulher”<sup>260</sup>, ou seja, na sociedade brasileira marcada pelo patriarcalismo mesmo ocorrendo algumas mudanças nos hábitos femininos, constantemente haverá a “reminiscência dessa época de isolamento da mulher, que se manifesta nas atitudes tolhidas, na falta de naturalidade no trato dos homens”<sup>261</sup> e no hábitos de segregar aquilo que é da natureza do “sexo frágil”.

Mme. Laurence Bloch se posiciona a favor desta nova proposta de mulher, que deve se preocupar mais com o corpo saudável, mas com o objetivo de se tornar mãe e não por vontade própria. Segundo ela, existia um desequilíbrio da mulher pelo desejo de comprar que era considerado um crime contra a humanidade, pois iria contra a função do corpo da mulher, a reprodução. Nada deveria ser feito para atender a desejos pessoais. Como afirma Raquel Miguel e Carmen Rial:

[...] o ato de comprar e consumir significa a possibilidade de ultrapassar as fronteiras do seu cotidiano privado. Sair de casa para as compras, tomar decisões e poder escolher, além de ser alvo das atenções (de anunciantes, vendedores e prestadores de serviço), têm também um caráter libertário para elas<sup>262</sup>.

É justamente contra essa liberdade de escolha/decisão, expressa no ato de comprar, que Mme. Laurence Bloch se coloca no seguinte trecho:

---

<sup>258</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 21.

<sup>259</sup> FEIJÃO, Rosane, op. cit., p. 113.

<sup>260</sup> SOUZA, Gilda de Mello e, op.cit., p. 58.

<sup>261</sup> Ibidem, p. 58.

<sup>262</sup> MIGUEL, Raquel de Barros; RIAL, Carmen, op. cit., p. 164.

Um exame de consciência é um ato necessário na vida. Eu chamo, ao confessor da minha teoria, as mulheres do mundo. Senhoras: vocês querem seguir a moda com a maior elegância possível, para o comércio e para os seus admiradores isto é uma festa diária; mas sacrificar vossa saúde em razão de uma moda, é um crime para contra a humanidade. A frase de uma mulher deve ser: eu apareci, eu venci. Por isso, é justa a arma que garante uma vitória. E essa arma é a beleza única que aguça com a boa saúde. Nestes dias, a beleza não é mais um dom, mas uma qualidade que é adquirida. É preciso querer ser bela, é preciso, portanto, procurar qualquer coisa que pode nos dar saúde<sup>263</sup>.

Para ela, os excessos da moda e do desejo de comprar iam contra o modelo de mulher saudável, equilibrada, preocupada com a saúde do corpo para a maternidade, função primordial da mulher. Por isto, chama suas leitoras para realizar um exame de consciência, pois “prova a normalidade de uma vida, onde é demonstrado o desequilíbrio perigoso”<sup>264</sup>. Sendo assim, sacrificar a saúde deste corpo, seria atentar contra a humanidade. A autora destaca que para ser bela é preciso ter saúde: “é preciso querer ser bela, é preciso, portanto, procurar qualquer coisa que pode nos dar saúde”. Porém, cuidar da saúde não significa descuidar da boa aparência, até porque como afirma Philippe Perrot, “a aparência se construía não apenas por itens comprados, mas através de cuidados corporais”<sup>265</sup>.

A partir de então, o hábito de manter a aparência saudável se tornou indispensável para as mulheres. Como lembra Rosane Feijão, produtos como cremes, xampus, pomadas, loções, tinturas para cabelo, serviços como spa, massagens, salão de beleza, aulas de ginásticas, tratamentos<sup>266</sup> e até remédios que prometiam aparência mais saudável surgiram neste período. Vejamos a seguinte propaganda da revista no ano de 1918:

---

<sup>263</sup> No original: “*Un examen de conscience est un acte nécessaire dans une vie. J'appelle, au confessionnel de ma théorie, les femmes du monde. Mes dames: vous voir suivre la mode avec le plus d'élégance possible, est pour le commerce et pour vos admirateurs une fête journalière; mais vous sacrifier vos santés au succès d'une mode, est un crime envers l'humanité. La devise d'une femme doit être: j'ai apparu et j'ai vaincu. Il est donc de bonne guerre de soigner l'arme qui nous assure une victoire. Et cette arme qui est la Beauté ne s'aiguise qu'au contact de la Santé. De nos jour, la Beauté n'est plus un don, mais une qualité qui s'acquiert. Il faut vouloir être belle, il faut donc rechercher tout ce qui peut nous rendre saine*”. “*Carnet mondain d'une parisienne: Un examen de conscience*”. *Fon-Fon*. Anno V, n.20, 20 de maio de 1911. Tradução nossa.

<sup>264</sup> No original: “*(...) prouve la normalité d'une vie, où en démontre le déséquilibre dangereux*”. *Ibidem* Tradução nossa.

<sup>265</sup> PERROT, Philippe. *Les dessus et les dessous de la bourgeoisie- une histoire du vêtement au XIX eme siècle*. Paris: Fayard, 1981, p. 243.

<sup>266</sup> FEIJÃO, Rosane, op. cit., p. 127.

Figura 29 - Anúncio do COMPOSTO RIBOTT

## AOS MAGROS E DYSPEPTICOS



Muitas pessoas magras, debeis e dyspepticas, acham injustificavel seu pessimo estado de saude, pois alimentam-se bem, não trabalham de mais, e descansam o necessario. Acabam resignando-se áquillo, crendo que é essa sua irremediavel sorte. Ignoram porém que são victimas de um estomago fraco, muitas vezes sofrendo de dyspepsia atonica ou nervosa, e que seus órgãos de assimilação e digestivo, não permitem ao sangue tirar dos alimentos toda a nutrição de que tanto precisa seu organismo. Seus alimentos passam pelo seu corpo como um liquido por um coador deixando escassamente a nutrição indispensavel para não morrerem de inanición. Para taes pessoas não ha como o COMPOSTO RIBOTT (phosphato-ferruginoso organico) que é o tonico assimilativo e anti-dyspeptico mais eficaz de que dispõe a therapeutica moderna. Com o auxilio do COMPOSTO RIBOTT o paciente fará com que seus alimentos produzam forças e carnes com tal rapidez que ficará surprehendido. As pessoas debeis duplicam e mesmo triplicam suas energias e forças de resistencia, e os magros ganham carnes solidas e maciças, muitas vezes constatando-se um augmento de 1 kilo e mais de peso na primeira semana do tratamento.

Olha para aquelle par de rachiticos. Porque não tomarão COMPOSTO RIBOTT para engordar e fortificar-se

O COMPOSTO RIBOTT acha-se á venda nas principaes pharmacias e drogarías e com toda a segurança na dos Srs. Granado & C., Orlando Rangel & C., J. Rodrigues & C., Rodolpho Hess & C., Freire Guimarães & C., André de Oliveira, V. Ruffier & C., F. Gilfoni & C., J. M. Pacheco, Araujo Freitas & C., Carlos Cruz & C., P. de Araujo & C., Campos Heitor & C. e V. Silva & C. Unico depositario no Brasil, Benigno Nieva, Caixa Postal 979 — Rio de Janeiro.

Fonte: 29: *Fon-Fon*, 16 de março de 1918.

Na propaganda o cenário utilizado foi uma praia. Nos trajés apropriados para o banho de mar percebemos a mulher muito mais coberta que o homem. O anúncio tinha como título “Aos magros e dyspepticos”. No texto é destacado que as “pessoas robustas e de bonita forma são admiradas em todas as partes”. Sentado na areia, o casal “bonito” menospreza os “raquíticos” que não haviam tomado o produto do anúncio “para engordar e fortificar-se”, logo, não faziam parte do padrão de beleza caracterizado por “carnes sólidas e maciças” do início do século XX. Estas mudanças foram adotadas por homens e principalmente pelas mulheres que atendiam aos apelos médicos. O importante é destacar que Mme. Laurence Bloch escrevia contra os excessos femininos na busca pela conquista da beleza, ao utilizarem tendências da moda sem preocupação com a saúde e a moral que afetariam a maternidade.

Mme. Bloch escreve sobre a necessidade de fazer com que a preocupação com a boa saúde/aparência feminina não cause danos ao seu corpo. Portanto, o excesso de esportes não era adequado, assim como modelos de vestidos ou sapatos que machucavam, mas que eram utilizados em nome da beleza. Diferentemente, por exemplo, do século XIX, que tinha como

peça principal o espartilho que torturava as mulheres diminuindo sua capacidade respiratória e impedindo seus movimentos, ela enfatizava o uso de trajes mais leves, ainda que sem exageros. Assim, os espartilhos ganharam novos contornos, mais suaves e anatômicos para não ferirem o corpo da mulher. Segundo Rosane Feijão: “Um novo espartilho, mais elástico, estruturado por barbatanas flexíveis de aço, fazia com que a mulher adotasse uma postura semelhante a um ‘S’, projetando o busto para frente e os quadris para trás”<sup>267</sup>.

Com o objetivo de aumentar o tempo de sua utilização no Brasil e garantir a sua permanência, foram feitas algumas mudanças na peça. O espartilho “anatômico” era uma tentativa de adaptar essa peça íntima feminina às demandas de higiene e saúde do período. A parisiense queria mostrar como as mulheres modernas da França se comportavam e se vestiam para que servisse de exemplo para as brasileiras. Neste sentido, podemos citar David Harvey ao refletir sobre a condição das mulheres francesas no início do século XX. O autor destaca que uma “mulher contida, contida em um espartilho, contida em uma casa, era uma mulher ordeira. Ela devia ser a guardiã de outro tipo de intimidade e cuidado privados, diferente daquele exibido no mercado”<sup>268</sup>. Assim, para Mme. Laurence Bloch, não seria saudável para a mulher ser consumista e aderir a todo tipo de moda, mas sim manter-se na tradição do espartilho e do recolhimento do espaço privado; o esporte até deveria ser praticado, mas a vestimenta não poderia deixar a mulher totalmente flexível.

Então, foi preciso adaptar/apropriar a moda feminina com referência na França, ao clima, tecidos, técnicas e acabamentos de modistas e costureiras e, ao elemento principal do período, a saúde. Elegância, beleza e saúde deviam andar juntas. Como afirma Rosane Feijão, as jovens: “[...] deixavam de lado o culto a palidez – às vezes reforçada por um bom gole de vinagre pela manhã – para se lançarem em banhos de mar, caminhadas e exercícios físicos que lhes proporcionavam um tom mais saudável”<sup>269</sup>.

Sem perder a elegância a mulher deveria se preocupar com sua saúde, pois segundo Denise Bernuzzi de Sant’anna, uma “aparência descontraída não era reconhecida como sedutora, podendo denotar desleixo ou indesejada rusticidade”<sup>270</sup>. Definitivamente, os padrões

---

<sup>267</sup> FEIJÃO, Rosane, op. cit., p. 116.

<sup>268</sup> HARVEY, David, op. cit., p. 257.

<sup>269</sup> FEIJÃO, Rosane, op. cit., p. 127.

<sup>270</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de, op.cit., p. 23.

de beleza estavam se transformando, o corpo ideal se modificava, mas foram necessários mais alguns anos para que homens e mulheres se deixassem fotografar em trajes completos de banho. Para Sevcenko, a partir de 1920 “os trajes se tornariam mais leves, curtos e colantes, enfatizando o sol como principal atração do banho de mar, não por efeitos terapêuticos, mas estéticos”<sup>271</sup>. Estes novos costumes estavam modificando o que antes era o padrão europeu de se viver em personalidade e estilo carioca de ser, mas isto ainda levaria um tempo.

Os novos hábitos vieram cercados de vigilância e cuidados. Justificadas por argumentos médicos e científicos, as alterações nos hábitos e no vestuário que fugissem a isto eram vistas como inversões morais. A *Fon-Fon* integrava esta ideia de controle da mulher, como podemos notar nesta publicação:

Ella é uma eximia nadadora [...]. Mas vamos ao facto. Ella é casada, ou antes, era. Separou-se do marido por causa de um diplomata que lhe cahiu no gosto. [...] Por acaso, notei então que Ella, dentro d’agua flirtava com um sujeito extraordinariamente louro. E convenci-me que na vida há dois elementos que se contrabalançam, a água e ... o fogo<sup>272</sup>.

Ou seja, como vemos, a revista coloca a mulher como inconstante e volúvel, com tendência natural para o erro e, por isto, deveria ser controlada pelo pai ou marido. Mesmo com os banhos de mar liberados pelos médicos, elas deveriam ser vigiadas. Foi desta maneira (imoral), que a tendência da *juppe-cullotes*, como vimos no capítulo II, foi encarada pela *Fon-Fon* e por boa parte da sociedade do Rio de Janeiro, até porque não teve respaldo médico-científico. No caso desta peça, havia ainda o temor do feminismo que fez parte dos textos e charges da revista. Podemos retomar brevemente esta questão a partir do trecho abaixo:

Modernamente, a pantalona é um trajo que se impõe á mulher; o feminismo assim o exige. Médicas, advogadas, pharmaceuticas, aviadoras, estafetas de saias, são antagonismos que offendem o bom-senso. A saia é para o padre e o frade, que abdicam do seu sexo; ou para as amas de leite, e as respeitáveis matronas que têm a sagrada missão de povoar o mundo. As feministas, essas, devem andar de pantalonas, que podem ser preferíveis às camisas de onze varas<sup>273</sup>.

---

<sup>271</sup> SEVCENKO, Nicolau, op. cit., p. 573.

<sup>272</sup> “Nota Indiscreta”. *Fon-Fon*. Anno VI, n. 9, 2 de março de 1912.

<sup>273</sup> “*Jupe-cullotes, jupes pantalonas...*” *Fon-Fon*. Anno V, n.10, 11 de março de 1911.



Para as mulheres que tinham profissões consideradas masculinas como as “médicas, advogadas, farmacêuticas, aviadoras”, faria sentido o uso da calça comprida, pois estas exerciam funções tidas como masculinas, já para as respeitáveis mulheres que aceitavam o papel “natural” de serem mães e que tinham a “sagrada missão de povoar o mundo”, não faria sentido aderir a tal moda, pois as saias eram dignas do seu “belo sexo”. A feminista e a mulher que trabalha estariam distanciadas da maternidade. O texto sugere ainda que a moda da calça comprida seria uma exigência do feminismo, diminuindo a luta deste movimento.

A posição da coluna da parisiense não foi diferente. Ela escrevia contra o perigo da “revolução” das “mulheres muito modernas” que constantemente tentavam inverter a ordem, querendo assumir papéis que não lhes pertenciam. Sobre a moda da *juppe-culottes* e a aproximação com o feminismo ela expõe sua opinião em um longo texto que consideramos necessário reproduzir:

Ontem, Ela e eu, debatemos graves questões. Com sua voz distinguível e sempre um pouco distraída, ela dizia: O que você pensa sobre essa publicação de mulher de *culotte* na pesagem de Auteuil? É fazer feminismo em excesso, não acha? Eu levo a questão a sério e lhe digo o que diversas vezes eu havia pensando frente a outros fatos, menos salientes, mas também explícitos: Mas, eu considero esse uso da *culotte* o ponto final e triunfante de uma evolução refletida e nada inconsciente. Você, Senhora, recobriu com dobras seus doces contornos com vestidos entravados, se imaginando como apenas copiando um modismo, sem se dar conta de que você mostrava os emblemas de uma revolução. Você acreditou que esses modelos saíam, assim fantásticos, do cérebro dos costureiros que desejavam fazer o inédito e a propaganda. E você esqueceu que esse corte lhes foi inspirado pelas próprias mundanas, aquelas que parecem ser as mais desocupadas. Mais prático, *maître!* Menos encorpado, menos delicado, algo que nos vista sem nos reter; que nos permita dirigir, voar, nos introduzirmos dentre eles, os grandes poderosos, os homens, nossos adversários. São essas as recomendações dadas durante a prova. E o *maître* cortava, cortava, até 60 centímetros de circunferência. E por que essa descida da mulher à arena, para se misturar aos gladiadores? Por que? Eu tive a audácia dessa resposta. Porque a mulher está fora de moda. Ela está fora de moda, em tudo que a sua preciosa feminilidade tinha de suave, de delicado e despreocupado. Porque o homem encontrou novas diretrizes aos charmes rudes como seu coração. Quando eles não tinham nada mais a serviço de sua imaginação que o pobre aperto de seus braços, neles aconchegavam a mulher como aquela que eles acarinhariam todas as ilusões e não se empenhavam em vão esforços. O automobilismo lhes dá a maestria: Entendida. A aviação lhes dá as asas e os deixa violar a maestria: Espaço. A eletricidade faz seus olhos fosforescentes e eles desnudam a maestria: Obscuridade. Mais nada é mistério, mais nada é inviolável, a mulher se tornou para eles o brinquedo de toda a primeira infância que escutou todos os sonhos futuros, mas que não pôde realizá-los. E a mulher entendeu que sua voz cantarolada de pássaro não poderia ser escutada no concerto tempestuoso em que cantavam os mestres rivais. Ela se despoja de sua plumagem brilhante e inútil e retorna arrogante, mas resignada, à caçada. Não há mais princesas, não há mais salões onde as visitamos e onde lhes falamos de moda. Não há nada além de Ciência, Literatura, Invenção, Criação. Onde está o Faubourg Saint-Germain para a nobre ignorância? A Duquesa de Uzès é conferencista, a Duquesa de Aoste se esforça na África negra que

ela assinala geograficamente; a Baronesa Zuylern abre um banco que ela dirige, a Condessa de Noailles solicita as vestes de Acadêmica; a Baronesa de Martel faz jornalismo... E a Burguesa, na sábia e prudente retenção? Senhora Curie realiza cursos na Sorbonne, e, oh!, maravilha, duas jovens moças de 18 anos se tornam professoras de filosofia e de matemática nos cursos de homens, sem contar um grande número de advogadas e doutoras. E o povo de braços infatigáveis e de pensamento mudo? O povo faz máquinas para descansar seus braços e deixar falar o pensamento. A fada Eletricidade matou a fada Mulher. Palavras temerárias. Um raio de sol entrava pelo quarto e brincava nos cabelos que eu vinha de inundar com todo esse monólogo tão amargo. Ela estava toda banhada de luz. Seus cabelos, de uma cor naturalmente acobreada, formavam anéis onde se refletiam o ardor do raio solar. E eu me lembrava que na véspera, num baile de máscaras, ela havia feito as delícias de todos os olhos com sua vestimenta de florista. E tudo que nossos ancestrais amaram e cantaram vivia ali nela e era imperecível. O Charme, a Beleza, a Graça e a muito doce, muito interessante, muito cativante delicadeza feminina. As mulheres vestidas de *culotte* me parecem monstros<sup>274</sup>.

<sup>274</sup> No original: “*Hier, Elle et moi, avons agité de graves questions. De sa voix distinguée et toujours un peu distraite, elle disait: Que pensez-vous de cette parution de femme en culotte sur le passage d’Auteuil? C’est faire du féminisme à outrance, ne trouvez-vous pas? Je pris la question a un sérieux et lui dis ce que bien des fois j’avais pense devant d’autres faits, moins saillants, mais tout aussi précis: Mais, je considère ce port de la culotte, le point final et triomphant d’une évolution raisonnée et nullement inconsciente. Vous avez, Madame, drapée vos doux contours de robes, entravées, vous imaginant que vous ne faisiez que copier une mode, sans vous rendre compte que vous arboriez les insignes d’une révolution. Vous avez cru que ces modeles sortaient, ainsi fantastiques, de la cervelle des couturiers désirant faire de l’inédit et de la reclame. Et vous avez oublié que cette coupe leur avait été inspirée à l’essayage par les plus grandes mondaines elles mêmes, celles qui semblent être les plus désœuvrées. Plus pratique, maître! Moins étoffé, moins embarrassant, quelque chose qui nous habille sans nous parer; qui nous permette de faire de l’auto, de voler de nous faufler parmi eux, les grands manitous, les hommes, nos adversaire. Voilà les recommandations donnés à l’essayage. Et le maitre coupait, coupait jusqu’a 60 centimètres de tour. Et pourquoi cette descente de la femme dans l’arine, pour se mêler aux gladiateurs? Pourquoi? J’eus l’audace de cette réponse. Parce que la femme est passée de mode. Elle est passée de mode, dans tout ce que sa feminité précieuse avait de mièvre, de delicat et d’insouciant. Parce que l’homme, a rencontré de nouvelles maitresses aux charmes rudes comme leur coeur. Lorqu’ils n’avaient au service de leur imagination, que la pauvre étreinte de leurs bras, ils y blotissaient la femme dans laquelle ils ne dévorent plus leur activité en vains efforts. L’automobilisme leur a livre la maitresse: Entendue. L’aviation leur donne des ailes et les laisse violer la maitresse: Espace. L’électricité fait leurs yeux phosphorescents it ils déshabillent la maitresse: Obscurité. Plus rien n’est mystère, plus rien n’est inviolable, la femme leur est devenue le jouet de la toute petite enfance qui a écouté tous les rêves d’avenir, mais qui n’a pu les réaliser. Et la femme a compris que sa voix gazouillante d’oiseau, ne pourrait se faire entendre dans le concert orageux que chantaient les maitresse rivales. Elle dépouille son plumage brillant et inutile et rentre orgueilleuse, mais résignée, dans la lice. Il n’y a plus de femmes du monde, il n’y a plus de salons ou l’on fait de visites et ou l’on caquette de modes. Il n’y a plus que Science, Littérature, Invention, Création. Où est le Faubourg Saint- Germain à la noble ignorance? La duchesse d’Uzès est conférencière, la Duchesse d’Aoste s’enfonce dans l’Afrique noire qu’elle pointe géographiquement; la Baronne Zuylern ouvre une banque qu’elle dirige, la Comtesse de Noailles demande l’habit d’Académicien; la Baronne de Martel fait du journalisme... Et la Bourgeoise à la sage et prude retenue? Madame Curie fait des cours à la Sorbonne, et, oh! Merveille, 2 jeunes filles de 18 ans, deviennent dès professeurs de philodophie et de mathématiques au cours des hommes, sans compter un grand nombre d’avocates et de doctoresses. Et le peuple aux bras infatigables et à la pensée muette? Le peuple fait des machines pour repouser ses bras et laisser parler sa pensée. La fée Electricité a tué la fée Femme. Paroles téméraires. Un rayon de soleil s’était glissé dans la chambre et se jouait dans le cheveux de celle que je venais d’abreuver de toute cette tirade si amère. Elle était toute baignée de lumière. Ses cheveux, d’une teinte naturellement cuivrée, formait des boucles où se reflétait l’ardeur du rayon solaire. Et je me rappelais que la veille, dans une fête masquée, elle avait fait les délices de tous les yeux sous son costume de bouquetière. Et tout ce que nos aieux ont aimé et chanté, vivait lá en elle et était imperissable. Le Charme, la Beauté, la Grâce et la si douce, si prenante, si captivante faiblesse féminine. Les femmes porteuses de culotte me parurent des monstres”. “Carnet mondain d’une parisienne: La jupe culotte”. Fon-Fon. Anno V, n. 9, 4 de março de 1911. Tradução nossa.*

Segundo o texto, a autora destaca que é a mulher que escolhe aderir ou não a moda lançada, não tratando-se de uma imposição. Para Fabiana Francisca Macena, a “moda pode ou não provocar uma revolução nos costumes, tem um significado político”<sup>275</sup>. Para a parisiense, a moda da *jupe-cullottes* era um ato político, pois dava maior flexibilidade à mulher podendo desempenhar diferentes funções como andar de bicicleta, dirigir, correr, entre outras atividades. Portanto, era “o ponto final e triunfante de uma evolução refletida e nada inconsciente”. No entanto, Mme. Bloch acreditava que esta moda afetava uma qualidade fundamental da mulher, a feminilidade, pois com a modernidade atributos como “o Charme, a Beleza, a Graça e a muito doce, muito interessante, muito cativante delicadeza feminina” foram perdidos em prol de uma competição entre homens e mulheres que o uso da *juppe-cullottes* reforçava, pois “a mulher entendeu que sua voz cantarolada de pássaro não poderia ser escutada no concerto tempestuoso em que cantavam os mestres rivais. Ela se despoja de sua plumagem brilhante e inútil e retorna arrogante, mas resignada, à caçada”. Ou seja, acaba com toda delicadeza e beleza representada pela “pluma brilhante” para competir com os homens.

Porém, Mme. Laurence Bloch volta a se tornar ambígua em suas posições, pois ao mesmo tempo em que vai contra a *juppe-collottes* por representar o feminismo resultando na masculinização da mulher, se coloca como favorável aos avanços acadêmicos e científicos femininos, pois, para ela, a mulher estava conseguindo manter sua feminilidade mesmo com estes avanços. Assim, não precisaria se masculinizar e competir com os homens utilizando as calças compridas para crescer academicamente e cientificamente, mas sim alcançar maiores conquistas sem perder a graça e a feminilidade.

Para a revista, se posicionar contra ou a favor de alguns trajes, influenciaria a posição do leitor em relação a alguns temas como o feminismo, as novas funções das mulheres e a igualdade de gênero. Por isto, ela procurava deixar claras as suas opiniões e incentivar os leitores a concordarem com elas. Podemos perceber o jogo feito pela *Fon-Fon* no seguinte trecho:

Não o feminismo doutrina, não o feminismo demagogia, não o feminismo mulher-homem, arengadôra, masculinizada, apagando a graça, desfazendo o encanto suprimindo essa eterna fragilidade que, afinal, é essa eterna, essa gloriosa, essa triumphadôra **Força** [grifo da revista] cujo jugo dominador nos é tão agradável, tão consolador, tão preciso. É esse feminismo que *Fon-Fon* proclama e que Fon-Fon

---

<sup>275</sup> MACENA, Fabiana Francisca, op. cit., p. 120.

saúda! [...] Isso é bem feminino, digna, delicada, encantadamente feminino e esse é o único, o verdadeiro feminismo vencedor. É esse feminismo que *Fon-Fon* proclama, e que *Fon-Fon* saúda! Ave! Feminina!<sup>276</sup>

A revista propõe um feminismo “feminino”, que asseguraria as principais características da “natureza” da mulher, ou seja, da “eterna fragilidade” e da delicadeza. A *Fon-Fon* restringia a compreensão e aceitação do feminismo distorcendo o seu significado, assim reforçava a partilha desigual de gênero e desqualificava as ideias feministas que objetivavam igualdade de direitos. Além disto, ela banalizava sua seriedade ao relacionar o movimento à mudança feminina, onde ela se tornaria “mulher-homem, arengadôra, masculinizada, apagando a graça, desfazendo o encanto”. Segundo Susan K. Besse, os antifeministas também utilizavam justificativas científicas e morais em seus argumentos:

Afirmavam frequentemente que negar a igualdade política e social às mulheres não implicava inferioridade das mulheres. Ao contrário, afirmavam, as mulheres desfrutavam de uma posição de superioridade, que vinha de sua pureza moral, e era preciso que fosse mantida isolada da corrupção da política e da ganância e ambição do mundo do trabalho<sup>277</sup>.

Para os redatores da revista, a mulher não precisaria ser feminista e abandonar seus dons “naturais”, sua “pureza moral” para dominar o homem. Afinal, ela desfrutava de “uma posição de superioridade”; a delicadeza e a fragilidade deveriam ser mantidas. Não poderia ser destruída a verdadeira natureza feminina, pois isto acabaria com a harmonia entre os sexos.

Mme. Bloch, a parisiense, reitera esta visão. Para ela, a pior consequência da modernidade para a mulher, era o fim dos grandes bailes para falar de moda e dos “assuntos de mulher”. Ao invés disto, a modernidade trouxe assuntos como ciência, literatura, invenção e criação, o que para ela era uma má troca, pois, como afirma Diva Muniz, era preciso manter as mulheres “‘resguardadas’ dos perigos do ambiente social moderno, com suas amplas ciências e licenciosidades”<sup>278</sup>. A mulher deveria preservar a beleza, a saúde, a feminilidade e a doçura. Tal posição era a de Mme. Laurence Bloch. Assim, fica claro que ela não aceitava a

<sup>276</sup> “Ave! Feminina!” *Fon-Fon*. Anno II, n.15, 18 de julho de 1908.

<sup>277</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p. 215.

<sup>278</sup> MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. “Mulheres ‘modernas’, mulheres ‘perigosas’”. *Revista Múltipla* (UPIS). V.14. 2006, p. 125.

igualdade entre homens e mulheres. A mulher, tanto na França quando no Brasil seguia, evidentemente, muito vinculada à figura masculina. Como destaca David Harvey sobre a mulher francesa:

[...] legalmente considerada menor pelo Código Napoleônico, era difícil, embora não impossível, seguir seu próprio caminho na vida, tanto no âmbito econômico quanto no social, sem algum tipo de proteção de um pai, marido, parente, amante, cafetão, de instituições (como conventos e escolas) ou de um empregador<sup>279</sup>.

Mme. Laurence Bloch reforçava os papéis sociais tradicionais de cada gênero, colocando a mulher como “sexo frágil”, que precisava de atenção e orientação masculina para existir, e o homem como “sexo forte”, que comanda a sociedade. O “novo estilo carioca de ser” estava sendo construído com influências francesas que mantinham as tradições principalmente no se refere aos modos femininos.

Porém, como vimos até aqui, o discurso da parisiense sobre a “mulher moderna” era confuso e dividido entre racionalidade e natureza feminina, pois, ao mesmo tempo, que ela reflete sobre o exagero do sentimentalismo e da futilidade expostos na imprensa para representar a mulher, defende também as funções “naturais” femininas. Raquel Soihet e Flávia Esteves nos ajudam a pensar esse discurso contraditório da autora, ao tratarem de “incoerências e incompatibilidades internas”<sup>280</sup> vivenciadas neste período de ambiguidade entre o tradicional e o moderno. Segundo as autoras, estas contradições apontam tanto para um controle sobre a escritora como, também, para uma liberdade de construção da mesma. Para Michelle Perrot, “em uma sociedade globalmente dominada pelo poder masculino, as mulheres exerceram, entretanto, todo o poder possível”<sup>281</sup>. Assim, ocupando a posição de escritora de uma coluna na *Fon-Fon*, Mme. Laurence Bloch expressou as contradições de sua época e conquistou o espaço que foi possível.

---

<sup>279</sup> HAVEY, David, op. cit., p. 248.

<sup>280</sup> SOIHET, Raquel; ESTEVES, Flávia Cópio. “Carmen Dolores: as contradições de uma literata da virada do século”. In: LÔBO, Yolanda; FARIA, Lia. (Orgs.). *Vozes femininas do Império e da República*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2008.

<sup>281</sup> PERROT, Michelle, op. cit., p. 243.

### 3.3 Outras vozes femininas na *Fon-Fon*

Além de Laurence Elie Bloch e da caricaturista Nair Tefté, outras poucas mulheres escreveram na revista. Após o fim da coluna “*Carnet Mondain d’une Parisienne*”, em 1912, somente no dia 19 de fevereiro de 1916 é criada uma série escrita por uma mulher. Na verdade, tratava-se de um diário deixado por uma jovem rica que havia ido morar fora do Brasil, como explica a própria revista:

Quem não conheceu a radiosa moça ainda há pouco mais de dois annos, era adorada dos nossos salões, onde dominava, pela belesa e pelo espírito? Nós lhe chamamos de Anna Maria... Muitos a consideravam um ser perturbado por todas as ideias contrarias á tranquillidade do seu sexo. Muitos a julgavam uma alma romanesca, e não compreendiam os seus gostos pelas viagens e as suas sympathias literárias. Outros contestavam simplesmente em a saber espirituosa e bella. Agora a linda orgulhosa, cuja ironia animava uma intelligencia lúcida e penetrante, vive longe. Mas acaso de uma sympathia, que Anna Maria guardou, nos permite iniciar hoje a publicação do seu jornal, paginas escriptas há mais de dez annos e nunca lidas. Diriamos que são páginas de literatura e de observação. Há nelas mais alguma cousa, que é o reflexo de um peregrino espírito de mulher, que o amor e o gênio tocam talvez de leve. Dando esse espírito á publicidade, Fon-Fon o faz com a mais discreta reserva para a personalidade de sua autora, pouco importando que outros a pretendiam reconhecer sob o nome simples e suave de Anna Maria<sup>282</sup>.

A série se chamava “O jornal de uma desconhecida” e foi escrito por uma jovem cujo nome a revista não divulga, mas chama de Anna Maria. Ao analisar seus quatro artigos, é possível perceber que ela utilizava a literatura e a ironia para fazer crônicas do seu cotidiano e contos, colocando o que pensava sobre diferentes situações. É destacado que as páginas foram escritas “há mais de dez annos e nunca lidas. Diriamos que são páginas de literatura e de observação”. Suas opiniões fortes e contrárias ao que se esperava de uma “madame”, ou da “natureza” feminina, permitiam que algumas pessoas a julgassem como “um ser perturbado por todas as ideias contrarias á tranquillidade do seu sexo”. Abaixo podemos entender melhor o porquê dela ser considerada uma mulher fora dos padrões de comportamento feminino: “É preciso ser homem para sentir todo orgulho que dão as victorias da Força- potencia do espírito ou resistência dos músculos. Mas é preciso ser mulher para saber que não há homens

---

<sup>282</sup> “Jornal de uma desconhecida.” *Fon-Fon*. Anno X, n. 7, 12 de fevereiro de 1916.

invencíveis...”<sup>283</sup>

Esta fala certamente não foi bem vista, principalmente pelos defensores da inferioridade e dependência da mulher em relação ao homem. Nos poucos escritos que são divulgados pela revista, é possível notar a sua sagacidade em variados assuntos. Talvez isto assustasse alguns leitores. Ela inicia o seu “jornal” com as seguintes considerações:

Este jornal estaria destinado a guardar todas as minhas impressões e todas as minhas lembranças, se para a alma não houvesse segredos invioláveis. Que sei eu? Que posso eu? A divina Psyché é misteriosa e cauta, e a força da sua vontade sabe emmudecer a sinceridade das nossas expansões. Por que não acreditar, então, que os desejos, os actos e as palavras são resultado de uma luta subconsciente, entre um eu recontido e onnipoderoso e o eu ordinário e simples, mestre das nossas acções communs? Vem disso talvez a razão porque nunca somos absolutamente sinceros. Mas neste caso possuímos duas almas governando a vida? A Grécia antiga, que teve a suspeita de todas as verdades, não esclareceu este ponto, infelizmente. Todavia a hypothese não é para mim sem poesia nem encanto. Se ter uma alma já é signal de superioridade, ter duas é um luxo que só pode honrar a liberalidade do creador. Admitamol-o de olhos fechados – com uma soberba ilusão, ou como uma nova homenagem aos esforços do bom Deus, que fez outras coisas inuteis<sup>284</sup>.

Na fala da autora percebemos seus questionamentos pessoais. No texto, ela reflete sobre a sinceridade humana, que para ela é impossível de ser alcançada, pois temos dois eus o “eu recontido e onnipoderoso e o eu ordinário e simples”. Em sua opinião, temos duas almas que governam nossas vidas, talvez por isto nós “nunca somos absolutamente sinceros”. A autora termina o artigo com uma ironia, afirmando que a falta de sinceridade humana vem dos questionamentos e conflitos internos de cada indivíduo (tidos como inúteis e criados por Deus). Anna Maria critica algo divino em uma sociedade cristã e conservadora. Certamente, este texto causou algum incômodo nos meios mais tradicionais.

Sobre a questão das habilidades e do vestuário feminino, a autora faz uma crítica a uma jovem rica:

Mlle L.C.R é muito pouco intelligente, sendo muito formosa. Veste-se bem, mas toca mal o piano. Isto, possivelmente, é um enorme disparate. Há mais genio numa linda *toilette* que em todas as interpretações de Chopin. É necessário amar à beleza. Em todos os casos é esta primeira condição para ser bella<sup>285</sup>.

---

<sup>283</sup> “Jornal de uma desconhecida.” *Fon-Fon*. Anno X, n. 11, 4 de março de 1916.

<sup>284</sup> “Jornal de uma desconhecida.” *Fon-Fon*. Anno X, n. 7, 12 de fevereiro de 1916.

<sup>285</sup> “Jornal de uma desconhecida.” *Fon-Fon*. Anno X, n. 11, 4 de março de 1916.

No texto, ela se refere a uma *mademoiselle* considerada “pouco inteligente”, “sendo muito formosa”. Ou seja, para a mulher bastava se vestir bem para ser considerada bela e bem vista pela sociedade, a inteligência não era necessária, pois era “necessário amar à beleza. Em todos os casos é esta primeira condição para ser bella”. Com isto, Anna Maria expõe alguns questionamentos relacionados à condição feminina no Brasil. Acreditava que a mulher poderia ousar e querer ser algo mais do que somente esposa, mãe e sempre preocupada com o que vestir. Ela enfatiza esta ideia no seguinte trecho: “Ó minha vontade, ainda mal sabes querer. Hesitas na innocencia dos primeiros passos, e não comprehendeste ainda que tudo alcançarias se tudo soubesses ousar... Pobre pequenina, ignoras quanto vales. É preciso que te mires também num espelho!”<sup>286</sup>

No texto, ela apresenta a vontade feminina como o primeiro impulso para acontecer algo mais. Por isto, seria preciso ousar para fazer o diferente, tomar decisões, fazer o que se tem vontade e não o que é mandado ou imposto. A coluna desapareceu no dia 25 de março de 1916; só foi publicada em 4 edições da revista. Os editores não explicaram o porquê do seu fim (diferentemente do que fizeram com a parisiense); simplesmente ela não apareceu mais. A sua última publicação foi esta:

A primeira mulher perguntou ao Anjo do Destino: – Aonde devo ir? E o Anjo respondeu: – Irás á procura do Amor, que está além, á tua espera, no seio da grande selva. Se o encontrares – é difficil encontral-o! – elle te conduzirá á Fonte de Todo o Bem, que fica para lá, muito mais longe, é sombra das árvores sagradas. E então banharás o teu corpo na água luminosa, e trará o thesouro das felicidades que não se acabam... – Que rumo devo seguir? – No seio da grande selva todos os caminhos são differentes, e nem um determinado. Segue sem olhar para traz e sem attender ao próprio silencio, que ahi fala uma linguagem de attracção e mysterio. As arvores moverão docentemente as suas frondes, e as flores irão caindo sobre a tua cabeça, tristes e sem rumor... A primeira mulher baixou a fronte pensativa. Em seguida ergueu os ramos é entrada da grande selva – e murmurou marchando sob as arvores, com o olhar voltado para o Anjo do Destino: – Eu vou... E irei marcando o caminho para não me perder na volta. O Anjo sorriu de uma leve ironia, a primeira mulher não viu esse sorriso. – É inútil marcar o caminho... disse-lhe o Anjo. E quando Ella ia longe e já não podia ouvir, o Senhor do Destino terminou com a desconsolação de um deus saciado de toda sabedoria: – Não se marcam os caminhos sem regresso!<sup>287</sup>

Neste último conto, a autora faz mais uma crítica a condição feminina de ter como principal destino de vida o casamento. Destino este que não tem retorno, pois, como vimos, o casamento era considerado sagrado e indissolúvel. Com ironia, ela representa este fato: o

---

<sup>286</sup> “Jornal de uma desconhecida.” *Fon-Fon*. Anno X, n. 11, 4 de março de 1916.

<sup>287</sup> “Jornal de uma desconhecida.” *Fon-Fon*. Anno X, n.13, 25 de março de 1916.



“Senhor do Destino terminou com a desconsolação de um deus saciado de toda sabedoria: – Não se marcam os caminhos sem regresso!”. Não haveria outra opção de vida honesta e honrada para as mulheres fora do casamento. Outra parte interessante do texto é quando ela fala do amor como única condição de felicidade eterna. Relacionar casamento, amor e felicidade era uma estratégia evidentemente comum no período, principalmente em veículos como a *Fon-Fon* que defendia o casamento como sacramento.

Neste contexto havia mulheres, além da autora, que criticavam o casamento. Segundo Susan Besse, de 1910 a 1940, ocorreram vários debates entre homens e mulheres sobre a necessidade ou não de uma reforma na instituição do casamento. Assim, “devido o descontentamento das mulheres, as relações marido-esposa tinham que ser modernizadas, adquirindo pelo menos uma aparência superficial de igualdade e reciprocidade”<sup>288</sup>. Aos poucos as uniões por interesses econômicos foram perdendo força em prol de uma visão idealizada baseada no companheirismo e no amor – ideia que já se desenvolvia com o romantismo no século XIX – constantemente divulgada na imprensa.

Como podemos perceber, estas visões eram diferentes do discurso da francesa Laurence Elie Bloch, que reiterava as visões tradicionais e patriarcais sobre a representação da mulher moderna do século XX, inclusive com relação ao casamento como objetivo primeiro e único da vida de uma mulher. Anna Maria coloca em pauta discursos que levam as leitoras à reflexão sobre este padrão tido como ideal feminino. Ela propunha uma mulher ousada, inteligente, não tão relacionada com a moda e rica (não escondia sua posição, viajava por vários países e, inclusive, morava no exterior no momento da publicação dos seus textos). Ela tentava mostrar outro caminho para a mulher que não fosse o casamento. Portanto, com poucas publicações, entre relatos pessoais e contos, Anna Maria desenvolveu críticas importantes sobre a condição feminina na sociedade do seu tempo e talvez por isto seus textos tenham desaparecido tão repentinamente. Afinal, nada poderia ir contra as ideias de ordem, a moral e bons costumes no Brasil. A grande questão a se pensar é o porquê da revista permitir que esta autora publicasse uma visão oposta a que eles divulgavam. Teria sido proposital? Ou um deslize dos redatores? Não possuímos estas respostas, mas com certeza sua fala foi importante para dar lugar ao pensamento de uma mulher que, dentro dos limites de sua época, ponderava sobre os padrões pré-estabelecidos e determinados como corretos e “naturais” do

---

<sup>288</sup> BESSE, Susan k., op. cit., p. 63.

sexo feminino.

Outras três mulheres tiveram participações ainda menores que Anna Maria na *Fon-Fon*. São elas: Adelaide Moiz, Maria de Lourdes Nogueira França e Raquel Prado. Diferente de como a revista fez com Laurence Bloch e Anna Maria, estas três escritoras não foram apresentadas, então não temos informações sobre elas e nem sabemos realmente se são mulheres. Elas, diferentemente de Anna Maria, mas de forma semelhante a Mme. Bloch, reforçavam a visão sexista da revista, colocando, muitas vezes, em pequenos versos ou contos soltos suas posições de dependência, adoração e obediência ao homem:

Homem, pedra perdida á beira do caminho, que se pode colher ou afastar com o pé, quem sabe o que serás? Do bem ou mal, o ninho? O flagello infernal ou o defensor da fé? Pedra, que te farás? Quem prescruta-o nunca. Poderá, antevendo a sorte a que derives? Cascalho vil que a estrada, em lama e lodo, junca. Ou joia lapidar nas mãos do Excelso Ourives? Ao sofrimento exposto e á nós, instante a instante, purificar-te-ás ao fogo que a luz medra, e não mais pedra vil serás, porém diamante. Das estrellas irmão embora sejas pedra! Homem! Pedroço vil, teu coração que sofre. Lapida-o e oferece a Deus como um sacrário. Vel-o-ás a fulgar, como a joia num cofre. Ás mãos santas de Deus o Eterno Lapidario!<sup>289</sup>

Este texto foi o único escrito por Adelaide Moiz que compara o homem a uma pedra preciosa feita pelas “mãos santas de Deus o Eterno Lapidario!”, conferindo-lhe qualidades divinas ela faz um poema para aquele que seria o seu destino como mulher. Adelaide expõe vários questionamentos sobre o homem, mas o coloca como única opção, podendo de pedra virar um diamante se for bem lapidado. Outro texto interessante é de autoria de Maria de Lourdes Nogueira França que escrevia contos sobre morte, vida e amores eternos:

Morreu! Moça ainda, na plenitude da vida, trocou os risos da existência, pela paz eterna das campas. [...] Morreu de amor! – Alguns diziam. Adeus Hermanno! Foram suas derradeiras palavras. Quem é aquelle que, religiosamente, vae todas as manhãs levar-lhe flores e fica murmurando segredos de joelhos, sobre a campas? Outro não póde ser, senão Hermanno, aquelle por quem chamou no derradeiro momento. E fico então a pensar que só os grandes corações podem assim permanecer unidos, mesmo além da morte...<sup>290</sup>

Alimentando a fantasia das jovens de encontrar o amor eterno, a autora em seus contos destacava a importância desta busca para a mulher, pois “os grandes corações podem assim permanecer unidos, mesmo além da morte”.

<sup>289</sup> “Pedra preciosa”. *Fon-Fon*. Anno IX, n. 20, 16 de maio de 1915.

<sup>290</sup> *Fon-Fon*. Anno IX, n. 15, 10 de abril de 1915.

Por fim, apresentamos o texto de Raquel Prado. Nele, ela descreve a esposa de Coelho Netto, importante escritor do período:

Mme. Gaby Coelho Netto. É esposa de um dos nossos mais notáveis homens de letras que na prosa vibrante e sonora dos seus innumeráveis romances, tem synthetizado de maneira brilhante tudo quanto há de bello, diggestivo e grandioso. Mme. Coelho Netto, é uma dessas creaturas para quem as adjectivações desaparecem *in-totum* para qualificar. Ela é dotada de uma alma cândida e simples que a torna, às vezes tímida como uma criança. A sua voz é suave, melodiosa e acariciante. (...) De todos os predicados bons que adornam encantadoramente a sua alma, bastaria um só, para eleval-a em plano superior e que a faz muito admirada em nossa sociedade. É ser mãe amantíssima e esposa dedicada. É caridosa e liberal para todos aquelles que soffrem e que são desprotegidos da sorte. Enfim, é a musa, que encanta e enche de harmonia e graça àquelle lar de poeta, onde se encontram todas as venturas que se possa imaginar na terra! É elegante naturalmente sem o requesito grotesco de pose estudada. (...) Tem verdadeiro culto pelo talento do seu esposo e quando o sente em communhão com as musas, reveste-se de uma mudez religiosa, respeitando assim a sua elaboração espiritual<sup>291</sup>.

Raquel Prado também reforça os papéis sociais femininos, destacando que a Mme. Gaby Coelho Netto teria as qualidades de uma mulher que não se preocupa com “o requesito grotesco de pose estudada”, pois ela é “elegante naturalmente” sem ele. Nesta frase está a ideia de que a mulher não precisa estudar para ser reconhecida socialmente. O que mais importaria para ela era “ser mãe amantíssima e esposa dedicada”, além de ter respeito e adoração pelo marido. Mais uma vez, aparece a reclusão da mulher no espaço privado sendo enaltecida e servindo como exemplo de mulher ideal, projetada pela revista e reforçada pela autora.

Porém, com as modificações dos hábitos femininos que vimos no decorrer desta pesquisa, é importante destacar que aos poucos o casamento não foi mais considerado a única opção de vida para as mulheres (embora as solteiras fossem mal vistas, como são, muitas vezes, ainda hoje). Era cada vez mais preciso ressaltar suas vantagens e benefícios, como foi feito por estas mulheres na revista. Afinal, analisando a *Fon-Fon* é notável a permanência do casamento como destino natural de toda mulher. As únicas opções para fugir dele seriam tornar-se freira ou permanecer solteira, o que a tornaria alvo de julgamentos e da vigilância da sociedade. Além disto, ambos, sobretudo a segunda opção, eram vistos como fracasso e não como escolha. Na edição de 9 de janeiro de 1909, a revista reforça a ideia de final feliz da mulher no casamento, com o objetivo de desmotivar qualquer pretensão em se continuar

---

<sup>291</sup> “Silhuetas Femininas.” *Fon-Fon*. Anno V, n. 41, 14 de setembro de 1911.

solteira e fugir do suposto destino feminino:

Quem te viu e quem te vê. Altiua com umas deliciosas independências sociaes e umas finas compreensões de vida indpendente. Mlle. Parecia um exemplo justo de rebeldia às convenções da sociedade. Não lhe conheciam namoros, nem ‘flirts’; em compensação, apontavam-se-lhes amizades solidas e queridas. Repeliu partidos considerados magníficos pelos paes e parentes. Não se casaria, pensavam todos, tanto mais quanto as largas posses paternas, permittam-lhe a desejada liberdade. Foi-se passando o tempo e dizem íntimos que, embora em manifestação precoce, na sua linda cabeleira negra, apontaram os tristes luzimentos dos primeiros fios brancos. Mlle. Que não é por ahi nenhum peixe podre, começou a sentir decidida vocação para... mãe de família. E muito breve, na Matriz da Candelaria, receberá por seu legitimo esposo, àquele que há tanto tempo a requestava e que fizera da diplomacia, o pouso do seu isolamento sentimental. E ambos casam-se por amor e por necessidade de não envelhecerem... solteiros<sup>292</sup>.

Como se vê, a revista coloca como desvantajosa a recusa do suposto destino da mulher, o casamento. Enfatiza ainda que caso haja algum tipo de rebeldia contra esta “natureza feminina”, o tempo acabará mostrando o fracasso de permanecer solteira, pois na “linda cabeleira negra, apontaram os tristes luzimentos dos primeiros fios brancos”. Insistindo também na ideia de se casar por amor, como destacamos, era preciso mostrar o benefício do casamento: “ambos casam-se por amor e por necessidade de não envelhecerem... solteiros”. Ou seja, a *Fon-Fon* investe na ideia do casamento como sagrado e destino último de todos, devendo ser mantido a todo custo, pois, como podemos notar na charge abaixo, Deus havia mandado crescer e se multiplicar, então, assim deveria ser:

Figura 30 - Charge sobre o divórcio  
“Crescei e multiplicae-vos”



*Um homem de vistas largas e dar nós cegos.*

Fonte: *Fon-Fon*, 5 de abril de 1913.

<sup>292</sup> “Trepações”. *Fon-Fon*. Anno III, n.2, 9 de janeiro de 1909.

Sendo assim, o amor seria a razão de ser e de viver das mulheres e esta é a ideia que a revista queria passar às leitoras. Uma imagem da “verdadeira mulher” que ama seu marido, seu lar e seus filhos, ou seja, que vive em função dos outros e não de si mesma. A modernidade deveria estar ligada intimamente à defesa da família, da honra, dos papéis sociais de gênero, do casamento e da maternidade, pois o “triunfo da ‘civilização e do progresso’ na esfera pública dependia da ‘salvação’ da família”<sup>293</sup>. O importante é destacar que esta preocupação em divulgar o ideal feminino do recato vinha em grande parte das mudanças que estavam ocorrendo nos hábitos femininos na medida em que novas expectativas de futuro, do novo, chegavam até as mulheres. Aos poucos elas rompiam com a ideia de honra feminina vinculada à reclusão e à honra familiar, pois como afirma Maluf e Mott, “as mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas deste século [XX] incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas”<sup>294</sup>.

Ao analisar a revista *Fon-Fon* podemos perceber que ela queria divulgar o perigo representado pelos novos hábitos das mulheres “modernas”. Estes iam contra a moral. A partir do momento em que foi detectado este perigo foi preciso, então, investir na permanência dos papéis femininos tradicionais como tentativa de evitar a temida imoralidade dos costumes. Este medo, perceptível na revista, era a ameaça da “perdição”, ou seja, da prostituição, pois aquelas mulheres que não seguissem os padrões tradicionais sexistas de conduta poderiam enveredar por este caminho. Margareth Rago, ao analisar a prostituição em São Paulo na passagem do século XIX para o XX, enfatiza como ela foi importante enquanto elemento de sociabilidade e referencial para a definição da “condição feminina”<sup>295</sup>:

A construção da prostituição como um fantasma atingia alguns alvos estratégicos precisos: instituiu as fronteiras simbólicas que não deveriam ser ultrapassadas pelas moças respeitáveis (...). O ideal da pureza da mãe, que se reforça na passagem do século (...) tornava necessária a presença imaginária e empírica da meretriz em lugares destinados para liberação das fantasias sexuais, para o desfrute do prazer, para a ‘descarga’ das energias libidinais masculinas, como se acreditava então<sup>296</sup>

---

<sup>293</sup> BESSE, Susan K, op. cit., p. 65.

<sup>294</sup> MALUF, Marina; Mott, Maria Lúcia, op. cit., p. 360.

<sup>295</sup> RAGO, Margareth, op. cit., p. 25.

<sup>296</sup> Ibidem, p. 41.

Portanto, a *Fon-Fon* ensinava as mulheres a se comportarem de maneira “honesta”, de acordo com os princípios morais divulgados, pois, como afirma Carla Pinsky: “[...] a imagem da prostituta servia para educar; se a mulher de ‘família’ não quer ser identificada como tal figura, não deve parecer-se com ela sequer no modo de falar, caminhar, vestir ou perfumar-se, além de evitar os ambientes por onde circula”<sup>297</sup>.

Caso contrário poderia afetar o seu destino final: o casamento. Em oposição à prostituta, “a mulher ‘de bem’ não eleva a voz, não comete excessos verbais nem fala palavrões”<sup>298</sup>. Afinal, como destaca Margareth Rago, havia um discurso médico que evidenciava na mulher “a existência ameaçadora de uma prostituta”<sup>299</sup>, pois acreditava-se na possível “vulnerabilidade da mulher, suscetível tanto de ser seduzida pelas táticas masculinas, quanto pela própria excitação resultante da agitada vida social da cidade grande”<sup>300</sup>.

Portanto, eram aceitas as mudanças dos hábitos femininos, desde que fossem limitados, pois estes tinham que ser “sadios e de boas maneiras”<sup>301</sup> respeitando a “natureza” feminina e seus possíveis distúrbios sexuais. As “mulheres modernas” deveriam aceitar as novas regras de “convivência heterossexual no espaço público, a vigiada livre circulação (...) e a do diferenciado acesso ao exercício do trabalho remunerado”<sup>302</sup>, aceitando as tarefas consideradas da natureza feminina que evitariam que se tornassem “mulheres perigosas”. A revista se baseava no discurso de médicos e juristas, com a ideia de que por serem frágeis “deveriam estar mais sujeitas à vigilância do que os homens”<sup>303</sup>. Com isto, a *Fon-Fon* defendia a necessidade de conter a emancipação da mulher, pois ela:

Representa o ser do sexo oposto ao masculino, é a companheira integralizadora do homem, é a sua parte affectiva, a collaboradora da sua obra de reprodução da espécie, é a sua aspiração natural, a sua poesia, o seu encanto, o seu consolo moral. Sendo tudo isso, e mais alguma coisa, ella deve manter a sua proporção intrínseca,

---

<sup>297</sup> PINSKY, Carla Bassanezi, op. cit., p. 472.

<sup>298</sup> Ibidem.

<sup>299</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite*, op. cit., p. 142.

<sup>300</sup> Ibidem, p. 143.

<sup>301</sup> PINSKY, Carla Bassanezi, op. cit., p. 473.

<sup>302</sup> MACENA, Fabiana, op. cit., p. 80.

<sup>303</sup> RAGO, Margareth, op. cit., p. 145.

quero dizer respeitar a sua razão íntima, a sua razão de ser. De acordo com os meios, hábitos e classes, ella tem deveres imprescíveis<sup>304</sup>.

No texto, a mulher é colocada como complemento do homem, colaborando com a “sua obra de reprodução da espécie” por ser da natureza feminina. Assim, ela deveria “respeitar sua razão de ser”. Buscavam-se conter as mulheres no espaço privado: “[...] procedimentos estratégicos masculinos, acordos tácitos, segredos não confessados tentam impedir sua livre circulação nos espaços públicos ou a assimilação de práticas que o imaginário burguês situou nas fronteiras entre liberdade e a interdição”<sup>305</sup>.

A *Fon-Fon*, de certo modo, era parte destas estratégias, divulgando suas críticas às iniciativas de algumas mulheres que desejavam sair do padrão socialmente estabelecido. Afinal, ela era conservadora, moralista e tradicionalista no que se refere ao feminino. Logo, as mulheres que, como vimos, queriam trabalhar fora de casa, circular livremente pelas ruas, utilizar roupas consideradas inadequadas, permanecerem solteiras, se formarem em faculdades, eram alvos da imprensa, que as considerava jovens levadas pelo feminismo e pelo objetivo de se igualarem aos homens. Este era o pensamento passado pela maioria das autoras/colaboradoras da revista às leitoras. O discurso da *Fon-Fon*, com suas colunas e seções femininas, demandava da maioria das mulheres a adoção de modelos estabelecidos como feminino ideal. Porém, devemos destacar que, mesmo colaborando com as estratégias do patriarcado, estas autoras se colocavam como sujeitos históricos, com espaço (mesmo que este fosse concedido e limitado) e lugares de fala, pois cada “autora/leitora/indivíduo se constitui na linguagem e na história”<sup>306</sup>.

---

<sup>304</sup> “Arte de prender maridos.” *Fon-Fon*. Anno III, n. 34, 21 de agosto de 1909.

<sup>305</sup> RAGO, Margareth, op. cit., p. 89.

<sup>306</sup> MACENA, Fabiana, op. cit., p. 103.

## CONCLUSÃO

A questão do aborto é uma questão de direitos reprodutivos e como é um direito, as mulheres devem ter o direito de decidir livremente de acordo com sua consciência. Esperamos que os parlamentares sejam porta-vozes da população e não de si mesmos, ou de suas convicções pessoais. Esperamos que nossos legisladores ocupem a tribuna não para defender as suas posições morais e/ou religiosas em detrimento da polifonia existente na sociedade. As mulheres de nossa sociedade merecem ter seus direitos respeitados e para isso é necessário que suas demandas estejam na pauta do legislativo<sup>307</sup>.

“Com o lema ‘É pela vida das mulheres, legalizar o aborto já!’ , centenas de mulheres foram para a porta da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) protestar a favor da legalização do aborto”<sup>308</sup>. Os trechos citados são notícias deste ano de 2016. Tratam da questão do aborto, tema constantemente discutido e defendido pelo movimento feminista neste século. A primeira reportagem fala sobre uma manifestação de mulheres que ocorreu no dia internacional da mulher no centro do Rio de Janeiro, pedindo a legalização do aborto; a segunda igualmente o defende como forma de garantia de direitos das mulheres. Esta tem a particularidade de ser uma fala do movimento “Católicas pelo Direito de Decidir”, movimento de mulheres católicas que defendem o direito das mulheres decidirem sobre suas vidas, inclusive sobre a maternidade:

Católicas pelo Direito de Decidir surge nos anos 90 no Brasil e em outros países da América Latina. O movimento social se organizava através de ONGs e a abertura democrática sinalizava avanços na criação de políticas e projetos voltados para a garantia dos direitos humanos da população. Foi nessa mesma época que o movimento de mulheres assumiu a defesa dos direitos sexuais e direitos reprodutivos. (...) No Brasil, Católicas anuncia seu nascimento em 1993 no Dia Internacional das Mulheres, em um evento feminista. De lá prá cá Católicas no Brasil vem enfrentando desafios, procurando tornar conhecida uma outra forma de compreender a religião, buscando o diálogo com outras igrejas, trabalhando para combater a violência contra as mulheres, defendendo a laicidade do Estado, fazendo uso da mídia para tornar conhecidos seus argumentos, trabalhando em ações de Advocacy, somando-se ao movimento de mulheres brasileiras. Por ocasião da visita do Papa João Paulo II ao Brasil, em 1998, Católicas participa do debate público,

---

<sup>307</sup> “Condenar as mulheres que abortam? Só por cima dos nossos cadáveres”. Site Católicas pelo Direito de Decidir, 10 de fevereiro de 2015. Disponível em: <<http://catolicas.org.br/novidades/notas/mulheres-cadaveres/>> . Acesso em: 05 mar. 2016.

<sup>308</sup> “Mulheres se reúnem na porta da Alerj a favor da legalização do aborto”. Site G1, 8 de março de 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/03/mulheres-se-reunem-na-porta-da-alerj-favor-da-legalizacao-do-aborto.html>>. Acesso em: 09 mar. 2016.



como um ator expressivo, propagando amplamente posições favoráveis à legalização do aborto no país. Realiza pesquisas de opinião encomendadas ao instituto IBOPE que evidenciam que a maioria da população católica não criminaliza as mulheres que abortam, principalmente nos casos previstos pela lei. Nessa ocasião Católicas torna-se nacionalmente uma referência pública, que se opõe ao pensamento oficial da Igreja, no que tange à moral sexual. O grande objetivo de Católicas é trabalhar para provocar mudanças em nossa cultura, desconstruindo a mentalidade conservadora e preconceituosa que impede os avanços nos direitos humanos das mulheres<sup>309</sup>.

O movimento teria surgido nos EUA e se espalhado pela América Latina nos anos 1990 com o intuito de defender os direitos femininos, principalmente os sexuais e reprodutivos que a sociedade, juntamente com a religião, ainda hoje insistem em reprimir. Assim, o Católicas propõe articular as ideias do feminismo com a religião, buscando argumentações teológicas consistentes e oferecendo a possibilidade de encarar a sexualidade como algo positivo e livre de culpa. Algumas propostas que o movimento feminista católico apresenta vão contra o discurso condenatório da Igreja Católica sobre a livre sexualidade, o uso de métodos contraceptivos, a realização do aborto, a independência feminina, entre outros. Isto porque o movimento de católicas feministas entende que a população católica vive uma realidade diferente, onde pratica a sexualidade antes do casamento, usa camisinha e anticoncepcionais, as mulheres abortam, algumas não querem ter filhos ou casar... Enfim, há uma grande defasagem entre o que a Igreja prega e o que os/as fiéis vivem.

A Igreja Católica, acompanhada também de um discurso conservador protestante neopentecostal cada vez mais forte politicamente no início deste século XXI, continua com os mesmos discursos condenatórios sobre a mulher e este é um dos fatores que dificultam a transformação no olhar sobre a condição feminina e o alcance de direitos no Brasil. Como exemplo, destacamos a entrevista de um padre chamado Luiz Carlos Lodi da Cruz, que fala sobre o movimento Católicas pelo Direito de Decidir num site chamado Agência Católica de Informação, reconhecida juridicamente como associação educativa vinculada a Igreja Católica:

O Padre Luiz Carlos Lodi da Cruz, encarregado de um dos apostolados pró-vida mais exitosos de Anápolis, precisa por sua parte que é impossível que os católicos apoiem o aborto, do que se deduz que as CDD são falsas católicas. Segundo Padre Lodi, quando os católicos se sentem confundidos pelas argumentações a favor do aborto, simplesmente devem recorrer a documentos eclesiais como a encíclica de

---

<sup>309</sup> “Histórico do movimento”. Site Católicas pelo Direito de Decidir. Disponível em: <<http://catolicas.org.br/institucional-2/historico/>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

João Paulo II, *Evangelium Vitae*, para constatar que os ensinamentos da Igreja vão na contra-mão da moral e o aborto sempre será algo mal por implicar a morte deliberada de um ser humano inocente<sup>310</sup>.

O posicionamento do padre é apenas um exemplo da resistência da religião ao avanço dos direitos reprodutivos femininos. Ele acusa as mulheres do movimento feminista católico de “falsas católicas” por defenderem o aborto.

Neste sentido, percebemos o quanto a questão segue complexa na atualidade, após todo o avanço do movimento feminista durante o século XX. Se em seu início o divórcio gerava muita polêmica, agora o aborto ocupa este lugar. Cabe destacar a importância de movimentos como o Católicas no cenário atual do país e para possíveis futuros avanços em nossa sociedade. Afinal, os movimentos feministas estão crescendo no século XXI e com muitas e diferentes vertentes, o que atende aos interesses de variados grupos, de um lado, e, de outro, e se torna um desafio para o fortalecimento e o diálogo entre eles. Mirla Cisne em um artigo escrito para a revista *Cult*, especial pelo dia internacional da mulher, destaca justamente esta questão dos movimentos feministas particulares e defende que:

A construção de um feminismo que incorpore as particularidades das mulheres negras, indígenas, lésbicas, trabalhadoras do campo e da cidade, sem cair na fragmentação de suas identidades, mas, articulando-as em torno de um projeto societário radicalmente emancipatório, segue sendo um grandioso desafio. O que exige o fortalecimento dos movimentos feministas com autonomia política frente aos governos, para que possam cumprir o seu papel político de resistir, reivindicar e protestar com radicalidade. Por isso, a conquista da autonomia é o maior desafio ao feminismo e aos movimentos sociais de uma maneira geral, em uma conjuntura atravessada por conservadorismos, envolvimento manipulatórios, discursos de governabilidade e pragmatismo político<sup>311</sup>.

Ou seja, os movimentos feministas particulares são importantes, pois é a partir do conhecimento subjetivo e individual de cada mulher que o feminismo consegue alcançar a consciência militante. Porém, não se deve focar somente na consciência individual, mas sim na luta coletiva, já que a liberdade de uma mulher exige a de todas. Assim, seria possível enfrentar o peso do conservadorismo na sociedade que impede avanços femininos importantes e, muitas vezes, leva a um retrocesso histórico, como a lei do nascituro (que propõe a criminalização do aborto nos casos em que já é legalizado no país) e a própria dificuldade de

<sup>310</sup> “A verdade sobre as “Católicas pelo Direito de Decidir”. Site acidigital. Disponível em: <<http://www.acidigital.com/controversia/direito.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2016.

<sup>311</sup> CISNE, Mirla. “Consciência e lutas feministas: conquistas e desafios no Brasil”. *Revista Cult: Percepções do feminino e ações feministas*. Ano 19, n. 210, março de 2016, p. 36.

aplicação da lei Maria da Penha (aprovada em 2006). Mirla Cisne também destaca outros retrocessos, como:

[...] persistência da divisão sexual e racial do trabalho; autossustentabilidade dos Movimentos; necessidade de organicidade associada à capacidade de ampliação das lutas com carácter nacional; crescimento do conservadorismo fundamentalista, inclusive, o parlamento brasileiro que fere cotidianamente o princípio da laicidade do Estado; fragilidade no debate e na produção teórica feminista [...] <sup>312</sup>.

Estes são alguns dos motivos que nos levam a defender a necessidade de se estudar as relações de gênero na atualidade. Para Cisne, a mulher da atualidade precisa:

[...] de uma ruptura radical com a ideologia de naturalização dos sexos e toda a alienação a ela associada, a começar pela descoberta de si como sujeito, deixando de ser apropriada para se autogovernar, ou melhor, para apropriar-se de si. Com isso, a descoberta da força individual das mulheres torna-se, ao mesmo tempo, força política coletiva, posto que essa apropriação de si mexe com estruturas sociais como a família, as igrejas, as escolas, instituições jurídicas etc. Há, portanto, o estabelecimento de conflitos e enfrentamentos à medida que a mulher sai da invisibilidade, entra na cena política e se constitui como sujeito histórico ou, simplesmente, passa a existir politicamente, tendo voz no lugar do medo <sup>313</sup>.

Além disto, somos confrontados constantemente com outras questões de gênero, como a transfobia e a homofobia, desafios que se colocam para o campo e que vão muito além das relações entre homens e mulheres. A discussão sobre os direitos destes grupos encontra-se apenas em seu início.

Nesta pesquisa percebemos uma construção do feminino no início do século XX a partir de divisões de gênero. A mulher era representada a partir de valores patriarcais que conjugavam tradição e modernidade, assim como todo o projeto de modernização no Brasil. Neste sentido, refletimos sobre o discurso de modernidade na revista *Fon-Fon* e percebemos a forte exclusão social e a dominação de gênero que esta promovia. Os argumentos usados contra as feministas que vimos ao longo da dissertação, baseados no deboche, na ironia e na ridicularização, estão ainda muito presentes atualmente no combate ao movimento. Porém, notamos também a importância do surgimento do movimento feminista no século XX e o quanto ele afetava a sociedade conservadora com uma possível ameaça de perda de controle sobre a mulher e sua possível conquista de autonomia. A partir da análise da revista, foi

---

<sup>312</sup> CISNE, Mirla. “Consciência e lutas feministas: conquistas e desafios no Brasil”. *Revista Cult: Percepções do feminino e ações feministas*. Ano 19, n. 210, março de 2016, p. 35.

<sup>313</sup> *Ibidem*, p. 37.

possível, ao mesmo tempo, estudar o vestuário como representação de poder. Sua análise serviu como pretexto para pensar o gênero e questões muito mais amplas como o papel social feminino na sociedade, as normas de conduta, a desigualdade entre as classes, entre outros.

No primeiro capítulo, percebemos o quanto a construção da modernidade estava ligada à tradição patriarcal, assim como as relações de gênero e a imprensa no Brasil. Refletimos sobre os conceitos de dominação masculina e patriarcado, a fim de delimitar qual deles se inseria melhor em nosso estudo e apontamos o quanto o patriarcalismo está enraizado na sociedade. No capítulo dois, analisamos a condição feminina na sociedade do início do século XX, utilizando o estudo do vestuário e dos comportamentos a partir da *Fon-Fon*. No terceiro e último capítulo, estudamos a participação feminina na revista, buscando conferir um lugar de fala às mulheres, mesmo que a maioria corroborasse com os papéis tradicionais considerados femininos, pois o importante era ouvi-las e não apenas os homens falando por elas. Dentre estas mulheres estava a escritora francesa Mme. Laurence Bloch a quem dedicamos boa parte do capítulo. Neste conjunto, percebemos que a *Fon-Fon* compartilhava o projeto de instauração da modernidade e divulgava o comportamento ideal moderno a ser seguido por toda sociedade e, principalmente, pela mulher. Entendemos que a revista buscava apresentar ao público feminino uma forma de ser moderna sem perder os valores da tradição (como virgindade, lar, família, casamento e maternidade).

Como vimos nas notícias atuais citadas no início destas considerações, temas semelhantes, embora com diferentes enfoques e intensidade, continuam ganhando destaque na imprensa e na sociedade, impedindo a legalização do aborto, por exemplo. A proposta desta dissertação era de colaborar para o campo dos estudos de gênero não apenas no século passado, mas também hoje, pensando sobre o futuro que queremos. Esta abordagem foi uma opção particular entre as muitas possíveis para a compreensão do problema e que, acreditamos, ainda poderá render interessantes estudos.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Ângela. “Teoria das representações sociais e teorias de gênero”. *Cadernos de Pesquisa*, n. 17, novembro de 2002, p. 127-147.

AZEVEDO, André Nunes. “A reforma Pereira Passos: Uma tentativa de integração urbana”. *Revista Rio de Janeiro*, n. 10, maio-ago, 2003, p. 39-79.

BARCELOS, Ana Paula. “Escrita da História, Catolicismo e Integração Nacional na Passagem do Século XIX para o XX”. *Anais do I Seminário Internacional “Brasil no século XIX”*. Vitória, 25 a 29 de agosto de 2014.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: Um Haussmann Tropical. A Renovação Urbana da Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XX*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BESSE, Susan K. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1919-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

\_\_\_\_\_. *Economia das trocas simbólicas. Campo do Poder, campo intelectual e habitus de classe*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989.

BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

CAMPOS, André Luiz Vieira. “O Instituto de Assuntos Interamericanos e o Serviço Especial de Saúde Pública”. *Políticas Internacionais de Saúde na Era Vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942-1960*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p. 879-888.

CARULA, Karoline; CORRÊA, Maria Leticia; ENGEL, Magali Gouveia (org.). *Os intelectuais e a nação: educação, saúde e a construção de um Brasil moderno*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013.

CAUFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio; NEDER, Gizlene (org.) *Idéias jurídicas e autoridade na*

*família*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

FEIJÃO, Rosane. *Moda e modernidade na Belle Époque Carioca*. Editora Estação das letras. Rio de Janeiro, 2011.

FERREIRA, Jorge Luís; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano: O Tempo do Nacional- Estatismo do Início da Década de 1930 ao Apogeu do Estado Novo*. V. 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FILHO, Gisálio Cerqueira, NEDER, Gizlene (org.) *Idéias jurídicas e autoridade na família*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. Rio de Janeiro: José Olympio Editorial, 1961.

GARZONI, Lericé de Castro. *Arena de Combate: gênero e direitos na imprensa diária* (Rio de Janeiro, início do século XX). Campinas, SP: Global Editora, 2012.

GOMES, Ângela de Castro. *A República, a história e o IHGB*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2009.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais cariocas, o modernismo e o nacionalismo: o caso de Festa. *Luso-Brazilian Review*. Madison/EUA: University of Wisconsin Press, 41:1, 2000, p. 80-106.

HARVEY, David. *Paris: a capital da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.

KNAUSS, Paulo et al. (org.). *Revistas ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Mauad X/ Faperj, 2011, p. 7-14.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. RJ: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

LARA, Silvia Hunold. Diferentes e desiguais. In: *Fragmentos setecentistas: escravidão, cultura e poder na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 79-125.

LEFEBVRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Moraes, 1991.

LINS, Vera. “O simbolismo, o modernismo e as revistas da virada do século. Fon-Fon

Buzinando a Modernidade”. *Cadernos de Comunicação*. Série Memória, 22. Secretaria Especial de Comunicação Social. Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2007, p. 9-75.

LÔBO, Yolanda; FARIA, Lia (org.). *Vozes femininas do Império e da República*. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

LOYOLA, Maria Andréa. Bourdieu e a sociologia. In: BOURDIEU, Pierre. *Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 1- 98.

LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

MACENA, Fabiana Francisca. *Madames, mademoiselles, melindrosas: “feminino” e modernidade na revista Fon-Fon (1907-1914)*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MACHADO, Lia Zanotta. *Perspectivas em confronto: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo?* Série Antropologia, Brasília, 2000, p. 2-20.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. *Tempo*, Rio de Janeiro, vol.1, n.2, 1996, p. 1- 15.

\_\_\_\_\_. *Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social pela classe dominante no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Tese de doutorado. 2 v. Niterói, UFF, Programa de Pós-Graduação em História Social, 1990.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia (org.) *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. “Mulheres ‘modernas’, mulheres ‘perigosas’”. *Revista Múltipla* (UPIS). v.14, 2006, p. 125-133.

NAHES Semiranis. *Revista Fon-Fon: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.

NEEDEL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ORTIZ, Renato (org). *Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

PEREIRA, Aline P.; BARCELOS, Ana Paula. Tensões, escolhas e expectativas: ideias políticas e contexto histórico e social a partir de trajetórias individuais. *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*. Rio de Janeiro: v. 5, número 2, maio-agosto, 2013, p. 286-306.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru/São Paulo: EDUSC, 2005.

\_\_\_\_\_. *Les dessus et les dessous de la bourgeoisie- une histoire du vêtement au XIX eme siècle*. Paris: Fayard, 1981.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

QUINTAS, Fátima. *Sexo à moda patriarcal: O feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre*. Ed. Global, SP. 2008.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. São Paulo. Editora: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. “Entre o desejo e a norma: as escritoras do Brasil”. In: *Labrys-Estudos Feministas*, n. 11, jan/jun. 2007.

\_\_\_\_\_. *Os Prazeres da Noite. Prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROMANO, Roberto. *Conservadorismo Romântico*. 2a Ed. São Paulo: UNESP, 1997.

SAFFIOTI, H. I. B. “Abuso Sexual Pai-Filha”. In: Fátima Quintas. (Org.). *Mulher Negra: preconceito, sexualidade e imaginário*. Recife: Massangana, 1995, v. 1, p. 162-198.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

SEVCENKO, Nicolau (org.). *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. Volume 3. São Paulo: Companhia das Letras. Editora: Schwarcz, 1998.

\_\_\_\_\_. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SETTON, Francismar Maria da Graça. “A Moda Como Prática Cultural e Pierre Bourdieu”.

IARA *Revista de Moda, Cultura e Arte*. São Paulo, v. 1, n. 1, Abr/Ago. 2008, p. 119- 141.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil da análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, o. 5-22, jul./dez., 1990, p. 5- 22.

TODOROV, Tzvetan. *A vida em comum: Ensaio de antropologia geral*. Campinas: Papius, 1996.



VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VASCONCELOS, Francisco Figueira de Melo F. *Educação Sexual da Mulher*. Rio de Janeiro. (S/Edit.). 67 p. Tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1915.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e Quixotes*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

WALBY, Sylvia. *Theorizing patriarchy*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica. 1964.